

O E S S E N C I A L S O B R E

# A Língua Portuguesa como Ativo Global

Luís Reto, Nuno Crespo, Rita Espanha,  
José Esperança e Fábio Valentim

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



O ESSENCIAL SOBRE

# A Língua Portuguesa como Ativo Global



O E S S E N C I A L S O B R E

# A Língua Portuguesa como Ativo Global

Coordenação de Luís Reto

Nuno Crespo

Luís Reto

José Esperança

Rita Espanha

Fábio Valentim



# Índice

- 9 **Introdução**  
Capítulo I
- 17 **A galáxia linguística atual**  
Capítulo II
- 23 **De língua local a língua global**  
Capítulo III
- 35 **Dimensão económica da língua**  
Capítulo IV
- 49 **Em busca de uma ordenação de línguas  
globais**  
Capítulo V
- 97 **As redes do Instituto Camões e dos  
centros culturais do Brasil e o Instituto  
Internacional da Língua Portuguesa**  
Capítulo VI
- 113 **Perceção e uso do português pelos  
estudantes do Camões, I. P.**
- 137 **Considerações finais**
- 142 Referências bibliográficas
- 147 Fontes estatísticas, documentais  
e institucionais
- 148 Anexos

## Índice de gráficos

Gráfico 1 – As várias ordenações de línguas	16
Gráfico 2– Esquema da galáxia de línguas de Abram de Swaan	22
Gráfico 3 – Línguas mais faladas pela população de Angola (2014)	30
Gráfico 4 – Abordagem seguida para a construção dos ordenações de línguas globais	51
Gráfico 5 – Cinco dimensões complementares de caracterização das línguas	54
Gráfico 6 – Número de falantes de língua materna (L1), milhões – As dez mais	57
Gráfico 7 – Primeira ordenação de línguas: falantes (L1 e L2) – As dez mais	62
Gráfico 8 – Dimensão economia: ordenação de línguas – As dez mais	70
Gráfico 9 – Os dez maiores países do mundo (área)	75
Gráfico 10 – Dimensão recursos naturais e sustentabilidade: ordenação de línguas – As dez mais	77
Gráfico 11 – Dimensão comunicação: ordenação de línguas – As dez mais	78
Gráfico 12 – A evolução do número de artigos científicos publicados em cada língua entre 1960 e 2015 (inglês não incluído)	84
Gráfico 13 – Dimensão educação, cultura e ciência: ordenação de línguas – As dez mais	85
Gráfico 14 – Dimensão influência mundial: ordenação de línguas – As dez mais	88
Gráfico 15 – Cinco dimensões de caracterização: ordenação de línguas (impacto global) – As dez mais	90
Gráfico 16 – Segunda ordenação: falantes (50 %) + impacto global (50 %) – As dez mais	90
Gráfico 17 – Previsões económicas e demográficas: ordenação de línguas – As dez mais	93
Gráfico 18 – Terceira ordenação de línguas mundiais: falantes, cinco elementos adicionais de caracterização e previsões económicas e demográficas – As dez mais	93



## Índice de quadros

Quadro 1 – Evolução da população dos países da CPLP de 1955 a 2017	14
Quadro 2 – População em 1500	32
Quadro 3 – Progressão comparativa do português com outras línguas	32
Quadro 4 – Estimativas da população da CPLP para 2050 e 2100	33
Quadro 5 – Anúncios de emprego <i>online</i> e posição das línguas	39
Quadro 6 – Indicadores gerais de atividade do Camões, I. P.	100
Quadro 7 – Países onde o Camões, I. P., atua, por regiões	102
Quadro 8 – Indicadores gerais de atividade da Rede Brasil Cultural	106
Quadro 9 – Países onde a Rede atua, por regiões	107
Quadro 10 – Países e cidades de localização dos leitorados brasileiros no estrangeiro	108
Quadro 11 – Situações de uso da língua portuguesa nos três inquéritos	116
Quadro 12 – Usos atuais e expectativas de uso futuro da língua portuguesa, nos inquéritos de 2008 e 2016/2017	119
Quadro 13 – Nomes dos países onde o português é língua oficial	128
Quadro 14 – Conhecimento de instituições políticas e culturais de língua portuguesa - Inquérito de 2008	129

## Índice de tabelas

Tabela 1 – Estimativa própria do número de falantes de língua portuguesa	31
Tabela 2 – Os dez países mais populosos do mundo e principais línguas faladas	56
Tabela 3 – As dez línguas mais importantes em L1 ou L2	59
Tabela 4 – Principais riscos à escala global e sua categorização	73
Tabela 5 – As oito línguas com maior número de publicações em 1960 e 2015, no Science Citation Index (SCI) e no Social Sciences Citation Index (SSCI)	83
Tabela 6 – As dez línguas mais importantes em cada uma das três ordenações	95



# Introdução

Este pequeno livro vem na sequência de vários estudos e publicações sobre a língua portuguesa enquanto ativo económico e estratégico dos países da CPLP, não tratando, por isso, de temáticas filológicas ou literárias.

A primeira publicação (em 2012) – *Potencial Económico da Língua Portuguesa* – agregou um conjunto de estudos solicitados ao ISCTE-IUL pela Presidente do Instituto Camões, Dr.<sup>a</sup> Simonetta Luz Afonso. Esta colaboração entre as duas instituições continuou durante as presidências seguintes, com a Professora Ana Paula Laborinho e com o atual Presidente, o Sr. Embaixador Luís Faro Ramos. A todos agradecemos o apoio que foram fornecendo às várias equipas de investigação envolvidas nestes projetos e outros atualmente em curso.

Em 2016 teve lugar a 1.<sup>a</sup> edição (bilingue – português/inglês) do *Novo Atlas da Língua Portuguesa*, seguida, em 2018, de uma 2.<sup>a</sup> edição. Em 2018, o *Atlas* foi editado em novas versões bilingues: português/espanhol, português/francês e português/mandarim.

Neste livro, para além de alguns conteúdos presentes nos estudos que acabámos de referenciar, integramos uma primeira ordenação das 10 línguas mundiais mais relevantes. Esta é uma ordenação de línguas que não se reduz apenas ao número de falantes mas que integra várias outras dimensões, como indicadores económicos, de influência ou de dispersão geográfica de cada comunidade linguística. Este trabalho estende-se a 110 línguas (cada uma delas com mais de 1 milhão de falantes) mas, dado o carácter sintético que um livro como este assume, apenas apresentamos os resultados globais para as 10 línguas mais bem classificadas no conjunto dos indicadores utilizados nesta ordenação.

Numa próxima obra dedicada exclusivamente a esta temática, apresentaremos, em profundidade, os fundamentos metodológicos e uma análise exaustiva dos resultados obtidos para as 110 línguas em análise.

A importância estratégica da língua portuguesa, para Portugal e para os restantes países da CPLP, está longe de ser plenamente assumida nas políticas públicas do nosso país e também dos restantes Estados que integram a nossa comunidade linguística.

Das cerca de 7000 línguas ainda faladas no nosso planeta, raras são aquelas que integram o grupo de línguas que podemos considerar globais, como é o caso do português.

Com efeito, menos de uma dezena de línguas no mundo pode hoje reivindicar esse estatuto quando as avaliamos em número total de falantes (maternos ou língua segunda), em simultâneo com o seu impacto global (número de países em que é língua oficial) e a dispersão geográfica desses países pelos

vários continentes, ou a sua presença e relevância nas artes ou nas redes sociais.

Há línguas muito bem posicionadas no parâmetro de número de falantes maternos, como é o caso de algumas línguas da União Indiana (híndi) e do Bangladesh (bengalês), mas o seu estatuto continua a ser o de línguas locais.

Ao inverso, a língua francesa, apesar do reduzido número de falantes maternos (cerca de 80 milhões), pelo elevado número de falantes como língua segunda (cerca de 200 milhões) e pelo facto de continuar a ser uma das línguas oficiais da ONU e de vários países, consegue manter ainda um estatuto de língua global.

Neste «campeonato» linguístico mundial, a língua portuguesa conhece uma posição privilegiada, pois não só tem um número elevado de falantes maternos (como veremos adiante), como é língua oficial em nove países e uma região administrativa (Macau), dispersos por todos os continentes. Só a língua inglesa consegue uma posição superior, se tivermos em conta o número de falantes maternos e a dispersão geográfica dos países em que é língua oficial. Tanto o mandarim como o espanhol estão à frente do inglês em falantes maternos, mas com uma dispersão continental inferior à língua inglesa e à língua portuguesa.

Enfim, quaisquer que sejam os critérios utilizados para ordenar a importância das línguas nos nossos dias, a língua portuguesa mantém uma posição sólida entre as dez línguas mundiais mais importantes.

Esta posição ímpar de uma língua originária de um pequeno país só foi possível de alcançar pela

crescente força demográfica e económica dos países que integram a CPLP e pelas políticas definidas pelos respetivos governos após as recentes independências, ao assumirem o português como língua oficial. Construiu-se, assim, um património comum, pertencente por inteiro a todos os seus falantes, que a todos pode trazer vantagens, quer nas relações bilaterais, quer na cena mundial.

Apesar das críticas que é justo fazer à ação dos sucessivos governos dos países da CPLP, a incorporação do valor da língua comum aos países da CPLP tem vindo a fazer o seu caminho. Não podemos esquecer que a CPLP tem apenas duas décadas de existência, que boa parte desse período foi perdido nas guerras civis de alguns PALOP e que só recentemente Timor-Leste conseguiu conquistar a sua independência da Indonésia. Neste período conturbado há que destacar, pela positiva, a criação em Cabo Verde do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), que, apesar de muitas dificuldades de financiamento, tem desenvolvido um trabalho meritório no levantamento das variantes de cada país e, também, na oferta de ensino a distância, bem como o apoio que foi possível mobilizar para a formação de professores de português em Timor-Leste, após a independência da Indonésia.

As sucessivas declarações oficiais das últimas cimeiras da CPLP sobre a importância da língua para o conjunto dos países de expressão portuguesa permitem ter esperança que serão adotadas medidas concretas para uma Política de Língua comum nos próximos anos.

Muito há a fazer, mas parece ter chegado a hora de, em conjunto, os países que integram a CPLP

unirem esforços e tirarem proveito desse enorme património que constitui a nossa língua comum.

O propósito desta obra é, de forma simples e sumária, fornecer ao público em geral alguns dados que ajudem a compreender o que foi a dinâmica da nossa língua, desde a sua estabilização por volta do século xv, o seu apogeu nos séculos seguintes como língua franca internacional, e a sua decadência até ao último quartel do século xx. De facto, só o crescimento demográfico e económico do Brasil, em simultâneo com a independência dos PALOP e Timor-Leste, deu à língua portuguesa a sua força atual e, mais ainda, a sua força futura. Este «renascimento» da língua portuguesa é bem evidente na explosão demográfica dos países da CPLP, como consta no quadro seguinte e nas projeções da Organização das Nações Unidas para a população dos países da CPLP até ao ano de 2100, que apresentaremos a seguir.

**Quadro 1 – Evolução da população dos países da CPLP de 1955 a 2017 (em milhares)**

País	Anos							
	1955	1965	1975	1985	1995	2005	2015	2017
Angola	5 116	6 203	7 682	10 609	14 269	19 553	27 859	29 784
Brasil	62 569	83 498	107 612	135 676	162 297	186 917	205 962	209 288
Cabo Verde	197	231	272	315	389	475	533	546
Guiné-Bissau	575	653	778	900	1 137	1 381	1 771	1 861
Guiné Equatorial	239	277	260	359	505	757	1 175	1 268
Moçambique	6 702	8 203	10 344	12 984	15 759	20 923	28 011	29 669
Portugal	8 671	8 914	9 224	9 986	10 150	10 566	10 418	10 330
São Tomé e Príncipe	59	65	83	104	126	156	196	204
Timor-Leste	461	548	665	667	871	1 026	1 241	1 296
Total	84 590	108 593	136 921	171 599	205 503	241 754	277 166	284 246

**Fontes:** United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017), para dados de 1955 a 2015; United Nations, World Population Prospects: The 2017 Revision (2017), para dados de 2017.

Nesta explosão demográfica, o Brasil teve o papel central. Contudo, como veremos no capítulo II, caberá aos países africanos a grande contribuição demográfica para a CPLP até ao final do século XXI.

Dois outros fatores são relevantes para a atual pujança da língua portuguesa. Um deles é o grande crescimento de falantes de português em África, fruto não só do crescimento populacional, mas, sobretudo, da crescente alfabetização em português das suas populações. As independências africanas e de Timor-Leste fizeram mais pela língua portuguesa nesses territórios do que 500 anos de colonização. Paradoxos da História!

Um outro fator, não menos importante, é o crescimento económico que os países da CPLP



conheceram nos últimos anos, com particular relevância para o Brasil, que é hoje a 9.<sup>a</sup> economia do mundo.

De facto, a força de uma língua mede-se pelo número de falantes, mas também, ou sobretudo, pelo poder da sua economia, que pode projetar a sua cultura, ciência e influência no mundo.

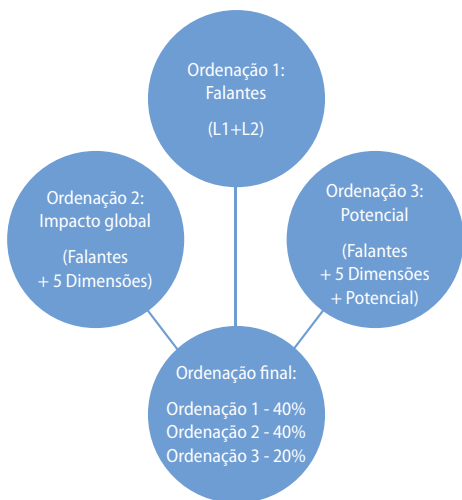
Tudo ponderado, podemos, pois, afirmar que chegou uma nova hora para a língua portuguesa. Assim saibam os dirigentes dos nossos países perceber a importância estratégica deste nosso património comum.

A presente obra estrutura-se em três partes.

A primeira contempla uma componente mais genérica sobre as problemáticas históricas, estratégica e económica.

A segunda é dedicada à apresentação dos resultados de um estudo comparado de 110 línguas, com destaque para as posições alcançadas pela língua portuguesa nos vários parâmetros utilizados neste «campeonato» mundial das línguas, destacando-se nesta ordenação as línguas que integram o *top 10* em cada dimensão analisada. Esta ordenação final surge depois dos resultados obtidos noutras três ordenações (no gráfico abaixo), sobre as quais falaremos mais adiante neste livro.

## Gráfico 1 – As várias ordenações de línguas



Este é um trabalho «em progresso», que continuaremos a aprofundar, quer pela recolha de mais indicadores, quer através de uma análise mais detalhada dos dados recolhidos, cujos resultados esperamos publicar brevemente.

Finalmente, a terceira parte é inteiramente dedicada à presença do português no mundo, numa dupla perspetiva: apresentação de dados atualizados sobre a rede de instituições do Camões, I. P., da Rede Brasil Cultural e do ILLP, a par de dados de natureza mais qualitativa sobre as perceções dos estudantes de português do Instituto Camões espalhados pelo mundo acerca da língua portuguesa, recolhidos em três períodos distintos ao longo dos últimos anos.

# Capítulo I

## **A galáxia linguística atual**

Na história da evolução das línguas podemos estabelecer algum paralelismo com a história da evolução das espécies. Num e noutro caso constatamos dois movimentos similares. O primeiro, no sentido de diversidade, das espécies e das línguas, seguido de um movimento oposto de diminuição da diversidade e do número, tanto nas espécies animais e vegetais, como das línguas. O segundo é que este processo é influenciado decisivamente pela ação do homem sobre a natureza, no caso das espécies, e totalmente pela correlação de forças na história das comunidades humanas, no caso da diminuição da diversidade linguística.

De facto, as espécies animais e vegetais conheceram um crescendo de diversificação a partir do momento em que as condições de vida na terra se foram estabilizando. No entanto, sabemos bem que a diversidade animal e vegetal se encontra em progressiva diminuição por ação da nossa atividade e do crescente número de seres humanos no *habitat* terrestre.

Algo de semelhante se passou no campo linguístico. O grupo reduzido de homínídeos que a partir do continente africano se espalhou por toda a superfície terrestre, dando lugar a centenas de comunidades de *Homo sapiens*, provocou, na sua dispersão, o nascimento de milhares de diferentes línguas próprias de cada grupo, originando uma Babel bem referenciada em textos bíblicos e nas representações artísticas ao longo da História.

Porém, o contacto entre essas várias comunidades por motivos de caça, guerra, trocas, ou outros, obrigou invariavelmente à criação de elementos de intercompreensão linguística que possibilitaram as relações entre os vários grupos e o crescimento numérico dessas comunidades.

Por força do desenvolvimento agrícola, ou da conquista, por parte das comunidades mais fortes, teve início um processo de afirmação de umas línguas face a outras, conduzindo ao desenvolvimento das línguas dominantes, sempre na forma escrita, enquanto outras iam desaparecendo, ou permaneciam apenas na sua forma oral. A Babel original conhece assim uma progressiva diminuição da sua diversidade à medida que os sucessivos poderes imperiais vão impondo as suas línguas às comunidades conquistadas.

O conhecido processo de adaptação/evolução das espécies humanas e vegetais parece, pois, repetir-se no universo linguístico, não por força do ambiente, mas, neste caso, pela dinâmica das relações de força entre as várias comunidades humanas.

No entanto, este é um processo com avanços e recuos, implicando que línguas temporariamente dominantes desapareçam e outras, até aí dominadas,

venham a florescer. As relações de força dominantes em cada período histórico foram tecendo a história linguística da humanidade num percurso nada linear.

Uma coisa, porém, é certa. À medida que os impérios se foram alargando, a diversidade linguística primitiva começou a conhecer retrocessos.

No caso do Ocidente, depois da queda dos Impérios Grego, Romano e Árabe, parecia que a diversidade linguística voltaria a ganhar a batalha contra o domínio de línguas imperiais como o latim ou o árabe. Porém, com o advento e a institucionalização dos Estados-nação, no fim da Idade Média, a diversidade linguística conhece de novo um adversário poderoso na figura do poder real centralizado. As diferentes comunidades, regiões, ou pequenos Estados, são progressivamente obrigados a falar a língua do rei.

Este combate à diversidade linguística conheceu um aliado inesperado na descoberta de Gutenberg:

A impressão tipográfica ajudou a consolidar as identidades nacionais. Na linguagem oral, havia várias centenas de, por exemplo, línguas «inglesas», que eram dialetos mutuamente incompreensíveis. Mas, em letra impressa, eram poucos os que havia. Foi graças a este campo de comunicação que os falantes de inglês, francês, espanhol, italiano e alemão começaram, gradualmente, a tomar consciência de que pertenciam, cada um, a uma comunidade mais vasta de milhões de pessoas que nunca poderiam ter imaginado: uma nação.

Goldin e Kutarna (2019)

Este será um processo lento e, ainda hoje, inacabado na própria Europa. Basta lembrarmos-nos das questões de identidade linguística e cultural ainda bem presentes em Espanha, Reino Unido e outros países europeus.

Um outro movimento histórico viria a contribuir de forma decisiva para a diminuição da diversidade linguística noutras regiões do globo e para a expansão de muitas das línguas hoje consideradas línguas globais. Referimo-nos à consolidação dos impérios coloniais europeus, iniciada com os Descobrimientos Portugueses do século xv.

Nesta obra considera-se como língua global aquela que preencha, pelo menos, dois de três requisitos: ser língua oficial das Nações Unidas, ser língua oficial em pelo menos três países e ser língua primeira ou segunda falada por mais de 200 milhões de pessoas.

A primeira globalização viria a ter um efeito decisivo, entre outros, na configuração do universo linguístico atual. As quatro línguas ocidentais hoje mais faladas no mundo – inglês, espanhol, português e francês, – são um resultado direto dessa fase da história da humanidade. Com exceção da língua mais falada de sempre – o mandarim, ainda hoje a primeira língua mundial –, nenhuma das restantes línguas de África, América e Ásia conseguiu manter um estatuto concorrente com as quatro grandes línguas coloniais.

Finalmente, um novo fenómeno social ameaça ainda mais a diversidade linguística. Trata-se da crescente taxa de urbanização das populações, que atinge todas as geografias do nosso planeta. O esvaziamento das pequenas comunidades isoladas

durante séculos, por via da emigração crescente para os centros urbanos mundiais, leva à desaparecimento das línguas locais por força da interação com as línguas dominantes.

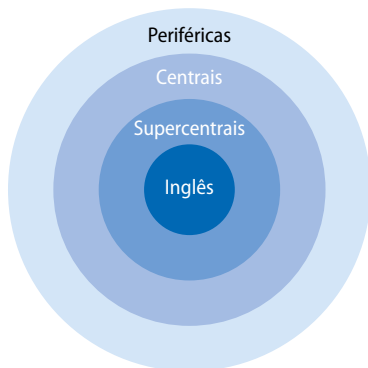
Foi-se assim consolidando, até à nossa época, o que Abram Swaan apelida de «The Global Language Constellation», no seu livro *Words of The World* (2001). Não se pense, porém, que este longo processo histórico extinguiu ou diminuiu drasticamente a diversidade linguística do planeta. Segundo os dados de um dos sítios de referência desta área, existem ainda hoje no globo mais de 7000 línguas com falantes ativos. A grande mudança, contudo, processou-se ao nível do número de falantes de cada uma destas 7000 línguas, indo de línguas como o mandarim, com mais de 900 milhões de falantes, até às pequenas línguas locais, com apenas umas centenas de falantes ativos. Há línguas que não chegam sequer à centena de falantes.

Swaan (2001), na obra já referida, propõe-nos uma leitura do atual universo linguístico mundial usando a figura da constelação e recorrendo ao modelo gravitacional, tal como o observamos a nível astronómico.

Neste universo linguístico, distingue entre todos «os astros» a atual língua franca – o inglês –, que o autor apelida de língua hipercentral.

Em torno deste grande «astro» gravitam outras línguas apelidadas pelo mesmo autor de línguas supercentrais. Esse conjunto de línguas é composta pelas seguintes: mandarim, francês, espanhol, árabe, híndi, português, russo, malaio, japonês, alemão e suaíli.

Gráfico 2 – Esquema da galáxia de línguas de Abram de Swaan



Em torno de cada uma destas línguas gravitam, por sua vez, outras línguas com maior ou menor grau de proximidade. A galáxia linguística de Swaan distingue ainda mais 100 línguas apelidadas de línguas centrais e vários milhares de línguas periféricas.



## Capítulo II

# De língua local a língua global

A bula papal de Alexandre III *Manifestis Probatum*, de 1179, que reconhece finalmente D. Afonso Henriques como rei de Portugal, vem formalizar uma situação de facto de domínio territorial do que é hoje a quase totalidade do território do nosso país. Esta luta pelo domínio do território levou ao nosso primeiro rei mais de quatro décadas, conhecendo avanços e recuos, quer sobre os territórios dos reinos vizinhos (Leão e Castela), quer, sobretudo, sobre os territórios na posse das forças árabes.

Se esta conquista e consolidação territorial foi lenta, a conquista da identidade linguística do novo reino foi, no entanto, muito mais lenta.

Realmente, «o tempo das línguas é um tempo longo, pelo que apenas se pode medir em séculos e às vezes em milénios», como bem demonstra Ostler (2005) na sua obra fundamental *Empires of The Word: A Language History of The World*.

No caso português, mesmo depois do reconhecimento papal da nossa independência como país, a

língua dominante manteve-se o galaico-português. Só por volta de 1400 a língua portuguesa conhece uma relativa autonomia, embora mantendo uma forte presença do castelhano nos textos impressos. «A abundância de castelhanismos nalguns dos primeiros livros impressos em língua portuguesa vem confirmar que em finais do século xv havia uma grande contaminação do Castelhana [...] Depois do Latim, o Castelhana foi a língua que mais contribuiu com empréstimos vocabulares nessa época.» (Machado, 2016: 222.)

Aliás, a primeira gramática de língua portuguesa, de autoria de Fernão de Oliveira, apenas surge em 1536, seguida, logo em 1540, da gramática do grande apologista da nossa língua, João de Barros.

Mesmo assim, o território nacional estava muito longe de ser o espaço de monolinguismo que hoje nos caracteriza. Várias línguas e dialetos proliferavam no nosso país, situação que justifica o édito real de D. João, em 1656, que se transcreve de seguida:

D. João por graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, &c. &c. Faço saber aos que esta minha Lei virem, que sendo-me pedido pelos Tres Estados do Reino nas Cortes que tive aos Povos os anos de 1641, e 43, que conviria que os Médicos, e Cirurgiões fossem obrigados receitar aos Boticarios as purgas, xaropes, e medicinas, que mandarem tomar aos enfermos, em linguagem Portugueza, que as entendessem todos, e o pêzo se não puzesse por cifra, e se não ter até agora executado esta proposta, que aprovei por Resolução Minha,

de que Sou informado podem resultar grandes inconvenientes, e prejuízo a Meus Vassallos; por se evitarem ao diante, Me-praz, e Hey por bem que do dia da publicação d'esta minha Lei se receitem pelos Médicos, e Cirurgiões d'este Reino, e suas Conquistas em letra e lingua vulgar as purgas, xaropes, e mezinhas, que mandarem tomar aos enfermos; e os ditos Médicos, e Cirurgiões, que receitarem estas mezinhas, sem ser em lingua Portugueza, incorrerão na pena de cincoenta cruzados cadaúm, ametade para o acusador, e a outra para o Desembargo do Paço: e os Boticários que aceitarem as receitas em outra forma incorrerão outro si em perdimento das medicinas para a Botica do Hospital de todos os Santos d'esta Cidade de Lisboa. E para que venha a noticia de todos e não se possa alegar ignorancia, Mando ao Meu Chanceller Mór a faça publicar na Chancellaria.

*Direito Pharmaceutico Portuguez, n.º 76, p. 55*

O caso mais interessante de presença do multilinguismo tardio é o da permanência da língua árabe numa parte da população portuguesa. A este propósito, Paulo Feytor Pinto afirma que «até finais do século XVI, o árabe foi língua materna de muitos portugueses. Em 1774, foi publicada a primeira gramática portuguesa do árabe e, entre 1844 e 1860, foi possível, em Lisboa, aprender árabe no ensino secundário público» (2010: 28).

Não deixa de ser paradoxal constatar que uma língua tão frágil e com uma autonomia e identidade tão recentes se transforme, por via das descobertas marítimas, na primeira língua franca internacional

em muito poucos anos. «Durante dois séculos e meio, ou seja, de começos do século XVI até meados do século XVIII, o Português foi a primeira língua franca planetária, lugar que a partir desta data e até à Segunda Guerra Mundial foi ocupado pelo Francês e desde então pelo Inglês.» (Casteleiro, 2016: 203.)

É preciso ainda lembrar, para melhor se contextualizar esta façanha linguística, que no século XV a população portuguesa contava com pouco mais de 1 milhão de pessoas e, como se viu, uma parte delas nem sequer tinha o português como língua materna.

Este domínio da língua portuguesa nas costas de África e no Pacífico é reconhecido também por autores internacionais. Hamilton, capitão inglês, citado por Lopes (1936:12), afirma em 1727: «Ao longo da Costa, os portugueses deixaram vestígios da sua língua, que, apesar de muito corrompida, ainda assim é a língua que a maioria dos europeus aprendem primeiro para conseguirem manter uma conversa de carácter geral entre si, bem como os vários habitantes da Índia.»

Este sucesso na afirmação da língua portuguesa tem múltiplas causas, mas tem seguramente por base uma política pública de língua, estrategicamente assumida por parte das autoridades políticas e religiosas da época. Desta política, destaca-se o ensino do português às elites dos novos povos, tanto localmente, como em Portugal. Veja-se, por exemplo, a referência de Damião de Góis na sua *Crónica de D. Manuel* sobre a vinda, para o nosso país, de filhos de famílias importantes do Reino do Congo:

Pera em Portugal lhes ensinarem has cousas da fé, studos de philosophia, boas artes & costumes, no que tudo mandar fazer á sua custa, repartindo estes moços per mosteiros & casas de pessoas doctas & religiosas, que hos insinassem, dos quaes muitos saíram letrados, & delles taes que depois fizeram muito fructo em Terras, pregando, nellas ha fé Catholica.

Luís (2016: 36-37)

A criação de escolas locais e a difusão da fé católica constituíram outros meios de propagação da língua portuguesa nos novos continentes. Afonso de Albuquerque, o grande incentivador dos casamentos mistos, criou a primeira escola de ensino do português em Cochim logo em 1512 e, séculos depois, noutras geografias, o marquês de Pombal segue o seu exemplo, emitindo o célebre *Directorio sobre o Ensino do Português aos Índios do Pará e do Maranhão*. Na política do marquês vai-se mesmo mais longe. A aprendizagem do português conferia aos índios o direito à cidadania portuguesa, aumentando, por esta forma, o número de cidadãos portugueses naqueles territórios.

Uma outra dimensão – menos conhecida – desta política pública da língua foi o desenvolvimento de uma «verdadeira escola» de tradutores/intérpretes nas mais variadas geografias do império português da época, que acabaram por ser conhecidos genericamente como «os *lingoa*».

Neste processo de dominar línguas muito diferentes foram utilizadas várias estratégias. As mais comuns consistiam na captura de autóctones, «os filhos», a quem era ensinado português. Uma outra

tática, inversa, era a de deixar os condenados portugueses – «os lançados» – nos novos territórios, que seriam depois recuperados pelas naus nas próximas viagens, sabendo já a língua local.

No caso particular de Macau, estes tradutores e intérpretes assumiram um cariz mais estrutural dada a necessidade de dar resposta à burocracia imperial chinesa e adquiriram uma denominação específica – «os *jurubaças*»

O mais célebre destes *lingoa* é o judeu Gaspar da Gama, que, na Índia, serviria de intérprete de Vasco da Gama. Dois outros judeus sefarditas, Francisco de Albuquerque e Alexandre de Ataíde, ficaram igualmente conhecidos pelos seus serviços prestados a Afonso de Albuquerque.

A vida destes tradutores/intérpretes não era fácil, dado que qualquer dos lados (portugueses ou os outros povos) desconfiava da sua fidelidade e eram sempre os primeiros culpados no caso de ocorrerem incidentes diplomáticos:

Esses portugueses por serem difíceis de ser classificados, ou pela dificuldade de se certificar a qual cultura a que eles pertenciam, se viam em dificuldades por falarem várias línguas. Suspeitava-se que a alma do intérprete havia sido corrompida, sendo contaminada pelo outro lado, porque utilizar línguas implicava o uso de mecanismos mentais do mundo asiático.

Couto, 2011: 3)

A este período áureo do português como língua franca sucede-se um período de forte decadência, pela progressiva perda de força do nosso país na

cena internacional. Será preciso esperar pelo final do século xx, como atrás referido, para que a língua portuguesa adquira novamente uma projecção global.

A segunda vida internacional da língua portuguesa deve-se essencialmente a duas geografias: América do Sul e África Subsariana.

Na transição do século xx para o século xxi, o Brasil alcança uma posição internacional de relevo integrando o grupo dos países emergentes com maior potencial (BRICS). Para além do seu peso económico, hoje a 9.<sup>a</sup> economia, o Brasil apresenta uma unidade linguística invulgar e uma massa humana de falantes de português superior a 200 milhões, facto que coloca, só por si, a língua portuguesa entre as línguas mais faladas do mundo.

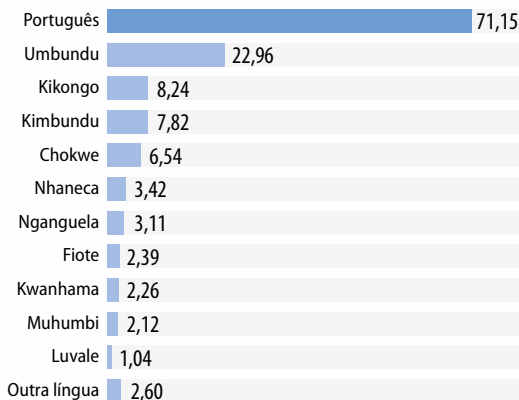
Paralelamente, em África, com o fim da descolonização tardia dos PALOP e das guerras civis que muitos desses países conheceram a seguir às independências, assiste-se a dois fenómenos que fizeram aumentar significativamente os falantes de português naquele continente.

Em primeiro lugar, os líderes dos movimentos de independência reconheceram que a língua portuguesa era um fator essencial na construção da identidade dos novos Estados-nação, assumindo esses Estados a língua portuguesa como língua nacional. Esse facto, aliado a uma crescente taxa de alfabetização e de urbanização, faz com que a língua portuguesa atinja um grau de disseminação em África nunca conseguido nos 500 anos de colonização.

Por exemplo, o último censo de Angola, em 2014, apresenta os resultados que a seguir se expõem

sobre o panorama linguístico do país. O português é falado por mais de metade da população (71 %), com maior predominância nas áreas urbanas, onde 85 % da população fala a língua portuguesa contra os 49 % de falantes de português nas áreas rurais.

**Gráfico 3– Línguas mais faladas pela população de Angola (2014), em percentagem**



Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Angola (2016).

Os dados mais recentes disponíveis permitem-nos efetuar uma estimativa relativamente segura do total de falantes de português nos países de expressão portuguesa (v. tabela 1).



**Tabela 1 – Estimativa própria do número de falantes de língua portuguesa**

País	População do país, segundo a ONU (2017)	Porcentagem da população que fala português	População considerada	Diáspora considerada
Angola	29 784 000	71	21 146 640	449 216
Brasil	209 288 000	98	205 102 240	1 612 860
Cabo Verde	546 000	75	409 500	170 089
Guiné-Bissau	1 861 000	27	502 470	26 430
Macau	623 000	2,4	14 952	0
Moçambique	29 669 000	35,5	10 535 905	391 950
Portugal	10 330 000	96	9 916 800	2 266 735
São Tomé e Príncipe	204 000	98,4	200 736	81 040
Timor-Leste	1 296 000	0,1	1 384	39
Total	283 601 000	–	247 830 627	4 998 359
Total de falantes de português: 252 828 986				

Nota: Em anexo está disponível a fundamentação que origina os valores presentes nesta tabela, bem como as diversas fontes utilizadas para o cálculo desta estimativa.

Por outro lado, a estabilidade política e uma melhoria relativa do nível de vida das populações conduziram a um crescimento demográfico notável em todos os países africanos de expressão portuguesa, elevando a população total dos países que falam português (incluindo Portugal) para um número considerável de pessoas. De acordo com as estatísticas dos respetivos países, em 2017 a população dos oito países que falam português era de 283 milhões.

Sintetizando, no início das Descobertas, no século XV, a língua portuguesa seria falada por cerca de 1 milhão de pessoas. De então para cá, o português foi a língua que mais cresceu em todo o mundo,

como primeira língua, como se pode constatar nos quadros seguintes:

#### Quadro 2 – População em 1500

Região do Mundo	População em 1500
Portugal	1 000 000
Espanha	6 800 000
Inglaterra	3 900 000
Alemanha	14 700 000
China	103 000 000
Europa Ocidental	57 268 000
Mundo	437 800 000

Fonte: Maddison Project Database (2016).

#### Quadro 3 – Progressão comparativa do português com outras línguas (em milhões de falantes)

Língua	Século XV	Século XXI	Taxa média de crescimento anual
Português	1	252	1,08%
Espanhol	6,8	411,9	0,80%
Inglês	3,9	459,4	0,93%
Alemão	14,65	99,4	0,37%
Chinês	103	1407,6	0,51%

Fonte: Maddison Project Database (2016).

Os números dos quadros anteriores são bem reveladores do enorme crescimento da língua portuguesa nos últimos 500 anos, principalmente quando comparado com o crescimento de outras grandes línguas mundiais. A língua portuguesa é a única que apresenta valores superiores a 1 % de crescimento

anual, em termos médios, muito acima, portanto, de todas as outras línguas.

**Quadro 4 – Estimativas da população da CPLP para 2050 e 2100 (em milhões)**

	2050	2100
Brasil	228	180
África	147	318
Toda a CPLP	387	508

Fonte: ONU, World Population Prospects, 2019.

O crescimento esperado ao nível demográfico dos países africanos de expressão portuguesa e de Timor-Leste, até ao fim deste século, a concretizar-se, praticamente duplicará o número de falantes de português no mundo, levando a que o continente africano ultrapasse, em muito, o Brasil em número de falantes de português.

Acrescente-se, ainda, que a seguir à língua árabe, de acordo com estas projeções demográficas das Nações Unidas, o português será a língua materna que mais crescerá no século XXI. Estarão Portugal e os restantes membros da CPLP à altura deste gigantesco desafio? Para bem da maior comunidade mundial que fala português, esperamos que a CPLP seja capaz de potenciar este enorme valor de influência global que a língua portuguesa nos permite alcançar. Para que tenhamos sucesso nesse desafio coletivo, duas condições são necessárias: um crescimento económico sustentável de todos os países da CPLP e uma Política de Língua estrategicamente assumida por toda a nossa comunidade linguística.



## Capítulo III

# Dimensão económica da língua

O conhecimento e partilha de um idioma, antes objeto de estudo por parte de linguistas, antropólogos, sociólogos e psicólogos, recebeu o interesse recente dos economistas. Dois temas, em particular, emergiram: a língua como capital humano e a língua como facilitadora das trocas comerciais. Adicionalmente, a língua é também facilitadora do investimento estrangeiro, das migrações, do turismo e da mobilidade dos estudantes.

Por que razão estamos dispostos a investir no conhecimento de uma segunda língua? Em que fases da vida ou com que competências complementares consideramos mais importante conhecer uma língua estrangeira? Por que razão há mais pessoas a aprender o inglês que o suaíli? E como podemos explicar o interesse recente pelo mandarim?

Embora os fatores puramente hedónicos ou afetivos sejam relevantes, existe uma explicação económica para estas escolhas. O valor do conhecimento de uma língua está relacionado com o número e a riqueza dos seus falantes. Os economistas usam um

conceito – economia de «massas» – comum no setor das telecomunicações ou das redes sociais, para caracterizar o potencial de uma língua específica. O conhecimento de uma língua faz parte do capital humano e é um investimento que pode ser rendibilizado pela sua utilização futura, no trabalho, em negócios, viagens, etc. Se duas pessoas conhecerem línguas diferentes (não partilhando nenhuma), terão muita dificuldade em comunicar ou estabelecer acordos, comerciais ou outros. A partilha de uma língua comum, mesmo que não seja nativa para nenhuma das partes, reduz esta dificuldade, na proporção direta do respetivo domínio. Na Índia, onde o híndi está pouco disseminado nos estados do sul, o inglês é frequentemente usado para permitir a comunicação entre falantes dos muitos idiomas existentes naquele enorme país.

A importância económica da língua foi reconhecida pelos fundadores da economia: Adam Smith preocupava-se já com a eloquência e estilo no uso da língua em comunicação oral e escrita dada a sua importância para o desenvolvimento humano e o comércio entre indivíduos (Dulfano, 2013). No entanto, o estudo empírico do valor económico da língua só teve o seu início na segunda metade do século xx, sendo o estudo de Marschak (1965) reconhecido como o trabalho pioneiro na análise do valor económico das línguas.

A situação dos imigrantes que não partilham a língua do país recetor foi um dos campos onde se registou uma utilização mais precoce da análise económica. Lazear (1999) verificou que os rendimentos dos imigrantes latino-americanos que dominavam a língua inglesa nos EUA atingiam valores

substancialmente superiores aos dos outros emigrantes latinos que apenas conheciam o espanhol. O seu estudo sobre «Língua e Cultura» inspirou-se no trabalho de Gary Becker sobre a economia da discriminação, tendo concluído que facultar a aprendizagem da língua do país recetor é um dos instrumentos mais poderosos para facilitar a integração de imigrantes oriundos de outras zonas linguísticas.

Diversos estudos incidiram sobre o impacto salarial do conhecimento de uma língua. Grin (2003) verificou que os rendimentos dos trabalhadores suíços que conheciam a língua inglesa eram superiores aos dos seus compatriotas que não a dominavam para grupos comparáveis. Os salários de trabalhadores com conhecimentos «bons» ou «elevados» de inglês eram superiores em níveis que variavam entre 18 e 39,5 %. No entanto, nos cantões francófonos, o conhecimento do alemão, a língua mais usada na Suíça, revelou-se ainda mais valioso que o do inglês.

A este respeito, atentemos na análise de Chiswick e Miller (1995):

As competências linguísticas são uma importante forma de capital humano. Satisfazem os três requisitos básicos do capital humano: elas estão incorporadas na pessoa; são produtivas no mercado de trabalho e/ou no consumo; e são criadas através do sacrifício de tempo e dinheiro. Competências na «língua materna» são adquiridas na juventude. Nesta fase, os investimentos são feitos, em grande parte, pelos pais ou cuidadores. Esta é uma fase da

vida em que a mente humana é especialmente eficiente na criação de capital linguístico [...] Nas crianças em idade escolar, o capital linguístico é adquirido quando outras formas de capital humano (por exemplo, a maturação física, a escolaridade) estão a ser adquiridas. Assim, as aquisições de competências na fala da língua materna acontecem sem grandes esforços. Entre os imigrantes, no entanto, a aquisição de capital linguístico relevante para o local de destino pode ser muito dispendiosa e, certamente, não parece ser um processo tão fácil de aprendizagem quando a língua difere muito da língua materna.

Chiswick e Miller (1995:248)

Ainda no que toca ao mercado de trabalho e mais propriamente do lado dos empregadores e empresas de recrutamento, as competências linguísticas numa (ou mais do que uma) língua estrangeira são, cada vez mais, um requisito a ter em conta na hora de procurarem novos colaboradores. Este fenómeno é particularmente evidente nas empresas multinacionais, mas estende-se também a empresas mais pequenas e locais, a ONG, a fundações e a organizações internacionais, um pouco por todo o globo. Este facto ficou patente num estudo por nós realizado entre 2018 e 2019, por solicitação do Instituto Camões, intitulado *Empregabilidade em África e Competências Linguísticas: O Caso da Língua Portuguesa*. Numa pesquisa realizada a mais de 200 000 anúncios de emprego oriundos de 26 países africanos e distribuídos por dois portais *online*, foi possível verificar que possuir



conhecimentos escritos ou falados numa de oito línguas (alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, inglês, português e russo) era uma exigência para quase um quarto dos anunciantes (22 %). De notar que o portal *Glass Door* dispunha de oferta de empregos para toda a África enquanto o portal *Indeed* contemplava apenas empregos para a África do Sul. A título de curiosidade, nesse mesmo estudo, o português surgiu sempre como a 5.<sup>a</sup> língua mais requisitada nos anúncios de emprego analisados, como, aliás, se pode ver pelo quadro seguinte.

**Quadro 5 – Anúncios de emprego *online* e posição das línguas**

	Portal Glass Door	Portal Indeed
Número de países	54	1
Total de anúncios	100 671	107 253
Total de anúncios que exigiam competências linguísticas	24 960	21 629
Principais línguas requeridas por ordem de importância e percentagem de anúncios	1. <sup>a</sup> Inglês 68,8% 2. <sup>a</sup> Francês 16% 3. <sup>a</sup> Árabe 7,7% 4. <sup>a</sup> Alemão 2,6% <b>5.<sup>a</sup> Português 2,1%</b> 6. <sup>a</sup> Espanhol 1,6% 7. <sup>a</sup> Mandarim 0,8% 8. <sup>a</sup> Russo 0,4%	1. <sup>a</sup> Inglês 90% 2. <sup>a</sup> Francês 3% 3. <sup>a</sup> Alemão 2,8% 4. <sup>a</sup> Espanhol 1,3% <b>5.<sup>a</sup> Português 1,1%</b> 6. <sup>a</sup> Árabe 0,9% 7. <sup>a</sup> Mandarim 0,6% 8. <sup>a</sup> Russo 0,3%

Fonte: Reto *et al.* (2019).

Naturalmente, os benefícios da aprendizagem de uma língua são maiores numa idade mais jovem, dado que se tem acesso a uma série mais longa dos *cash-flows* daí resultantes. No entanto, os custos da aprendizagem incluem duas componentes: o custo direto com o pagamento à instituição de ensino, eventualmente acrescido das despesas de deslocação e estadia

se a aprendizagem for feita fora do local de residência, e o custo de oportunidade resultante da quebra de rendimentos quando a aprendizagem é feita em substituição de uma atividade profissional. Esse custo de oportunidade tende a decrescer a partir da entrada na idade ativa, o que pode justificar a aprendizagem de novos idiomas por pessoas mais idosas.

Uma outra dimensão deve também ser considerada na economia das línguas, particularmente naqueles que detêm posições relevantes a nível mundial. Referimo-nos a atividades económicas diretamente ligadas à própria língua, como a indústria livreira e de traduções ou o ensino. A título de exemplo, refira-se que, segundo um relatório elaborado em 2016 pela International Association of Languages Centres (IALC), mais de 236 mil estudantes viajavam anualmente para um país estrangeiro com o intuito de aprender uma nova língua.

Esta área específica que tem registado um crescimento exponencial é conhecida como o «turismo da língua», ou seja, a deslocação com o objetivo de aprendizagem de um novo idioma numa comunidade em que a língua é nativa. Redondo-Carretero *et al.* (2017) estudaram as motivações de estudantes de espanhol em Valladolid, tendo verificado que, para além da qualidade percebida do ensino da língua, outros fatores de ordem cultural e ambiental influenciam a escolha do país e da cidade de acolhimento.

A dimensão do efeito da aprendizagem de línguas é ilustrada pela emergência de organizações como a EF (Education First) em que o ensino dos mais variados idiomas ocupa a posição mais destacada. Criada em 1965 na Suécia, a EF está presente

em mais de 116 países e tinha, em 2017, 52 000 empregados.

Ao nível do ensino superior, existem cerca de 5 milhões de estudantes internacionais, segundo estatísticas da UNESCO presentes na base do Global Flow of The Tertiary Level Students (2019). Embora os países de língua inglesa ocupem uma posição predominante, pela atração que o inglês representa, por ser o idioma mais usado como segunda língua e pelo prestígio internacional das suas universidades, a distribuição mundial tem vindo a tornar-se mais diversificada, com a proximidade linguística a desempenhar um papel crescente. Neste campo, os países de língua portuguesa registam um efeito mais elevado para a mobilidade estudantil que a registada no âmbito do comércio e do turismo. Nos dados da UIS referentes a 2017, Portugal recebeu 16 888 estudantes de outros países, dos quais 77 % eram oriundos de países lusófonos. No caso do Brasil, Angola é o maior país de origem de alunos estrangeiros, enquanto Portugal surge como o terceiro destino de alunos brasileiros, logo a seguir aos EUA e à Argentina.

A partilha de uma língua comum tem um valor intrínseco que está longe de ser potenciado no caso do português. Aliás são muito poucos os idiomas de comunicação internacional que, ao contrário do inglês, originaram um nível de oferta formativa capaz de atrair os potenciais interessados na sua aprendizagem em contexto de imersão cultural. O impacto económico das diferenças linguísticas nem sempre passou despercebido. O caso da Unbabel, uma empresa que associa a inteligência artificial ao trabalho humano de tradução, com mais de 50 000 tradutores

colaborativos, ilustra o elevado potencial da indústria da língua na criação e expansão de novas empresas.

A língua como facilitadora de trocas comerciais foi objeto de numerosas investigações, que começaram por analisar o efeito de uma língua comum e evoluíram para a análise da própria proximidade linguística. A intercompreensão entre o português e o espanhol facilita as trocas comerciais entre Portugal e Espanha ou entre o Brasil e os restantes países da América Latina. Marrocos e a Argélia, geograficamente próximos da Península Ibérica, são destinos em que as diferenças linguísticas se fazem sentir, contribuindo para o nível relativamente reduzido de trocas comerciais.

A globalização da economia mundial, que gerou benefícios económicos libertando milhões de cidadãos da pobreza, principalmente no sudoeste asiático, gerou também os seus descontentes, com destaque para os trabalhadores menos qualificados do ocidente. O mesmo sentimento ambivalente verifica-se em relação à evolução recente das línguas no panorama mundial, em que a expansão de idiomas com maior dispersão geográfica gera algum descontentamento de línguas mais concentradas e com menor expressão. García Delgado *et al.* (2012: 12) consideram que o processo de globalização económica e o desenvolvimento da sociedade do conhecimento reforçam «as línguas de comunicação internacional, impondo por sua vez desafios a todas elas em virtude da homogeneização cultural que decorre em paralelo». A globalização veio reforçar o papel das «línguas de comunicação internacional» e facilitou simultaneamente a sua expansão e aprendizagem.

A proximidade linguística foi identificada como um poderoso *magneto* do comércio internacional. Naturalmente, a distância geográfica é um inibidor natural do comércio, devido aos custos de transporte e às barreiras de comunicação. Para Portugal, os EUA são um parceiro comercial muito inferior à Espanha, apesar de a sua economia ter uma dimensão muito superior. O chamado «modelo gravitacional»<sup>1</sup> prevê que o volume de transações entre dois países varie na relação direta do seu PIB e inversa da sua distância. A proximidade linguística pode contrariar significativamente o efeito da distância geográfica, como as trocas entre Portugal e Angola, por exemplo, demonstram.

Fatores como a proximidade cultural e linguística, para além da partilha de um quadro legal semelhante, permitem um volume de trocas superior ao que a dimensão das economias e a sua distância justificariam. Frankel e Rose (2002) estudaram cerca de 180 países e territórios, entre 1970 e 1985, e verificaram que a partilha de uma língua comum aumenta o nível de trocas comerciais entre dois países por um fator de aproximadamente 80 %.

Gemahwat (2001) refere que o impacto da proximidade linguística não é homogéneo no conjunto das trocas comerciais. Bens culturais como a literatura ou a música, ou de consumo com forte componente cultural como produtos alimentares, são mais sensíveis à proximidade linguística, enquanto a transação de produtos como o petróleo ou o cimento é independente de fatores linguísticos ou culturais.

Superando a generalidade dos estudos anteriores, que se baseavam na análise dicotómica

de partilha ou não de uma língua comum, Melitz (2008) considera o efeito da diversidade linguística comum a muitos países, incluindo os idiomas falados por pelo menos 4 % da população. A inclusão de uma medida mais detalhada do idioma usado nos países, a par da literacia em cada país, permitiu identificar um efeito mais significativo da proximidade linguística sobre o volume de trocas comerciais. Também o grau de conhecimento de uma língua comum, mesmo que não seja a língua materna de nenhuma das partes, tem um efeito positivo nas trocas comerciais. Fidrmuc e Fidrmuc (2010) incluem o nível de conhecimento de línguas estrangeiras na Europa para medir o efeito sobre o comércio bilateral, observando uma relação positiva entre o grau de conhecimento de línguas estrangeiras e o nível de atividade comercial entre dois países.

A proximidade linguística tem também um forte impacto no investimento direto estrangeiro (IDE) entre países. Portugal e o Brasil registam um elevado volume de IDE, nos dois sentidos, que, em termos relativos, supera significativamente o volume de trocas comerciais. A coordenação e controlo das filiais de uma empresa multinacional são dificultados quando ocorrem diferenças linguísticas entre os países. Estudos recentes (Zender *et al.*, 2011) têm constatado que as diferenças linguísticas no seio de uma empresa multinacional podem representar um custo significativo e reduzir a capacidade de assegurar uma elevada consistência estratégica entre as diferentes subsidiárias. Estes estudos surgem no âmbito de uma pesquisa promissora sobre o impacto das diferenças linguísticas na internacionalização das empresas. Marschan-Piekkari *et al.* (1999)

analisaram o impacto da língua sobre a estrutura, o poder e a comunicação da empresa multinacional, tendo sugerido que é importante analisar o duplo papel da língua como barreira e como facilitadora da estrutura de fluxos de comunicação e redes pessoais, com impacto nas suas relações de poder.

À semelhança do comércio internacional, a distância geográfica como obstáculo ao investimento direto estrangeiro pode ser fortemente compensada pela proximidade linguística. A análise das empresas multinacionais com origem nos países de língua portuguesa revela uma propensão para o investimento noutros países de língua portuguesa muito superior à do seu peso relativo ao nível das trocas comerciais. Tanto em setores tradicionais como em *start-ups* oriundas das tecnologias de informação, encontramos uma elevada propensão para a preferência por outros países de língua portuguesa.

Com base na observação de 71 000 operações de IDE realizadas entre 2000 e 2012, Ly *et al.* (2018) verificam que o efeito da partilha de um idioma comum sobre o IDE é potenciado pela existência de outros fatores de proximidade, como um nível de investigação semelhante ou o volume de comunicação telefónica entre os países. Estes resultados são consistentes com modelos explicativos do investimento direto estrangeiro como o da escola de Uppsala, que constata que os destinos iniciais do investimento no exterior obedecem a uma preocupação de minimização da distância «psíquica», em que os aspetos culturais e linguísticos desempenham um papel relevante na diminuição da perceção de risco.

As migrações são talvez o fluxo internacional mais influenciado pela proximidade linguística.

Embora a dimensão económica do país recetor seja muito importante, com as migrações predominantemente orientadas para países mais ricos, a partilha de uma língua comum é um fator de grande relevância. Enquanto os emigrantes brasileiros têm uma preferência pela deslocação para Portugal, constituindo a maior comunidade imigrante, são raros os imigrantes de outros países latino-americanos em Portugal, sendo a Espanha, no contexto europeu, o destino preferencial destes últimos.

O único país de língua espanhola que gerou um número significativo de emigrantes para Portugal é a Venezuela, confirmando-se, uma vez mais, a importância da familiaridade com a língua do país recetor, dada a forte comunidade lusodescendente presente nesse país. A elevada migração para os EUA por parte dos habitantes de países latino-americanos de língua espanhola explica-se pelo fator conjugado do desenvolvimento económico e da existência de vastas comunidades, naquele país, que também usam o espanhol como primeira língua.

Gutiérrez (2007) analisa a importância das migrações para a própria afirmação da língua, dado que a capacidade de captação de emigrantes constitui um dos meios mais significativos de facilitar a sua expansão. É importante ter em conta que a capacidade de atrair imigrantes de um conjunto diversificado de países reduz o risco de criação de guetos e facilita a sua integração junto da comunidade local (Lazear, 1999).

A integração no mercado de trabalho é um dos fatores mais comuns no estudo das migrações pelos economistas. A diferença salarial entre os



imigrantes que desconhecem e os que assimilam a língua do país recetor é um poderoso estímulo para a sua aprendizagem (Chiswick e Miller, 1995). Com exceção do período da crise financeira recente, Portugal tornou-se um país de acolhimento mais que um país emissor de migrantes, sendo já comuns as situações em que o desconhecimento da língua portuguesa pode limitar as oportunidades profissionais e reduzir o seu nível de rendimentos.

Também a atividade turística é fortemente influenciada pela proximidade linguística. Neste âmbito, os países de língua portuguesa constituem uma boa ilustração do peso da proximidade linguística e cultural como fator de compensação da distância geográfica. Nenhum país da CPLP partilha uma fronteira terrestre com outro país de língua portuguesa, uma característica única entre as línguas de comunicação internacional. Deste modo, o efeito geográfico, que exige longas deslocações entre países de língua portuguesa, quase exclusivamente de avião, justificaria baixos níveis de turismo no seio desta comunidade. No entanto, os fluxos são significativamente elevados, com os países lusófonos a desempenhar um papel importante como origem e destino dos restantes países. Os portugueses ocupam tradicionalmente a quarta ou quinta posição no conjunto dos turistas em Cabo Verde. Segundo dados do INE, 2019 (Estatísticas do Turismo, 2018), em 2018 o Brasil ocupava a sétima posição, representando 3,8 % das receitas do turismo em Portugal. Este valor contrasta com o peso muito menor das exportações de bens, em que o Brasil representava apenas 1,4 % do total, também com base em dados do INE/Pordata.

O efeito cultural em geral e da língua em particular tornaram-se um campo fértil de investigação. Quer se trate do turismo tradicional de «Sol e praia» quer de formas mais específicas como o turismo religioso, o turismo de saúde, o turismo ecológico, ou o turismo cultural, a proximidade linguística representa um papel relevante.

Em termos sumários, a discussão realizada ao longo deste capítulo deixa patente a importância da dimensão económica em múltiplas vertentes relacionadas com a língua.

No próximo capítulo, exploraremos essa relação no plano da análise empírica. Como detalharemos em seguida, o capítulo IV esboçará diversas ordenações das línguas, visando a identificação daquelas que podemos considerar mais globais. Nesse sentido, apesar de iniciarmos a análise com uma ordenação exclusivamente baseada no número de falantes, evoluiremos para uma leitura multidimensional em que elementos adicionais de caracterização das línguas e dos países em que são faladas são levadas em consideração. Como facilmente se compreenderá, a dimensão económica desempenha, a este nível, um papel nuclear, condicionando fortemente a ordenação final das línguas.

# Capítulo IV

## Em busca de uma ordenação de línguas globais

«Cada língua [...] é a língua mais importante do mundo – para os seus falantes.»

Weber (1999: 22)

### **1. Ponto de partida e limitações de análise**

De acordo com o Ethnologue (na sua 22.<sup>a</sup> edição, divulgada em fevereiro de 2019) – o maior *site* mundial dedicado exclusivamente à expressão mundial das línguas –, existem, atualmente, 7111 línguas vivas, variando entre uma escala meramente local até outras de dimensão global. Essa base de dados relativa às línguas faladas a nível mundial constitui o nosso ponto de partida e fonte central de informação no que respeita ao número de falantes e sua distribuição no mundo. Assumimos deliberadamente esta fonte como única, apesar das críticas que lhe possam ser feitas, de maneira a assegurarmos uma informação uniforme para todas as línguas em análise<sup>1</sup>.

1 Neste capítulo utilizamos o Ethnologue como fonte comum para permitir a comparabilidade dos dados a partir de uma única fonte.

Segundo essa fonte, existem 94 línguas com mais de 10 milhões de falantes, o que equivale a apenas 1,3 % do total de línguas mas a mais de 80 % dos falantes. Se reduzirmos o limiar para 1 milhão de falantes, o Ethnologue<sup>2</sup> indica a existência de 407 línguas, faladas, conjuntamente, por aproximadamente 95 % da população mundial.

Tendo em vista assegurar o necessário equilíbrio entre representatividade e capacidade informativa, torna-se indispensável assumir uma forma de circunscrever a análise a um número mais limitado de línguas, sem, contudo, perder abrangência na respetiva cobertura de falantes a nível mundial.

Com essa finalidade, o nosso segundo ponto de referência é um dos escassos estudos que procura estabelecer uma hierarquização das principais línguas: o Power Language Index (PLI), elaborado por Chan (2016). O PLI visa captar a influência das línguas, recorrendo, para tal efeito, a uma lista de 20 variáveis de natureza fundamentalmente macro, agrupadas em 5 categorias, que o autor denomina como «oportunidades» criadas pela língua: geografia, economia, comunicação, conhecimento e *media* e diplomacia. Em termos globais, são avaliadas 124 línguas neste trabalho.

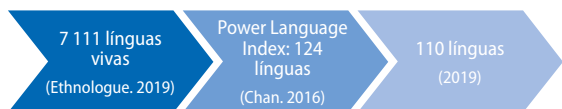
Face ao estudo de Chan, aquele que aqui se desenvolve possui três importantes vantagens e um elemento diferenciador. No plano das vantagens, cabe destacar: (i) uma mais ampla cobertura em termos das variáveis incluídas, tendo em vista caracterizar as línguas e os países em que elas são

2 <https://www.ethnologue.com/>

faladas; (ii) a inclusão simultânea de variáveis de natureza macro e micro, assegurando um maior detalhe na análise, e (iii) a apresentação de três ordenações diferenciadas em função de visões alternativas subjacentes à sua construção. Adicionalmente, a abordagem aqui desenvolvida visa – como o título do presente capítulo procura elucidar – construir uma ordenação das línguas atendendo expressamente à sua natureza global.

Como critério de inclusão/exclusão no presente estudo, incluímos na nossa análise as línguas constantes da ordenação final produzido por Chan (2016) que possuem, pelo menos, 1 milhão de falantes de língua materna. Desta forma, como se sintetiza no gráfico 4, tomamos em consideração um total de 110 línguas.

**Gráfico 4 – Abordagem seguida para a construção dos ordenações de línguas**



Um total de 30 variáveis são consideradas para hierarquizar as diferentes línguas, sendo cada uma delas normalizada para uma escala 0:100. Após este procedimento, os índices dimensionais resultam da média simples das variáveis que compõem a dimensão em apreço. Um valor máximo de 100 numa dimensão corresponde, portanto, ao caso em que uma língua ocupa o 1.º lugar em todas as variáveis dessa dimensão.

Como qualquer abordagem metodológica, também a que aqui adotamos padece de algumas

limitações, que devem ser sublinhadas. Em primeiro lugar, e mais importante, importa referir que apesar de, obviamente, visarmos a construção de uma ordenação de línguas, as variáveis que são usadas para o concretizar respeitam, em múltiplos casos, a países. Assim, enquanto, por exemplo, a informação sobre o número de traduções é obtida diretamente ao nível da língua, os dados para o PIB ou para as energias renováveis têm o país como unidade de referência. Nestes casos, torna-se necessário efetuar a adequada conversão, obviamente complexa. Realizamo-la tendo por suporte único a informação disponibilizada pelo Ethnologue, ao nível de cada país, nomeadamente as línguas faladas nesse país e a correspondente proporção na população total. Em segundo lugar, importa ter presente que algumas variáveis que tínhamos considerado como importantes para esta análise tiveram de ser excluídas, uma vez que a cobertura assegurada pelas fontes de dados estatísticos – tanto por países como por línguas – se revelou insuficiente para estabelecer a comparação entre todas as línguas selecionadas para avaliação.

## **2. Três ordenações**

Sendo a língua um elemento que é intrínseco a cada ser humano, a unidade natural para aferir a sua relevância e impacto é o seu número de falantes. Deste modo, a primeira etapa na elaboração de uma ordenação de línguas globais envolve a avaliação desta variável. Neste plano, importa começar por estabelecer a distinção entre falantes de língua materna (L1) e falantes enquanto segunda língua (L2). A fiabilidade dos dados existentes é significativamente

superior no caso dos falantes de língua materna, sendo também essa a dimensão que mais preponderantemente contribui para a afirmação da língua, nos diferentes patamares em que esta se concretiza. A nossa primeira ordenação de línguas globais – e a mais simples – concretiza uma ponderação entre falantes L1 (peso de 70 %) e falantes L2 (peso de 30 %).

Contudo, como afirma Weber (1999):

O número de falantes é relevante, mas insuficiente para uma ordenação significativa das línguas tendo em conta a sua atual influência mundial, sendo a palavra «mundial» o elemento central. Existem vários outros fatores a ter em consideração.

Weber (1999:22)

Dando sequência a esta ideia, Weber (1999) propõe um quadro de análise que abarca um total de seis eixos: (i) número de falantes de língua materna (L1); (ii) número de falantes de segunda língua (L2); (iii) número de países em que a língua é falada e respetiva população; (iv) grandes áreas (ciência, diplomacia, etc.) em que a língua é usada internacionalmente; (v) poder económico dos países falantes, e (vi) prestígio social e literário da língua.

Partilhamos a ideia de insuficiência de uma abordagem centrada exclusivamente no número de falantes, sendo, por isso, conduzidos à elaboração de uma segunda ordenação destas 110 línguas, a qual, face à primeira, surge enriquecida pela consideração de um leque alargado de outros elementos de valorização. Mais, especificamente, avaliamos cinco dimensões adicionais (gráfico 5):

## Gráfico 5 – Cinco dimensões complementares de caracterização das línguas

Dimensão 1	ECONOMIA
Dimensão 2	RECURSOS NATURAIS E SUSTENTABILIDADE
Dimensão 3	COMUNICAÇÃO
Dimensão 4	EDUCAÇÃO, CULTURA E CIÊNCIA
Dimensão 5	PRESENÇA GLOBAL

Não obstante a subjetividade indissociável da escolha de indicadores e da atribuição de fatores de ponderação, os resultados decorrentes desta segunda ordenação de línguas globais oferecem uma leitura robusta da realidade atual no que concerne à posição relativa das diferentes línguas. Porém, eles podem ainda ser melhorados se lhes adicionarmos elementos que perspetivem o posicionamento futuro das línguas. Esse exercício é, naturalmente, complexo e arriscado dado o elevado grau de incerteza que sempre se encontra associado a tais projeções. No presente contexto, tomamos em conta dois fatores. Um primeiro contempla as previsões económicas de evolução do PIB no horizonte de médio prazo (cinco anos). O segundo prende-se com a evolução demográfica prevista para 2100. A última ordenação que desenvolvemos assenta na ponderação das três vertentes anteriormente mencionadas: falantes (40 %), outras dimensões de caracterização da língua e dos países em que é falada (40 %) e previsões de evolução económica e demográfica (20 %).

### 3. Primeira ordenação: número de falantes

Mais de um terço da população mundial (35,6 %) vive na China e na Índia, sendo de realçar



o fortíssimo crescimento demográfico evidenciado por este último país desde 1975, período que permitiu a duplicação da população indiana. O terceiro país mais populoso do mundo – Estados Unidos da América – regista não mais do que 23,5 % da população chinesa e 24,5 % da população indiana. Os sete países com maior número de habitantes concentram mais de metade da população mundial, enquanto os dez países posicionados no topo desta hierarquia alcançam, conjuntamente, 57 % da população total mundial. Note-se, a este respeito, que a ONU regista atualmente cerca de 200 países entre os seus membros.

Este leque limitado de países torna desde logo evidente um poderoso elemento de concentração populacional, o qual, naturalmente, tem um forte impacto na posição relativa das línguas. Como se verifica na tabela 2, as principais línguas em termos de número de falantes assentam o predomínio da sua posição no facto de serem falados em países particularmente populosos. O mandarim, o híndi, o português, o bengalês, o russo ou o japonês são exemplos desta realidade. Por seu turno, o inglês é suportado não apenas pelo peso demográfico dos EUA mas também na sua vasta utilização como segunda língua a nível mundial.

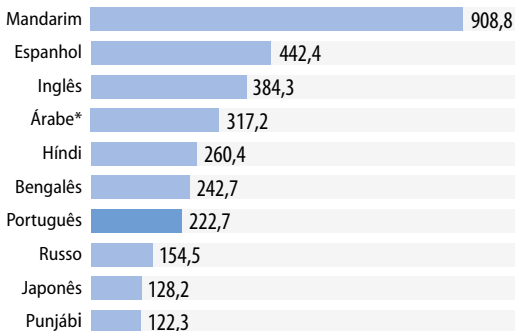
**Tabela 2 – Os dez países mais populosos do mundo e principais línguas faladas**

País	População (milhões)	Principais línguas faladas (L1) (em percentagem)
China	1393	Mandarim (63,6)
Índia	1335	Híndi (19,2), bengalês (6,2), telugo (5,5), marata (5,4)
EUA	327	Inglês (80,)
Indonésia	265	Javanês (32), undanês (13), malaio (8,8)
Brasil	209	Português (92,7)
Paquistão	201	Punjabi (46), pastó (15,1), sindi (11,5), seraiki (10,1), úrdu (7,6)
Nigéria	197	Iorubá (20), hausa (17,4), igbo (14,1), fula (7,5)
Bangladesh	164	Bengalês (96,5)
Rússia	146	Russo (82,6)
Japão	126	Japonês (99,6)

Fonte: ONU (2018) e Ethnologue (2019).

Atentemos, em seguida, nas línguas que possuem um maior número de falantes de língua materna (gráfico 6).

**Gráfico 6 – Número de falantes de língua materna (L1) (em milhões) – As dez mais**



Fonte: Ethnologue (2019).

\*O árabe coloca grandes problemas de quantificação dadas as suas inúmeras variantes, e também porque tanto é referido como árabe padrão ou só como árabe. Neste contexto é utilizado nesta aceção genérica. Apesar desta indefinição, optámos por classificá-lo como falantes L1 pela sua importância internacional e por ser uma das seis línguas oficiais da ONU.

Existem, a nível mundial, 10 línguas com um número de falantes de língua materna superior a 100 milhões, sendo que, conjuntamente, essas línguas são língua de origem de, aproximadamente, 3200 milhões de pessoas, o que equivale a cerca de 42 % da população mundial. Entre estas, sem surpresa, o mandarim – língua materna de mais de 900 milhões de pessoas – ocupa a posição cimeira, seguida pelo espanhol, inglês e árabe. A origem geográfica dos falantes destas línguas (enquanto língua materna) e a sua unidade linguística são, porém, bastante distintas. Por exemplo, o árabe é falado por uma proporção significativa de pessoas (mais de 20 % da população nacional) nos seguintes países: Argélia, Bahrein, Egito, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos,

Omã, Palestina, Qatar, Arábia Saudita, Sudão, Síria, Tunísia, Turquia, Emiratos Árabes Unidos e Iémen. Neles contempla cerca de 30 variantes, o que contrasta com a grande unidade linguística de outras línguas globais. Em anexo ao presente livro, apresentamos, para cada uma das 110 línguas analisadas, os países em que a mesma tem representação superior a 10 % da população nacional.

Por seu lado, o híndi e o bengalês (5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> línguas com mais falantes de língua materna) exibem uma origem localmente concentrada dos seus falantes, não podendo, portanto, à luz de critérios mais amplos como os que adotaremos, mais adiante ser consideradas línguas com projeção efetivamente global. No caso do híndi, a esmagadora maioria dos seus falantes de língua materna provém de uma parte da Índia, enquanto 96,5 % da população do Bangladesh tem o bengalês como língua materna, como já referimos anteriormente. O 7.<sup>o</sup> lugar é ocupado pelo português, sendo aqui visível, dado o peso da sua dimensão relativa, a forte preponderância do Brasil.

As sete línguas a que aludimos são aquelas que possuem um número de falantes L1 superior a 200 milhões, superando, neste critério, por larga margem, as restantes línguas que integram o grupo das dez mais importantes a nível mundial, nomeadamente o russo, o japonês e o punjábí.

Em termos de evidência, a realidade referente aos falantes L2 (ou seja, pessoas que adotam essa língua como segunda língua, que não a de origem) é, como seria expectável, muito diferente da que analisámos para falantes L1. Neste contexto, sobressaem cinco línguas com número de falantes L2 superior a 100 milhões de pessoas (inglês, híndi,

francês, mandarim e russo), como pode ver-se no quadro seguinte:

**Tabela 3 – As dez línguas mais importantes em L1 ou L2**

Língua	Falantes L1 (em milhões)	Língua	Falantes L2 (em milhões)
Mandarim	908	Inglês	743
Espanhol	442	Hindi	274
Inglês	384	Francês	208
Árabe	317	Mandarim	198
Híndi	260	Russo	110
Bengalês	242	Urdu	94
Português	222	Suaíli	91
Russo	154	Espanhol	70
Japonês	128	Alemão	57
Punjábi	122	Tailandês	40

Fonte: Ethnologue (2019).

No quadro anterior alguns aspetos são merecedores de especial destaque.

Existe um número muito reduzido de línguas igualmente fortes em número de falantes como primeira e segunda língua (acima de 100 milhões em cada situação). Este leque de línguas integra apenas o mandarim, o inglês, o híndi e o russo. Algumas línguas posicionadas entre as dez mais como língua primeira estão longe desta ordenação em número de falantes de segunda língua, como é o caso do português, que apenas atinge a 14.<sup>a</sup> posição neste parâmetro, com 13 milhões de falantes.

Ao inverso, um grupo restrito de línguas entra neste reduzido número das dez mais como falantes

de segunda língua, mas, pelo contrário, está muito longe dos lugares cimeiros como primeira língua. É o caso do francês, alemão, urdu, suaíli e tailandês.

O inglês ocupa a posição cimeira no que toca aos falantes de segunda língua, sendo esta, indiscutivelmente, uma implicação central da sua posição enquanto língua franca nos negócios internacionais e do seu predomínio enquanto língua de comunicação e cultura internacional (Melitz, 2018). Esta realidade tem conduzido a um processo cumulativo, traduzido no enraizamento do seu ensino como segunda língua nos sistemas educativos de múltiplos países (Nunan, 2003). Esta ideia é-nos claramente transmitida por Hayes (2011):

O inglês está a ser introduzido, por governos do mundo inteiro, como disciplina obrigatória no ensino primário e até no ensino pré-escolar [...]. A motivação para tal parece ter duas dimensões principais. A primeira é económica, está relacionada com a competitividade económica global ou regional, e decorre do facto de a globalização e o comércio mundial terem tornado o inglês na língua franca e, cada vez mais, na segunda língua nacional de muitos estados. [...] A segunda dimensão deriva dos estudos sobre a aquisição da primeira língua e a capacidade de saber mais línguas em simultâneo que as crianças bilingues revelam ter, que resulta na conclusão de que para o ensino de uma língua estrangeira «quanto mais novas melhor».

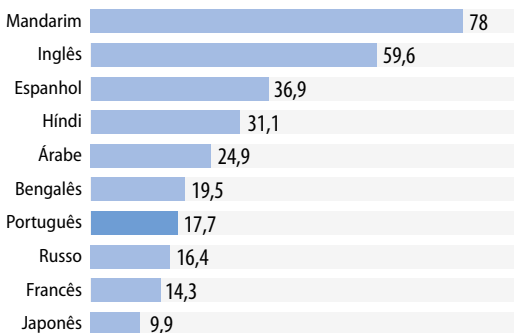
Hayes (2011: 339)

De modo menos formal, talvez a motivação para falar uma segunda língua esteja simplesmente contida nas célebres palavras de Goethe: «quem não conhece línguas estrangeiras não sabe nada da própria».

Embora tendo consciência do menor grau de fidedignidade da informação relativa a falantes L2, a informação disponibilizada pelo Ethnologue aponta para um número perto dos 750 milhões de pessoas falantes de inglês como segunda língua, embora outras fontes sugiram números bastante superiores, em certos casos superiores a 1100 milhões. Aliás, o mesmo poderia ser dito em relação ao português enquanto língua materna, que também aparece no Ethnologue com um número de falantes inferior ao que nós próprios estimámos em capítulo anterior. No entanto, para assegurar a total comparabilidade dos dados nestas ordenações, usaremos os dados do Ethnologue como única fonte tanto de L1 como de L2 para todas as línguas analisadas.

A nossa primeira ordenação de línguas mais faladas estabelece, como se mencionou atrás, uma ponderação entre falantes L1 e L2, com um peso de 70 % para a primeira variável e de 30 % para a segunda. Os resultados constam do gráfico seguinte:

### Gráfico 7 – Primeira ordenação de línguas: falantes (L1 e L2) – As dez mais



Fonte: Ethnologue (2019).

Tendo em conta os critérios estabelecidos para a construção desta primeira ordenação, o mandarim surge posicionado em 1.º lugar como língua com maior número de falantes a nível global, alcançando um índice de 78 num máximo potencial de 100. O 2.º lugar é ocupado pelo inglês, com um índice de 59,6. O português é a 7.ª língua mais falada do mundo, obtendo um índice de 17,7.

Embora não se situando no núcleo central de objetivos do presente capítulo e do presente livro, é interessante notar que a língua que falamos possui efeitos que vão muito além dos mais imediatamente perceptíveis. Sem nos alongarmos nesta temática, deixemos apenas referência ao estudo de M. Chen, da Universidade de Yale, publicado, em 2013, na *American Economic Review*. As conclusões são, provavelmente, surpreendentes, mas igualmente estimulantes pelo horizonte de investigação que abrem no plano da influência das línguas em múltiplos comportamentos. O pressuposto base da análise no



que diz respeito a um desses comportamentos – a poupança – pode ser sintetizado recorrendo às palavras do autor:

As línguas diferem no facto de exigirem, ou não, que os falantes assinalem gramaticalmente eventos futuros. Por exemplo, um falante de alemão, prevendo chuva, pode naturalmente fazê-lo no tempo presente, dizendo: *Morgen regnet es*, que se traduz em «Amanhã choverá». Em contrapartida, o inglês exigiria o uso de um marcador futuro como *will* ou *is going to*, como em *It will rain tomorrow* (Vai chover amanhã). Desta forma, o inglês exige que os falantes codifiquem uma distinção entre eventos presentes e futuros, enquanto o alemão não. Pode esta característica da língua influenciar as escolhas intertemporais daqueles que a falam? Neste artigo, testo a existência de uma relação entre língua falada e poupança: ser obrigado a falar de maneira distinta sobre eventos futuros leva os falantes a tomar menos ações orientadas para o futuro. Esta hipótese surge, naturalmente, se se separar gramaticalmente o futuro e o presente levar os falantes a desassociar o futuro do presente. Isso faria com que o futuro parecesse mais distante e, como a poupança envolve custos atuais para recompensas futuras, tornaria a poupança mais difícil. Por outro lado, algumas línguas fazem equivaler gramaticalmente o presente e o futuro. Os falantes dessas línguas estariam mais dispostos a poupar para um futuro que lhes parece mais próximo.

Chen (2013: 690-691)

A nível empírico, o autor encontra suporte para o efeito da língua não apenas sobre a poupança mas também sobre outros comportamentos. Especificamente, o autor conclui que as línguas que gramaticalmente associam o presente e o futuro potenciam comportamentos orientados para o futuro em vários domínios.

Os resultados obtidos nesta primeira ordenação alterar-se-ão, de modo significativo, caso se incorporem na avaliação fatores de caracterização das línguas e dos países em que vivem os seus falantes? A resposta que todos podemos antecipar é, provavelmente, positiva. A sua dimensão e o sentido concreto em que se materializa são os aspetos que procuraremos evidenciar com a análise que seguidamente desenvolvemos. Para tal, começamos por abordar evidência para cada uma das cinco dimensões que adicionamos à análise e finalizamos com a construção de uma segunda ordenação das dez línguas mundiais mais importantes e respetiva comparação com o que obtivemos com base no número de falantes.

#### **4. Segunda ordenação: falantes e dimensões adicionais de caracterização (impacto global)**

##### **4.1 Economia**

Os fatores económicos são elementos fundamentais de diferenciação entre os países, sendo critério para a formação de grupos com especial capacidade de influência. Um exemplo claro desta realidade é o denominado «G7» (G8, no período de 1998-2014, com a participação da Rússia), criado

em 1975, por iniciativa do então presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing. Este grupo, que integra as economias mais ricas e avançadas do mundo, tem uma natureza informal e é composto, desde a sua origem, pelos Estados Unidos da América, Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Japão. O Canadá passou a integrar o grupo no ano seguinte. Numa outra vertente, a dimensão económica é um vetor essencial na avaliação do nível de desenvolvimento dos países, sendo, por exemplo, uma das três dimensões integrantes do índice de desenvolvimento humano utilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), desde a década de 1990. Ainda a este nível, é interessante sublinhar a existência de assinaláveis desigualdades, não apenas no plano agregado dos países mas também – porventura ainda mais impressionantes – a uma escala individual. Duas referências simples retratadas no relatório *Public Good or Private Wealth?* da Oxfam (uma confederação internacional de 20 organizações não governamentais cuja ação se centra no combate à pobreza) dão nota plena desta realidade. Por um lado, se nos questionarmos quanto ao número de pessoas que possuem um nível de riqueza equivalente à metade mais pobre da população mundial, a resposta é chocante aos olhos de qualquer análise consciente: 61 pessoas em 2016, 43 em 2017 e, apenas, 26 em 2018. Por outro, os custos associados à erradicação da pobreza da população mundial que vive com um rendimento diário inferior a 1,25 dólares (21 %) exigiriam uma alocação de recursos que ascende a não mais do que 0,2 % do rendimento mundial total.

As implicações dramáticas dos níveis de desigualdade atualmente existentes são sintetizadas no mesmo relatório:

O custo humano da desigualdade é devastador. Ao dia de hoje:

- 262 milhões de crianças não poderão ir à escola.
- Quase 10 mil pessoas morrerão porque não podem aceder a cuidados de saúde.
- 16,4 biliões de horas de trabalho de assistência não remunerada serão feitas, a maioria mulheres em situação de pobreza.

*Public Good or Private Wealth?* (Lawson *et al.*, 2019), Oxfam

Para além deste aspeto mais global, a economia dos países tem efeitos diretos nas indústrias culturais e criativas, como a edição e as traduções, a música, o cinema ou o ensino. Quanto maior a capacidade económica dos países falantes de uma determinada língua, maior é o seu desenvolvimento no apoio e difusão dessa língua e das manifestações culturais que a usam como suporte de divulgação.

Os casos do francês e do alemão são paradigmáticos neste campo. Nenhuma destas línguas atinge os 100 milhões de falantes mas ambas têm uma presença forte a nível mundial, através dos seus institutos de língua e cultura, dada a força das suas economias.

De modo a aferir o impacto da dimensão económica, tomámos em consideração quatro variáveis: (i) PIB, em paridades de poder de compra (PPC); (ii) volume de exportações; (iii) volume de

importações, e (iv) fluxos de entrada de turistas. Enquanto a primeira capta a dimensão económica de cada país, as restantes atentam a aspetos críticos da atual fase do fenómeno de globalização económica que tem caracterizado a economia mundial desde, pelo menos, meados da década de 1980, tal como documentado, por exemplo, em Palan *et al.* (2019). Nesse estudo, é exposta ampla evidência relativa a «fifty years of trade globalization» (1967-2016), sublinhando a dimensão comercial como uma daquelas em que mais marcadamente se concretiza a dinâmica global de aproximação entre países, nomeadamente através do aumento do volume de comércio e da densificação da rede de relações bilaterais de comércio. Também neste fenómeno, a língua desempenha um papel fundamental enquanto fator incrementador das relações entre os países, tanto no que concerne a fluxos de bens e serviços como igualmente de pessoas e capitais (Delgado *et al.*, 2016). O quadro analítico desenvolvido pelos denominados «modelos gravitacionais» fornece sólido suporte a este facto. Melitz (2008) analisa os canais através dos quais a partilha de uma língua comum pode incrementar os fluxos bilaterais de comércio, qualificando, portanto, as conclusões decorrentes deste tipo de modelos. As conclusões alcançadas salientam o canal da comunicação direta como aquele que exerce um efeito mais significativo. Por seu turno, a abordagem desenvolvida por Lazear (1999), a que já aludimos no capítulo anterior, sugere que a partilha de uma língua e de uma cultura comuns não apenas potencia o comércio, como também cria um incentivo adicional para a aprendizagem e o conhecimento de

novas línguas e culturas, tendo em vista alargar o leque de parceiros comerciais potenciais.

Os dados resultantes do tratamento das quatro variáveis da dimensão economia permitem-nos realçar os seguintes aspetos:

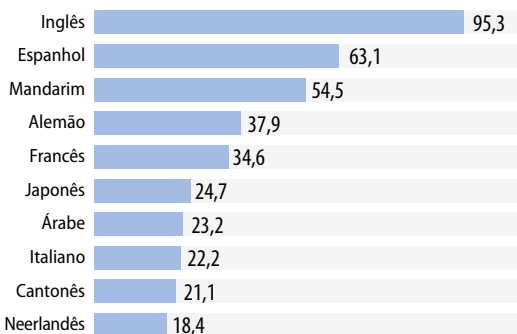
- i. o inglês surge classificado em 1.º lugar em três das quatro variáveis consideradas (exportações, importações, PIB) e em 2.º lugar no que respeita à entrada de turistas;
- ii. o espanhol está em primeiro lugar nesta última dimensão, facto que não surpreende dado a Espanha liderar o Travel & Tourism Competitiveness Index, o qual mede a competitividade do setor turístico e atividades conexas em cada país, ou ainda pela posição favorável ocupada pelo México (6.ª posição a nível mundial) no que concerne à atração de turistas, de acordo com o UNWTO World Tourism Barometer;
- iii. relativamente às exportações, torna-se evidente o predomínio da «tríade» dominante a nível global – o polo americano, liderado pelos Estados Unidos da América (com o inglês a liderar esta variável), o polo asiático, liderado pela China (com o mandarim em 2.º lugar), e o polo europeu, encimado pela Alemanha (com o alemão em 3.º lugar);
- iv. a posição de destaque do francês, do alemão e do japonês no conjunto de variáveis de natureza económica, contribuindo para melhorar, como esperado, a posição destas línguas face à avaliação exclusivamente suportada pelo número de falantes;

- v. o neerlandês ocupa uma posição muito favorável no tocante às duas variáveis comerciais. Este resultado encontra-se associado a dois aspetos essenciais (interligados entre si). Em primeiro lugar, a Holanda e a Bélgica (principais países falantes) ocupam as posições cimeiras na análise de centralidade económica e geográfica desenvolvida por Simões e Crespo (2019). Esta abordagem visa aferir a proximidade aos mercados e ao poder de compra, ponderando a respetiva dimensão económica pela distância entre o país em apreço e o mercado de destino. O título do artigo acima mencionado é, aliás, ilustrativo do propósito visado: «To Be There or Not To Be There: Centrality as a Measure of Closeness to Markets». Quando a avaliação é concretizada à escala mundial, os países do centro da Europa – com destaque para a Holanda e a Bélgica – surgem nos primeiros lugares. Em segundo lugar, e apoiando a explicação do primeiro resultado, estes países merecem igualmente destaque pela importância dos seus portos marítimos. Num contexto em que a via marítima é preponderante no comércio internacional, a importância dos portos de Roterdão (único porto europeu entre os dez maiores do mundo) e Antuérpia é assinalável. Quando avaliada numa perspetiva evolutiva, importa sublinhar, todavia, a afirmação, a este nível, do bloco asiático em geral e da China em particular, aí se situando sete dos dez maiores portos mundiais;
- vi. como seria expectável, esta dimensão penaliza a posição global do português, traduzindo o seu menor grau de influência económica à escala

global. Esta realidade é particularmente visível no plano comercial e de atração de fluxos turísticos, situando-se o português entre os 13.º e 14.º lugares neste leque de variáveis.

Como se sintetiza esta evidência numa hierarquização dimensional relativa à dimensão económica? O gráfico seguinte exhibe esses resultados, a partir da média simples dos índices relativos às quatro variáveis económicas consideradas.

**Gráfico 8 – Dimensão economia: ordenação de línguas – As dez mais**



Fontes: The World Bank (2017)/ World Integrated Trade Solution (2017)/ World Tourism Organization (2017)/ The World Factbook da CIA (2017).

Sem surpresa, o inglês lidera com um índice de 95,3, sendo secundado pelo espanhol (63,1), pelo mandarim (54,5), pelo alemão (37,9) e pelo francês (34,6). O português surge posicionado em 13.º lugar entre as 110 línguas alvo de avaliação, com um índice de 12,7 num máximo potencial de 100, atrás do russo (16,5) e do coreano (14,8), os 10.º e 11.º classificados, nesta dimensão.



## **4.2 Recursos naturais e sustentabilidade**

A influência dos recursos naturais na capacidade de influência e no poder dos países é, de há muito, (re)conhecida. Essa influência estende-se desde a vertente política e diplomática até à económica, em que mercados internos mais amplos são indutores de crescimento e de menor dependência produtiva face ao exterior (veja-se, a título de exemplo, a dimensão praticamente continental de alguns dos países que evidenciam níveis de crescimento económico mais robusto, em termos estruturais, ao longo dos últimos anos – Brasil, Rússia, Índia, China, para mencionar apenas países integrantes do mais famoso acrónimo – BRICS) e a posse de recursos críticos (por exemplo, o petróleo ou o gás natural) como um elemento fundamental da geoestratégia mundial.

Por outro lado, a evolução que se vem registando a nível ambiental e dos recursos naturais acarreta impactos profundos em múltiplos domínios, que afetarão os países e seus habitantes de modo indelével. A este propósito, Sir Robert Watson, presidente da Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES), afirma:

A saúde dos ecossistemas dos quais nós e todas as outras espécies dependem está a deteriorar-se mais rapidamente do que nunca. Estamos a desgastar as próprias fundações das nossas economias, os meios de subsistência, a segurança alimentar, a saúde e a qualidade de vida em todo o mundo.

Sir Robert Watson, presidente da IPBES

Num estudo recentemente tornado público, as conclusões da IPBES são significativas:

Cerca de 1 milhão de espécies animais e plantas estão em risco de extinção, muitas no espaço de décadas, mais do que nunca na história da humanidade. Na maioria dos habitats terrestres, a abundância média de espécies nativas diminuiu em, pelo menos, 20 %, sobretudo desde 1900. Mais de 40 % das espécies de anfíbios, quase 33 % dos corais formadores de recifes e mais de um terço de todos os mamíferos marinhos estão ameaçados.

2019 Global Assessment Report on Biodiversity  
and Ecosystem Services (IPBES)

A este nível, é particularmente impressionante a análise do relatório do World Economic Forum, *The Global Risks Report 2019*. Na sua avaliação, o relatório analisa as principais ameaças e riscos à escala global, tanto no que respeita à sua probabilidade de ocorrência como ao seu impacto potencial, classificando-os em cinco categorias: económicos, ambientais, geopolíticos, sociais e tecnológicos. A tabela 4 apresenta os cinco riscos considerados mais importantes em momentos temporais diferentes (2009, 2014 e 2019):

**Tabela 4 – Principais riscos à escala global e sua categorização**

Riscos globais em termos de probabilidade						
	2009		2014		2019	
1.º	Desvalorização do preço dos ativos	[E]	Desigualdades no rendimento	[S]	Eventos climáticos extremos	[A]
2.º	Abrandamento do ritmo de crescimento da economia chinesa	[E]	Eventos climáticos extremos	[A]	Retrocesso nas políticas de combate às mudanças climáticas	[A]
3.º	Doenças crónicas	[S]	Desemprego e subemprego	[E]	Desastres naturais	[A]
4.º	Falhas na governança global	[G]	Mudanças climáticas	[A]	Fraude ou roubo de dados	[T]
5.º	Retrocessos no processo de globalização	[E]	Ataques cibernéticos	[T]	Ataques cibernéticos	[T]
Riscos globais em termos de impacto						
	2009		2014		2019	
1.º	Desvalorização do preço dos ativos	[E]	Crises orçamentais	[E]	Armas de destruição maciça	[G]
2.º	Retrocessos no processo de globalização	[E]	Mudanças climáticas	[A]	Retrocesso nas políticas de combate às mudanças climáticas	[A]
3.º	Aumento do preço do gás e do petróleo	[E]	Crise de água	[A]	Eventos climáticos extremos	[A]
4.º	Doenças crónicas	[S]	Desemprego e subemprego	[E]	Crise de água	[S]
5.º	Crises orçamentais	[E]	Falhas na infraestrutura de informações	[T]	Desastres naturais	[A]

Fonte: *The Global Risks Report 2019*, World Economic Forum.

A mensagem mais saliente da tabela 4 é absolutamente clara: os riscos de natureza ambiental ganharam significado acrescido e dominam hoje a agenda de preocupações à escala planetária, sendo, portanto, decisivo acompanhar as alterações registadas neste domínio. Os autores do referido relatório sintetizam algumas das suas ideias mais relevantes da seguinte forma:

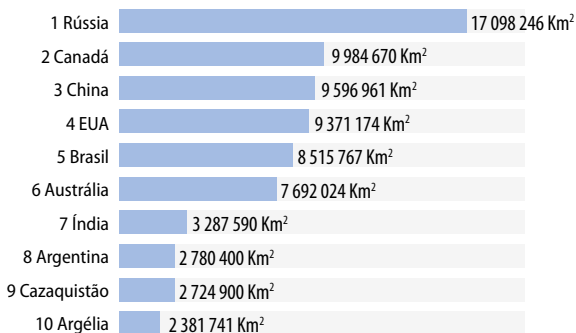
Os riscos relacionados com o meio ambiente dominam o GRPS (Global Risks Perception Survey) pelo terceiro ano consecutivo, contabilizando três dos cinco principais riscos em termos de probabilidade de ocorrência e quatro em termos de impacto. O clima extremo está novamente isolado no quadrante superior direito (alta probabilidade e alto impacto) do Panorama de Riscos Globais de 2019. 2018 foi mais um ano de tempestades, incêndios e cheias. De todos os riscos, é em relação ao meio ambiente que o mundo está a caminhar de forma mais sonâmbula para uma catástrofe. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) alertou seriamente, em outubro de 2018, que temos, no máximo, 12 anos para realizar mudanças drásticas e nunca antes vistas, necessárias para evitar que as temperaturas médias globais subam para lá da meta dos 1,5°C estipulados no Acordo de Paris. Nos EUA, a Quarta Avaliação Nacional do Clima alertou em novembro que sem reduções significativas nas emissões as temperaturas médias globais poderiam subir 5°C até ao final do século. [...] A alteração climática está a agravar a perda de biodiversidade e a causalidade segue em dois sentidos:

muitos dos ecossistemas afetados - como oceanos e florestas - são importantes para absorver as emissões de carbono. Ecossistemas cada vez mais frágeis também constituem riscos à estabilidade social e económica. Por exemplo, 200 milhões de pessoas dependem dos ecossistemas costeiros de manguezais para proteger seus meios de subsistência e segurança alimentar contra tempestades e a subida dos mares.

*The Global Risks Report 2019,*  
World Economic Forum

O recurso mais básico de um país é o seu território – a História assim nos ensina, tendo algumas das mais mortíferas guerras sido realizadas em nome da conquista de território. O gráfico 9 mostra os dez maiores países do mundo, em termos da respetiva área, segundo dados da ONU, sendo interessante notar que a língua principal em qualquer deles, com exceção do Cazaquistão, se posiciona entre as que têm maior número de falantes.

**Gráfico 9 – Os dez maiores países do mundo (área)**



Fonte: Organização das Nações Unidas

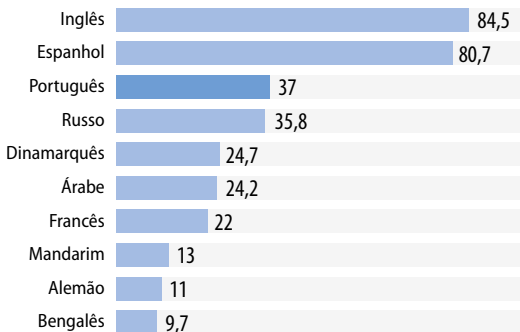
Porém, o espaço não é indiferenciado, existindo níveis distintos de valorização. Para avaliar a influência desta dimensão, recorreremos a cinco variáveis: (i) extensão da zona económica exclusiva (ZEE); (ii) reservas de água doce; (iii) área; (iv) electricidade através de energias renováveis que não a hidroelétrica (percentagem da capacidade total instalada), e (v) percentagem de terra arável.

Alguns resultados alcançados são merecedores de particular destaque. Em primeiro lugar, sobressai o predomínio dos países falantes de inglês e de espanhol. Dos cinco critérios avaliados, três (zona económica exclusiva, área e percentagem de terra arável) são liderados pelos países falantes de inglês e os restantes dois (reservas de água doce e energias renováveis) pelos países falantes de espanhol. Merece ainda realce, em segundo lugar, a posição do dinamarquês, que ocupa o 2.º lugar em termos de extensão da respetiva zona económica exclusiva e o 3.º lugar no que concerne a energias renováveis, e do russo, que regista a 2.ª posição na variável área, facto obviamente decorrente da dimensão territorial do principal país falante da língua: a Rússia. Em terceiro lugar, destacamos a posição privilegiada do português neste domínio, ocupando posições cimeiras em termos de zona económica exclusiva (6.º lugar mundial), reservas de água doce (2.º lugar), área (4.º lugar) e energias renováveis (7.º lugar).

Concluimos a análise desta dimensão com a leitura do gráfico 10, a qual nos informa quanto à posição global das línguas no quadro desta dimensão. Como consequência da evidência acima exposta, o inglês e o espanhol surgem em posições de ampla

vantagem, sendo seguidos, mas com amplo diferencial, pelo português, russo, dinamarquês e árabe.

**Gráfico 10 – Dimensão recursos naturais e sustentabilidade: ordenação de línguas – As dez mais**



**Fontes:** The World Factbook, da CIA (2015), e Wikipédia (2015).

### **4.3 Comunicação**

A dimensão comunicação assume uma importância significativa na promoção e difusão das línguas. Avaliamos a sua relevância mediante duas variáveis: (i) número de utilizadores de internet, e (ii) origem dos artigos na Wikipédia. A relevância da internet para a análise das línguas é claramente afirmada, por exemplo, por Ahumada (2011):

Há outra variável importante que deve ser considerada na descrição e estudo de diferentes línguas, e ainda mais na última década: a rede de todas as redes, a internet.

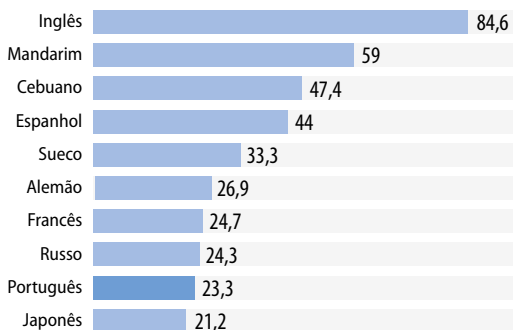
Ahumada (2011:325)

Os dados constantes revelam a preponderância do inglês no que respeita aos artigos na Wikipédia

e do mandarim relativamente ao número de utilizadores de internet. Neste último caso, o grupo de três principais línguas é composto pelo inglês e pelo espanhol, em linha com os resultados obtidos por Ahumada (2011). Por seu lado, o português tem a sua posição mais favorável no indicador relacionado com o número de utilizadores de internet, ocupando a 5.<sup>a</sup> posição no contexto das 110 línguas-alvo de análise quantitativa. A posição favorável do cebuano (língua maioritária nas Filipinas) deve-se essencialmente à sua posição no que respeita ao número de artigos publicados na Wikipédia.

A ordenação geral para esta dimensão posiciona o inglês na posição cimeira (84,6), seguido, com ampla diferença, pelo mandarim (59). O gráfico 11 revela estes resultados.

**Gráfico 11 – Dimensão comunicação: ordenação de línguas – As dez mais**



Fontes: World Internet Stats (2019) e Wikipedia (2019).



#### 4.4 Educação, cultura e ciência

A língua é um dos mais poderosos veículos de educação, de cultura e de ciência, encontrando-se fortemente associada às raízes dos países em que é falada e das suas gentes. Como, curiosamente, afirma F. Scott Fitzgerald:

Dizem não ser possível filosofar em outra língua que não alemão, ou cantar *rock* em inglês e samba em português.

Para os atores diretos de cultura, o relevo da língua-mãe é porventura ainda mais indelével. Afinal, é impossível não recordar as palavras de Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*:

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa.

Nesta dimensão, duas ideias parecem claras. Em primeiro lugar, que é vasto o leque de variáveis que podem concorrer para uma caracterização desta vertente, exigindo, portanto, uma necessária seleção. Em segundo, que o domínio do inglês, de tão imediatamente antecipável, quase torna dispensável a análise para determinar a sua posição, tornando o esforço apenas justificável no sentido de quantificar os diferenciais existentes face às restantes línguas.

Tendo em vista concretizar essa análise, fazemos uso das seguintes variáveis: (i) número de traduções (origem e alvo) de cada língua; (ii) língua dos vencedores dos diferentes prémios Nobel (Literatura,

Química, Física, Economia, Fisiologia/Medicina e Paz); (iii) número de livros disponíveis na biblioteca Gallimard, por nacionalidade do autor; (iv) língua do filme vencedor do Óscar de Melhor Filme, Melhor Filme Estrangeiro, e do melhor filme dos Festivais de Cinema de Cannes, Berlim e Veneza; (v) língua dos artistas/bandas vencedores do Grammy de Melhor Álbum do Ano; (vi) língua dos vencedores do Prémio Pritzker de arquitetura; (vii) língua dos vencedores das Medalhas Fields de matemática; (viii) áreas/regiões (Naturais, Culturais e Mistas) consideradas Património Mundial da Humanidade pela UNESCO; (ix) Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO; (x) número de universidades constantes no *ranking* do Times Higher Education (THE), e (xi) número de publicações científicas indexadas na Scopus, por país de origem do autor.

Das onze variáveis que concorrem para a apreciação desta dimensão, o inglês assume posição de vantagem em oito, sendo as exceções referentes aos livros da biblioteca Gallimard (com predomínio, como seria expectável, do francês) e os Patrimónios da UNESCO (onde a posição cimeira é ocupada pelo espanhol). Considerando as oito variáveis em que o inglês tem vantagem face às restantes línguas, existem cinco delas em que a diferença é muito substantiva: os prémios Grammy de música, os prémios relativos ao cinema (Óscares e mais prestigiados festivais internacionais de cinema) e três variáveis no domínio científico, particularmente universidades incluídas no *ranking* THE, publicações indexadas na Scopus e vencedores de prémios Nobel.

A concorrência entre universidades à escala mundial é hoje um fenómeno estabelecido e reconhecido,

visando atrair os melhores professores, investigadores e alunos e, desta forma, captar mais significativos montantes de financiamento público e privado. É, pois, sem surpresa que se assiste à divulgação de diversos *rankings* universitários, seja à escala da universidade ou de cada curso individualmente considerado. A nível global, sobressaem o Times Higher Education World University Rankings, o Qs World University Rankings, o U-Multirank, o Leiden Ranking ou o Academic Ranking of World Universities. Nesta análise utilizamos, como já mencionado, o *ranking* do Times Higher Education, o qual contempla cinco dimensões de avaliação das universidades: ensino, investigação, citações, impacto na indústria e internacionalização. O *ranking* de 2019, à semelhança de edições anteriores, é dominado por universidades americanas e inglesas, com destaque para Oxford, Cambridge e Stanford.

Também como reflexo deste fator, é hoje reconhecido que a investigação científica avançada se desenvolve e divulga, fundamentalmente, em língua inglesa, funcionando esta como «língua franca» da ciência global. As principais bases de indexação multidisciplinar de publicações científicas – Scopus e Web of Science – refletem cabalmente esta realidade, contendo uma esmagadora maioria de revistas científicas cuja língua de publicação é, precisamente, o inglês.

Esta predominância do inglês não deve, todavia, ser confundida com desejabilidade do seu uso exclusivo. Num estudo recente, publicado na *Plos One Biology*, Amano *et al.* (2016) alertam para o facto de mais de um terço da nova produção científica ser publicada noutras línguas e para as prováveis

consequências negativas daí decorrentes, nomeadamente ao nível da criação de barreiras à transferência de conhecimento. O problema é sintetizado, em entrevista, pelo seu primeiro autor (Tatsuya Amano, da Universidade de Cambridge) da seguinte forma:

O grande problema das barreiras linguísticas na ciência é que poucas pessoas tentaram resolvê-lo. Os falantes nativos de inglês tendem a assumir que toda a informação importante está disponível em inglês. Mas isso não é verdade, como mostramos no nosso estudo. Por outro lado, os falantes de inglês não-nativos [...] tendem a pensar que efetuar pesquisa em inglês é a uma prioridade, ignorando, muitas vezes, a ciência não produzida em inglês e a sua comunicação.

Tatsuya Amano (2016)

Visando a minimização deste problema, esta equipa de investigação da Universidade de Cambridge sugere ajustamentos na forma como as publicações científicas internacionais publicam os seus artigos, nomeadamente a tradução em várias línguas das conclusões chave dos estudos e a inclusão deste elemento como critério de avaliação nas universidades e agências de apoio à investigação. A título de exemplo, o artigo de Amano *et al.* (2016) divulga uma tradução das suas conclusões essenciais em espanhol, português, mandarim, francês e japonês.

Gradim e Piñeiro-Naval (2019) traçaram recentemente a evolução das línguas de publicação na Web of Science entre 1960 e 2015 no estudo *Políticas para Português e Espanhol: a segunda língua de publicação*

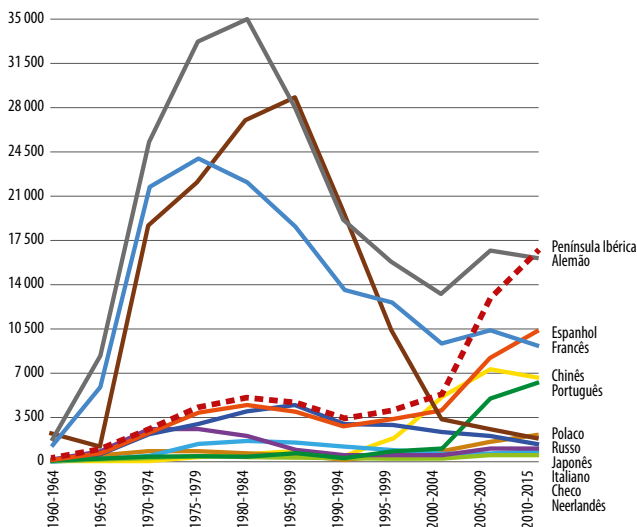
*do mundo em teia da ciência.* Nestes 55 anos em análise, é particularmente assinalável a enorme evolução que o português teve enquanto língua de publicação. Em 1960, não constava sequer nas oito primeiras línguas, quer no Science Citation Index (SCI), quer no Social Sciences Citation Index (SSCI), enquanto em 2015 é a 6.<sup>a</sup> classificada no primeiro e a 5.<sup>a</sup> no segundo, como se pode ver na tabela abaixo apresentada. Se o português for tido em consideração juntamente com o espanhol, tal como os autores o fazem, chamando a esta junção o ibérico, esta é a segunda língua da Web of Science, apenas atrás do inglês.

**Tabela 5 – As oito línguas com maior número de publicações em 1960 e 2015 no Science Citation Index (SCI) e no Social Sciences Citation Index (SSCI)**

Science Citation Index (SCI)		Social Sciences Citation Index (SSCI)	
1960	2015	1960	2015
1. <sup>a</sup> Inglês	1. <sup>a</sup> Inglês	1. <sup>a</sup> Inglês	1. <sup>a</sup> Inglês
2. <sup>a</sup> Russo	2. <sup>a</sup> Alemão	2. <sup>a</sup> Francês	2. <sup>a</sup> Alemão
3. <sup>a</sup> Alemão	3. <sup>a</sup> Espanhol	3. <sup>a</sup> Alemão	3. <sup>a</sup> Espanhol
4. <sup>a</sup> Francês	4. <sup>a</sup> Chinês	4. <sup>a</sup> Russo	4. <sup>a</sup> Francês
5. <sup>a</sup> Neerlandês	5. <sup>a</sup> Francês	5. <sup>a</sup> Neerlandês	<b>5.<sup>a</sup> Português</b>
6. <sup>a</sup> Espanhol	<b>6.<sup>a</sup> Português</b>	6. <sup>a</sup> Espanhol	6. <sup>a</sup> Russo
7. <sup>a</sup> Japonês	7. <sup>a</sup> Polaco	7. <sup>a</sup> Italiano	7. <sup>a</sup> Checo
8. <sup>a</sup> Italiano	8. <sup>a</sup> Japonês	8. <sup>a</sup> Africâner	8. <sup>a</sup> Italiano
100 % de cobertura nos anos considerados	99,8 % de cobertura nos anos considerados	100 % de cobertura nos anos considerados	99,7 % de cobertura nos anos considerados

**Fonte:** Gradim e Piñeiro-Naval (2019).

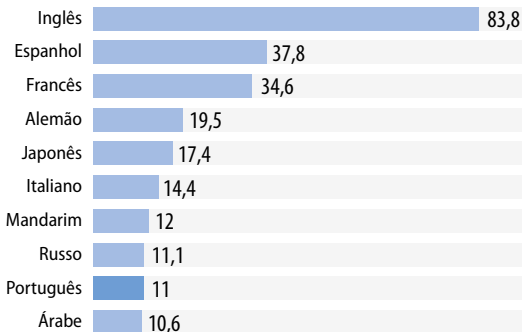
**Gráfico 12 – A evolução do número de artigos científicos publicados em cada língua entre 1960 e 2015 (inglês não incluído)**



Fonte: Gradim e Piñeiro-Naval (2019).

Na generalidade das variáveis que captamos nesta dimensão dedicada à educação, cultura e ciência, o português situa-se entre a 5.<sup>a</sup> e a 10.<sup>a</sup> posição, sendo as duas exceções relativas aos prémios de cinema (20.<sup>o</sup> lugar) e aos prémios Nobel (19.<sup>o</sup> lugar).

**Gráfico 13 – Dimensão educação, cultura e ciência: ordenação de línguas – As dez mais**



Fontes: Bibliothèque de la Pléiade (2019)/ National Academy of Recording Arts & Sciences (2019)/ UNESCO (2019)/ Times Higher Education (2018)/ International Mathematical Union (2018)/ Scopus (2019)/ Index Translationum da UNESCO (2018)/ The Norwegian Nobel Prize Institute (2018)/ Wikipedia (2018) Academy of Motion Picture Arts and Sciences (2018)/ Festival de Cannes (2018)/ Internationale Filmfestspiele Berlin (2018)/ La Biennale di Venezia (2018)/ IMDb (2018)/ The Pritzker Architecture Prize (2018).

O resultado geral em termos de ordenação das línguas nesta dimensão surge espelhado no gráfico 13, onde o natural destaque tem de ser dirigido para a ampla vantagem detida pelo inglês, com um índice que excede o dobro do obtido pelo espanhol (37,8) e pelo francês (34,6). A língua portuguesa situa-se em 9.º lugar. Face a outras dimensões, sobressaem, ainda, as posições elevadas do alemão (4.º), do japonês (5.º) e do italiano (6.º).

#### **4.5 Influência mundial**

Como atrás expressámos, o objetivo nuclear da nossa análise é produzir uma ordenação de línguas mundiais. Uma forma de valorizar essa dimensão passa por diferenciar as línguas que encontram expressão relevante em diferentes áreas geográficas. Fazemo-lo, de modo simplificado, tendo em atenção o número de

continentes (num total de cinco continentes) em que a língua é falada por, pelo menos, 1 % da população total dessa área. O inglês é a única língua (entre as 110 avaliadas) presente e expressiva nos cinco continentes, mas cabe igualmente salientar a influência global do português e do francês por serem línguas oficiais de países situados em quatro continentes.

Esta variável – número de continentes em que a língua é falada por, pelo menos, 1 % da população total desse continente – é uma das quatro variáveis que incluímos na análise tendo em vista captar a dimensão «Presença Global». Duas outras variáveis são referentes ao estatuto das línguas: (i) número de países em que é língua oficial (quando exista mais do que uma língua oficial, o crédito é repartido igualmente), e (ii) ser (ou não) língua oficial da ONU. Por fim, visando complementar a leitura das variáveis precedentes, incluímos ainda uma variável relacionada com a língua falada pelas personalidades com maior número de seguidores nas principais redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram). Neste último caso, o número de seguidores é usado como ponderador e são tomadas em conta as 100 personalidades com maior número de seguidores em cada dessas redes sociais.

Aquando da fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, após o final da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, foram estabelecidas como suas línguas oficiais o inglês, o francês, o mandarim e o russo, representando as línguas dos vencedores do conflito, e ainda o espanhol. Estas são também as línguas principais dos membros permanentes do Conselho de Segurança. Posteriormente, em 1973, pela Resolução 3191 da Assembleia Geral das



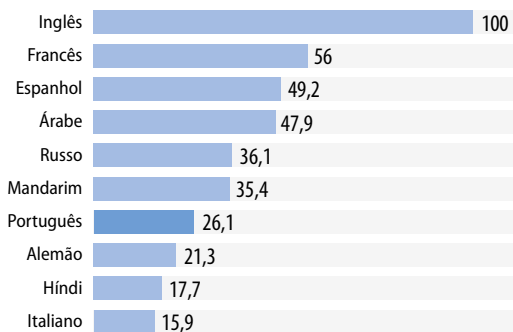
Nações Unidas, o árabe completou a atual lista de seis línguas oficiais da Organização. Em novembro de 2016, foi aprovada na Cimeira da CPLP uma proposta do anterior Presidente brasileiro Michel Temer no sentido de o português se vir também a juntar ao grupo de línguas oficiais da ONU. Apesar de o seu atual Secretário-Geral, o português António Guterres, já ter manifestado a sua posição favorável a tal pretensão, e sendo esta uma competência da Assembleia Geral, não é crível a existência de alterações, a curto prazo, neste domínio. Isso mesmo afirmou, já em 2019, o embaixador português na UNESCO, António Sampaio da Nóvoa, quando recordou que a definição das línguas oficiais da ONU se encontrava «estabilizada», sendo muito difícil colocar essa questão na agenda de discussão.

Uma outra forma de afirmação das línguas passa pela sua utilização enquanto língua oficial de um dado país ou território. Essa língua – com um estatuto legal próprio e reconhecido – é habitualmente usada pelos diferentes órgãos de soberania. Nesta vertente, é clara a preponderância do inglês, seguido do francês, do árabe e do espanhol. O português, sendo língua oficial em menos países, tem a particularidade de ser a única língua oficial dos mesmos, salvo no caso de Timor-Leste, em que partilha esse estatuto com o tétum. O caso da língua portuguesa na Guiné Equatorial é atípico dentro da CPLP, dado que este país tem três línguas oficiais: espanhol, francês e português.

A quarta variável que usámos na dimensão presença global tem, como já definimos, uma natureza distinta, procurando captar a influência global exercida por personalidades – de diferentes quadrantes,

embora com predomínio da música, desporto e cinema – que atraem mais seguidores nas redes sociais. Também aqui, sem surpresa, as personalidades de língua inglesa são as que captam mais seguidores, cabendo realçar, no caso do Twitter, que as seis personalidades com maior número de seguidores são de língua inglesa (Katy Perry, Justin Bieber, Rihanna, Taylor Swift, Lady Gaga e Ellen DeGeneres), seguidas por Cristiano Ronaldo. A influência mediática do jogador português é ainda mais significativa no Instagram e no Facebook, em que se constitui como a personalidade mundial com mais seguidores. No caso do Instagram, os dez mais integram oito personalidades de língua inglesa, Cristiano Ronaldo e o também jogador de futebol brasileiro Neymar. No Facebook, os lugares cimeiros (*top 5*) incluem personalidades de três línguas diferentes: português (Cristiano Ronaldo, em 1.º lugar), espanhol (Shakira, em 2.º, e Lionel Messi, em 4.º) e inglês (Vin Diesel, em 3.º, e Eminem, em 5.º).

**Gráfico 14 – Dimensão influência mundial: ordenação de línguas – As dez mais**



Nota: Wikipedia (2019)/ Social Bakers (2019)/ Profile Rat (2019).

Se conjugarmos a informação resultante destas quatro variáveis, podemos, à semelhança do que fizemos em todas as dimensões anteriores, estabelecer a ordenação das línguas em apreço nesta dimensão específica. Essa informação consta do gráfico 14. O leque de línguas que lidera esta ordenação reproduz, na íntegra, a lista das seis línguas oficiais da ONU, ficando o português na posição imediatamente seguinte, com um índice de 26,1 num máximo de 100 (alcançado pelo inglês).

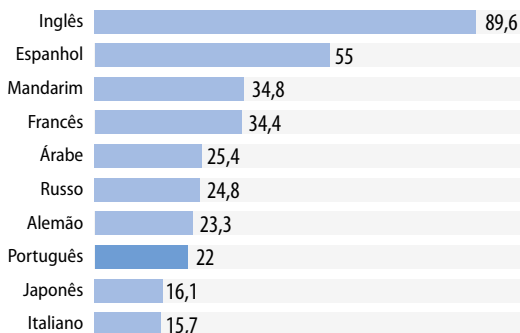
#### **4.6 Uma segunda ordenação de línguas globais**

Ao longo da secção 2, debatemos as variáveis integrantes das cinco dimensões que adicionámos à análise tendo em vista complementar a leitura baseada no número de falantes. Aqui chegados, é tempo de dar resposta a duas questões finais:

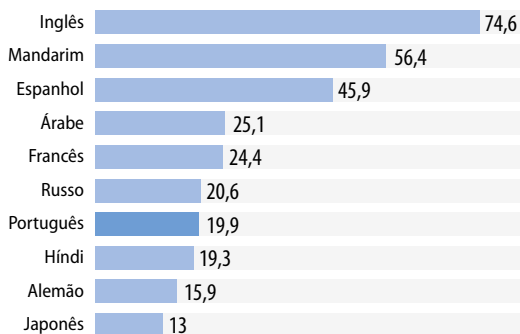
Qual o posicionamento das diferentes línguas no que respeita, em termos agregados, a estas cinco dimensões complementares?

Que modificações são introduzidas, ao nível de uma segunda ordenação de línguas mundiais, pela introdução deste leque de variáveis?

**Gráfico 15 – Cinco dimensões de caracterização: ordenação de línguas (impacto global) – As dez mais**



**Gráfico 16 – Segunda ordenação: falantes (50 %) + Impacto global (50 %) – As dez mais**



Os gráficos 15 e 16 fornecem a resposta a cada uma destas questões, elencando o grupo de 10 línguas que, entre as 110 analisadas, exibem melhores resultados.

Começemos por recordar que a primeira ordenação de línguas (exposta no gráfico 7) coloca o mandarim em 1.º lugar (78), seguido do inglês (59,6) e do

espanhol (36,9). Estes resultados são, obviamente, induzidos pela fortíssima preponderância do mandarim em termos de falantes de língua materna, dada a dimensão da China enquanto país mais populoso do mundo e o peso do mandarim ascender, nesse país, a 63,6 % da população, segundo dados do Ethnologue.

Se atentarmos à ordenação relativa às cinco dimensões (impacto global) que incluímos na avaliação, o grupo liderante de três línguas permanece inalterado, mas as posições relativas modificam-se, registando-se, agora, uma clara vantagem do inglês (fruto da sua posição de ampla liderança em todas as dimensões analisadas, com exceção da dimensão recursos naturais e sustentabilidade, em que, apesar de também liderar, a diferença é muito mais limitada), com um índice de 89,6, seguido do espanhol (55) e do mandarim (34,8). Nesta particular classificação, o português regista o 8.º lugar, com um índice de 22, num máximo de 100. A este nível, é também interessante notar a posição do alemão, que, embora na contabilização do seu número de falantes não supere a 13.ª posição, alcança a 7.ª posição geral no leque de cinco dimensões adicionais. Não causa, pois, surpresa que a redefinição da ordenação de línguas globais, ponderando falantes e dimensões adicionais de caracterização em proporções equivalentes (50 % cada), suscite algumas alterações na hierarquia geral de importância das línguas. A liderança – destacada – é agora do inglês, correspondendo à percepção generalizada de domínio dessa língua à escala global. O português fica posicionado em 7.º lugar global, tal como na primeira ordenação, superando, por uma pequena margem, o híndi, que, apesar de registar um

número superior de falantes, perde no que concerne à natureza global da língua.

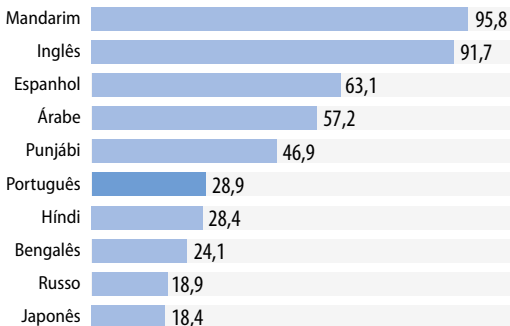
## **5. Potencial**

Nas secções anteriores, expusemos e discutimos duas ordenações de línguas mundiais. Inicialmente, centrámos a leitura da informação estatística exclusivamente no número de falantes. Seguidamente, introduzimos cinco dimensões de caracterização das línguas, de modo a qualificar a análise inicial. Nesta derradeira etapa de análise, procederemos, como adiantado na secção 2, à apresentação de uma terceira ordenação de línguas mundiais. Esta foi construída adicionando às dimensões de análise já consideradas uma outra, referente ao potencial de evolução das línguas. Para tal fim, são consideradas duas variáveis, uma de médio e outra de longo prazo: a evolução económica até 2023 (PIB PPC) e as previsões de evolução demográfica até ao final de século (2100).

No plano económico, as previsões indicam que o potencial de crescimento é superior no caso do inglês e do mandarim, situando-se o português em 9.º lugar. Por seu lado, relativamente à dinâmica demográfica, existe vantagem do mandarim face ao árabe, ao inglês, ao espanhol e ao punjábí, que ocupam as posições imediatamente seguintes. Nesta variável, o português situa-se em 7.º lugar.

A conjugação destas variáveis permite obter os resultados ilustrados no gráfico 15, através dos quais se torna clara a vantagem do mandarim e do inglês (com índices de 95,8 e 91,7, respetivamente), seguidas do espanhol (63,1) e do árabe (57,2), enquanto o português surge posicionado na 6.ª posição entre as 110 línguas, com um índice de 28,9.

### Gráfico 17 – Previsões económicas e demográficas: ordenação de línguas – As dez mais



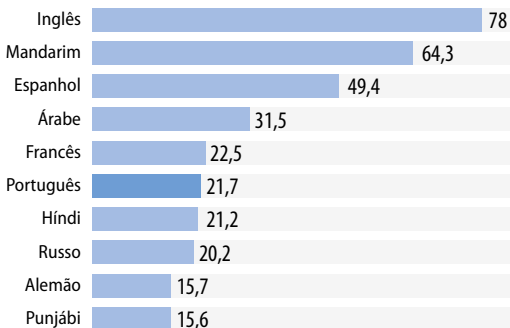
Em função desta nova evidência, desenvolvemos, como último passo do processo de construção de uma ordenação de línguas mundiais, uma última ordenação, nos moldes seguintes:

Ordenação de falantes (L1+L2) – 40 %;

Ordenação do impacto global (cinco dimensões) – 40 %;

Ordenação do potencial (duas variáveis) – 20 %.

### Gráfico 18 – Terceira ordenação de línguas mundiais: falantes, cinco elementos adicionais de caracterização e previsões económicas e demográficas – As dez mais



Estabelecendo a comparação com a ordenação que abordámos anteriormente, as diferenças são pouco expressivas no que concerne às dez línguas mais importantes, evidenciando-se apenas pequenos ajustamentos. As cinco línguas mais globais mantêm-se, sofrendo apenas pequenas alterações: o mandarim passa de 3.º para 2.º lugar, o espanhol, que era 2.º, passa para 3.º e o árabe, que estava no 5.º lugar, passa para 4.º, trocando com o francês. Relativamente às restantes cinco, apenas uma delas não permanece neste grupo de dez – o japonês, que desce de 10.º para 12.º, facto que se explica essencialmente pelas projeções demográficas conhecidas para 2100 (17.º lugar entre as 110 línguas). O português e o híndi registam subidas de posição na ordenação geral, situando-se, agora, no 6.º e 7.º lugares, respetivamente. Tendência inversa é evidenciada pelo russo, que desce de 6.ª língua mundial na segunda ordenação para 8.ª nesta ordenação final. Por fim, o 10.º lugar nesta última ordenação é ocupado pelo punjábí, o que compara com a 13.ª posição registada na segunda ordenação. Esta evolução explica-se pelas previsões favoráveis registadas tanto no domínio económico (8.º lugar) como, sobretudo, no demográfico (5.º lugar), sendo interessante enfatizar que previsões demográficas equivalentes circunscritas ao horizonte temporal de 2030 colocam o punjábí na 3.ª posição em termos de evolução esperada, logo atrás do mandarim e do espanhol.

Para uma síntese final que ilustre as dez línguas mais importantes em cada uma das três ordenações apresenta-se a seguinte tabela:



**Tabela 6 – As dez línguas mais importantes em cada uma das três ordenações**

Ordenação de línguas -Falantes (L1+L2)	Ordenação de línguas – Impacto global	Ordenação final – (Falantes + Impacto global + Potencial)
1.ª Mandarim	1.ª Inglês	1.ª Inglês
2.ª Inglês	2.ª Mandarim	2.ª Mandarim
3.ª Espanhol	3.ª Espanhol	3.ª Espanhol
4.ª Hindi	4.ª Árabe	4.ª Árabe
5.ª Árabe	5.ª Francês	5.ª Francês
6.ª Bengalês	6.ª Russo	6.ª Português
7.ª Português	7.ª Português	7.ª Híndi
8.ª Russo	8.ª Híndi	8.ª Russo
9.ª Francês	9.ª Alemão	9.ª Alemão
10.ª Japonês	10.ª Japonês	10.ª Punjábí

## **7. Conclusões**

Como facilmente se conclui pela leitura deste capítulo, tentar estabelecer uma hierarquização de línguas não é tarefa fácil, pelo elevado número de dimensões envolvidas mas, também, pela falta de bases de dados que contenham a informação necessária e comparável para cerca de 100 línguas.

Como alertámos no início, esta é uma primeira iniciativa para a construção de uma ordenação sólida das línguas mais importantes a nível mundial. No entanto, os dados já obtidos nesta fase permitem retirar, desde já, algumas conclusões.

Nas 12 línguas que, por força de algumas variáveis utilizadas, acabam por entrar no conjunto das três ordenações que acabámos de apresentar, constatamos a existência de situações muito diversas, podendo estabelecer os seguintes conjuntos:

Um primeiro grupo de línguas são simultaneamente fortes no número de falantes, na economia e na influência global. Deste grupo fazem parte o mandarim, o inglês, o espanhol e o árabe. Podemos ainda agregar a este grupo o francês, pelo elevado número de falantes L2 (mais de 200 milhões), embora detendo um número reduzido de falantes de primeira língua. Este grupo integraria as cinco línguas mais globais;

Num segundo conjunto teríamos línguas de natureza mais local mas com forte peso de falantes, na atualidade mas, também, com forte potencial de expansão. É o caso de três línguas asiáticas: híndi, punjábí e bengalês.

As dimensões económicas e de presença global, mais que o número de falantes (L1 ou L2), definem um outro grupo, que integra o russo, o japonês e o alemão.

O caso da língua portuguesa é relativamente atípico no conjunto destas 12 línguas, porque, estando sempre presente em todas as ordenações ocupando as 7.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> posições, apresenta duas dimensões de alguma debilidade (a economia e falantes L2), ostentando porém pontos fortes ao nível dos falantes maternos, dos recursos naturais e da presença global.

## Capítulo V

# **As redes do Instituto Camões e dos centros culturais do Brasil e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP**

### **1. A missão do Camões, I. P.**

Ao Camões, I. P., instituto assim denominado desde a junção do Instituto Camões com o Instituto de Apoio ao Desenvolvimento em 2012, se deve uma parte significativa da afirmação da língua portuguesa a nível internacional. Sob tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros, este instituto tem a responsabilidade de executar e coordenar a política de cooperação e de divulgação da língua e da cultura portuguesas no estrangeiro.

Tal como os seus homólogos, dos quais cabe mencionar o British Council para o caso do inglês, a Alliance Française e o Institut Français para o francês, o Goethe-Institut para o alemão, a Società Dante Alighieri para o italiano, o Instituto Cervantes relativamente ao espanhol e, mais recentemente, o Instituto Confúcio em relação ao mandarim, também o Camões, I. P., dispõe de uma rede de instituições no mundo que lhe permite promover o português enquanto língua global. É sobre esta sua rede que trata o presente capítulo. Antes, porém, trataremos de descrever a sua missão.

A importância de um instituto desta natureza começa, desde logo, com o apoio aos vários países nos quais o português é língua oficial. Este apoio, destinado aos nove Estados que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), também ela um porta-estandarte do português, é realizado de diversas formas, nomeadamente através da atribuição de bolsas, de oferta de diversos cursos nos diferentes níveis de ensino, da criação de plataformas de informação, da formação de quadros e da essencial formação inicial e contínua de tradutores e professores de português, seja enquanto língua materna, seja enquanto língua segunda, que requerem abordagens e aprendizagens distintas.

O apoio do instituto não se esgota nos países da CPLP, estendendo-se também às comunidades de língua portuguesa fora dos países em que esta é língua oficial. É por isso que a rede de instituições do Camões, I. P., se encontra presente nos principais países de destino da diáspora de Portugal (e restantes países da CPLP) e dá especial atenção ao ensino do português como língua de herança.

Numa outra vertente do ensino, uma aposta forte por parte do Camões, I. P., passa pela tentativa de integração do português, enquanto língua estrangeira, nos currículos escolares do ensino básico e secundário de vários países estrangeiros, espalhados por diversos continentes, tendo esta abordagem vindo a dar bons resultados<sup>1</sup>.

1 As metas estabelecidas para Portugal, pelo Camões, I. P., são que o português passe a ser lecionado como língua de opção no ensino básico e secundário em 32 países do ano letivo de 2019-2020.

Com alguma naturalidade, dada a sua proximidade e partilha de fronteiras com Portugal, o português aparece como língua estrangeira do ensino pré-superior em Espanha e também no Uruguai e noutros países do Mercosul, por razões semelhantes relacionadas com a proximidade ao Brasil. O mesmo sucede com o Senegal, vizinho da Guiné-Bissau, e com a Namíbia, que tem Angola como vizinha. Mais surpreendente é talvez a capacidade de introdução do português nos currículos escolares de países como a Bulgária, a Hungria, a Itália, a República Checa ou a Roménia.

Para além do papel assumido de introduzir o português, enquanto língua estrangeira, no ensino básico e secundário fora do espaço lusófono, o Camões, I. P., também tem um papel relevante na presença da língua portuguesa a nível do ensino superior no estrangeiro. São vários os cursos promovidos pelo Instituto, de ensino presencial ou a distância, ao nível das licenciaturas e pós-graduações em língua portuguesa, sendo também considerável a oferta de unidades curriculares complementares a outros cursos de dimensões, níveis e áreas variadas, lecionadas em português.

Para além da promoção da língua no campo do ensino, uma das missões do Instituto está ligada à promoção da língua portuguesa como língua internacional. Essa promoção passa pela intenção de conseguir que a língua seja utilizada, por exemplo, em organizações internacionais. O português é hoje língua oficial ou, pelo menos, língua de trabalho, em muitas organizações internacionais. Pela sua importância política, estratégica ou económica, é relevante mencionar os casos da União Europeia

(UE), da União Africana (UA), da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

Sendo a língua indissociável da cultura e sendo ela uma das bases da literatura, das artes, do teatro, do entretenimento e, por vezes, até da gastronomia, é também uma preocupação do Camões, I. P., criar programas, promover e colaborar com outras instituições em ações e eventos que promovam a cultura e o património associado à língua portuguesa lá fora.

O quadro que se apresenta seguidamente permite-nos conhecer os indicadores gerais da atividade do Camões, I. P., e alguns dos meios de que o Instituto dispõe para levar a cabo a sua missão de difundir o ensino e a cultura portuguesa.

#### **Quadro 6 – Indicadores gerais de atividade do Camões, I. P.**

Países onde o Camões, I. P., atua	85
Centros culturais portugueses	19
Estruturas de coordenação de ensino	11
Centros de língua portuguesa	76
Cátedras (Investigação)	48
Instituições com as quais o Camões, I. P., coopera	402
Professores da rede oficial da educação pré-escolar, ensino básico e secundário	310
Professores da rede particular da educação pré-escolar, ensino básico e secundário	631
Leitores	49
Docentes ao abrigo de protocolos de cooperação	757
Alunos	169 053

Fonte: Camões, I. P. (2018).

## **2. De Portugal para o Mundo. A rede de instituições do Camões, I. P.**

A rede de instituições que o Camões, I. P., tem vindo a construir é bastante vasta e verdadeiramente global. Segundo dados referentes ao final de 2017, obtidos junto do Instituto, é possível constatar que as suas atividades regulares são desenvolvidas num conjunto de 85 países distribuídos ao longo dos cinco continentes. Este número é mais um indicativo de que a presença global do Camões, I. P., tem aumentado significativamente ao longo dos anos. Segundo Reto *et al.* (2012), o número de países abrangidos pela rede era de 41 em 2003, passando para 72 em 2010, 75 em 2017 e, posteriormente, alcançando o número de países com que nos deparamos agora.

Até ao início de 2018, a presença do Camões, I. P., no espaço europeu (União Europeia e países vizinhos) estava assegurada em 38 países diferentes, sendo esta região do mundo onde a sua presença é mais significativa. Essa presença ocorria também em 16 países da África Subsariana e PALOP, região onde tem a sua segunda presença mais acentuada, em 11 países do espaço ibero-americano, em 10 países da Ásia e Oceânia, 8 países do Médio Oriente e Norte de África (MENA) e 2 países na América do Norte (Reto, 2018).

Importa salientar que a presença em cada um dos 85 países que constituem a rede não é exatamente equitativa, havendo casos em que a presença se faz «apenas» ao nível da ação cultural, seja ela mais simplificada ou ao nível da ação cultural com a presença no país de atividades docentes, de apoio à docência, de apoio científico ou pedagógico. É o

que acontece em países como o Equador, o Peru, o Azerbaijão, a Bielorrússia, o Chipre, a Dinamarca, a Grécia, a Noruega, a Ucrânia, o Líbano ou a Malásia.

No quadro seguinte é possível verificar a lista completa de países onde o Instituto Camões atua, distribuídos pelas regiões já anteriormente referidas.

**Quadro 7 – Países onde o Camões, I. P., atua (por regiões)**

Região	Países
América do Norte	Canadá, EUA
Espaço ibero-americano	Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, México, Uruguai, Venezuela, Equador*, Panamá, Peru**
Europa (UE e países vizinhos)	Alemanha, Áustria, Bulgária, Eslováquia, Espanha, Finlândia, Geórgia, Irlanda, Lituânia, Macedónia, Holanda, Portugal, República Checa, Rússia, Suécia, Turquia, Andorra, Bélgica, Croácia, Eslovénia, Estónia, França, Hungria, Itália, Luxemburgo, Moldávia, Polónia, Reino Unido, Roménia, Sérvia, Suíça, Azerbaijão**, Bielorrússia**, Chipre*, Dinamarca*, Grécia**, Noruega**, Ucrânia**
(MENA) Médio Oriente e Norte de África	Etiópia, Marrocos, Egito, Tunísia, Israel, Argélia, Emirados Árabes Unidos*, Líbano*
PALOP e África Subsariana	África do Sul, Botsuana, Costa do Marfim, Namíbia, Quénia, São Tomé e Príncipe, Tanzânia, Zimbabué, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Nigéria, República Democrática do Congo, Senegal, Suazilândia
Ásia e Oceânia	Austrália, China, Coreia do Sul, Índia, Indonésia, Japão, Tailândia, Timor-Leste, Vietname, Malásia**

Fonte: Camões, I. P. (2018).

\*Presença apenas ao nível da ação cultural.

\*\*Presença através de atividades de ação cultural seja através de atividades docentes, de apoio à docência ou de apoio científico ou pedagógico.

Os 19 centros culturais do Camões, I. P., são espaços dotados de autonomia própria situados habitualmente junto das embaixadas ou postos consulares portugueses no estrangeiro, cujo objetivo primordial é a promoção da língua e da cultura



portuguesas e a defesa da sua coexistência com outras línguas e culturas diferentes, concretamente as pertencentes aos países onde se situa a respetiva missão diplomática portuguesa. Os 19 centros culturais do Camões, I. P., estão situados em 16 países diferentes (Alemanha, Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Espanha, França, Guiné-Bissau, Índia, Japão, Luxemburgo, Marrocos, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Tailândia e Timor-Leste).

Em parceria, essencialmente, com universidades, mas também com organizações de cariz internacional, estão os espaços de apoio logístico mais vocacionados para o ensino e investigação: os centros de língua portuguesa. Estes centros são providos de bibliotecas, videotecas, acervos musicais, computadores, ferramentas digitais e outras tecnologias multimédia que estão ao dispor dos seus utilizadores. Em 2016, contabilizaram-se 85 361 utilizadores destes centros, registando-se os valores mais significativos nos PALOP e na Europa. Entende-se bem o porquê desta distribuição geográfica. Por um lado, estamos perante espaços onde o português é língua oficial e, por outro, onde as comunidades de emigrantes são mais expressivas. A título de exemplo, a diáspora portuguesa, segundo os dados do Trends in International Migration Stock, The 2017 Revision, das Nações Unidas, era composta por 2 666 735 pessoas, sendo os dois principais destinos dos emigrantes portugueses a França (com 724 000 emigrantes) e a Suíça (com 213 555 emigrantes).

Atualmente, o Instituto Camões dispõe de 80 centros de língua portuguesa, distribuídos por 49 países dos vários continentes. Segundo uma apresentação realizada na sede do Instituto Camões, em

outubro de 2018, sobre a sua rede e linhas estratégicas de ação futura, observa-se que a maioria dos alunos da rede encontra-se a frequentar cursos ministrados pelo Instituto ao nível do ensino superior. Do total de 169 053 alunos, 100 295, ou seja, 59,3%, eram alunos universitários; os restantes 68 758 (40,7%) eram alunos a frequentar o ensino básico ou o ensino secundário. Na mesma apresentação, as projeções do Camões, I. P., para 2019 apontavam para que se atingisse a meta dos 175 310 alunos inscritos. Ainda não dispomos dos dados para confirmar tal tendência, todavia, é de assinalar o crescimento no número de alunos de língua portuguesa no estrangeiro ao longo dos últimos 10/12 anos, fruto da ação do Instituto. Esse crescimento é ainda mais notável se atentarmos ao ensino superior.

Em 2007, o número de alunos inscritos no ensino superior, nos cursos ministrados pelo Camões, I. P., era de apenas 37 557 e o número de alunos na mesma situação, mas pertencentes ao ensino básico e secundário, era de 64 061. Os números mais recentes ajudam a demonstrar que o interesse em aprender português em países não lusófonos é cada vez maior.

Isto implica naturalmente uma maior exigência para o próprio Camões, I. P., no que diz respeito à formação de professores. Também por isso, o seu corpo docente tem aumentado nos últimos anos, em todos os níveis de ensino.

Para além das instituições que compõem esta alargada rede de que temos falado ao longo deste capítulo e que auxiliam o Camões. I. P., a cumprir a sua missão de cooperação entre os países de língua portuguesa, de divulgação e ensino da cultura e

da língua portuguesas, existem outros tipos de instrumentos e de iniciativas adotadas pelo Instituto que devem ser assinaladas, nomeadamente a oferta de cursos a distância através do Centro Virtual Camões, disponível *online*, a disponibilização de obras para bibliotecas, a dinamização de atividades de promoção de leitura (que envolvem diretamente os estudantes do Instituto e as comemorações do Dia da Língua Portuguesa, a 5 de maio, e do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a 10 de junho), a aquisição de obras para o repositório do Instituto (que conta com mais de 2500 títulos) e o apoio dado ao nível da ciência e do conhecimento através da articulação com investigadores de língua portuguesa no estrangeiro e da realização de estudos vários (Reto *et al.*, 2012; Reto *et al.*, 2018).

### **3. Do Brasil para o Mundo. A Rede Brasil Cultural**

À semelhança do que acontece em Portugal com a rede do Camões, I. P., também o Brasil dispõe de um conjunto de instituições que partilham o objetivo de promover língua portuguesa e, no caso, a cultura brasileira no estrangeiro: a Rede Brasil Cultural.

Igualmente tutelada por um ministério, o Ministério das Relações Exteriores, a Rede Brasil Cultural, sucessora da anterior Rede Brasileira de Ensino no Exterior, criada em 1962, tem conseguido assinalar a sua presença em várias regiões fora do Brasil ao longo dos últimos 57 anos.

A Rede é composta por 24 centros culturais, 5 núcleos de estudos brasileiros a funcionar em

4 países (Guiné Equatorial, Guatemala, Paquistão e Uruguai) e 15 leitorados em atividade. No total, a Rede estende-se por diversas regiões e marca presença em 44 países.

#### **Quadro 8 – Indicadores gerais de atividade da Rede Brasil Cultural**

Países onde a Rede Brasil Cultural atua	44
Centros culturais brasileiros	24
Leitorados	14
Núcleos de estudos brasileiros	5

Fonte: Rede Brasil Cultural.

Esta presença é mais forte nos países com os quais o Brasil tem maior proximidade geográfica, com a Rede a desenvolver ações em 16 países da região da América Latina e das Caraíbas. Esta região é seguida pela Europa, com 11 países, e África, com 7, onde, com exceção da África do Sul, todos os países são PALOP. Para além destas regiões, a rede está em 6 países da região da Ásia e o Oceânia, 2 países da América do Norte e, ainda, em 2 países do Médio Oriente e Norte de África, como demonstra o quadro abaixo.

## Quadro 9 – Países onde a Rede atua, por regiões

Região	Países
Europa	Alemanha, Croácia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Hungria, Itália, Reino Unido, República Checa, Rússia
América Latina e Caraíbas	Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Guatemala, Guiana, Haiti, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, El Salvador, Suriname, Uruguai
PALOP e África Subsariana	África do Sul, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe
Médio Oriente e Norte de África	Israel, Líbano
Ásia e Oceânia	Austrália, China, Índia, Paquistão, Tailândia, Vietname
América do Norte	Canadá, EUA

Fonte: Rede Brasil Cultural.

São oferecidos vários cursos de língua portuguesa nos centros culturais brasileiros (CCB), alguns deles inaugurados antes de esta própria Rede existir, e ligados às embaixadas e missões diplomáticas brasileiras no estrangeiro. Para além dos cursos, é frequente a realização de seminários e exposições e atividades relacionadas com a música, a dança, as artes plásticas e a culinária, entre outras.

É também no CCB que os estudantes estrangeiros de português se podem inscrever em cursos que servem de preparação para o CELPE-Bras, exame do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, o único certificado de proficiência em português que é reconhecido atualmente pelo Governo Brasileiro. Este exame é aplicado em 23 dos 24 países CCB existentes.

Por fim, a Rede Brasil Cultural tem atualmente 14 leitorados, constituídos por leitores, professores universitários incumbidos de dar aulas em universidades estrangeiras e serem, eles próprios, promotores da língua portuguesa e da cultura brasileira fora do Brasil.

**Quadro 10 – Países e cidades de localização dos leitorados brasileiros no estrangeiro**

Região	Países e cidades de localização
Europa	Alemanha (Heidelberg) Dinamarca (Aarhus) França (Clermont-Ferrand; Paris) Hungria (Budapeste) Reino Unido (Londres)
América do Norte	Canadá (Vancouver) EUA (Cambridge; Davis; Los Angeles) México (Cidade do México)
África	Cabo Verde (Praia) Moçambique (Maputo)
Ásia	China (Cantão; Pequim) Índia (Nova Deli) Vietname (Hanói)
Médio Oriente e Norte de África	Israel (Jerusalém)

Fonte: Rede Brasil Cultural.

Os 14 leitorados estão localizados em 5 países da Europa, 3 países da América do Norte, 2 PALOP, 3 países asiáticos e 1 país do Médio Oriente.

Apesar de o número de leitorados já ter sido consideravelmente superior, os 14 que ainda existem continuam a desempenhar um papel importante ao nível da aprendizagem do português no ensino superior. Além disso, estão presentes em algumas das

mais conceituadas universidades do mundo, como a Harvard University, nos Estados Unidos, recentemente classificada como a 6.<sup>a</sup> melhor universidade do mundo no Ranking The Times Higher Education (THE) de 2019, a University of British Columbia, no Canadá, recentemente classificada como a 37.<sup>a</sup>, ou a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, também considerada uma das 50 melhores do mundo no mesmo *ranking* (47.<sup>a</sup> posição), facto que deve ser realçado.

#### **4. O ILLP– Instituto Internacional da Língua Portuguesa**

Para além do papel de Portugal e do Brasil no ensino e promoção da língua portuguesa no estrangeiro, não podemos deixar de mencionar uma estrutura comum a todos os membros da CPLP, com objetivos semelhantes: o ILLP – Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

Criado em 2002 e com sede permanente na Cidade da Praia, Cabo Verde, o IILP tem como objetivo «a promoção, a defesa, o enriquecimento e a defesa da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais» e ainda a promoção de um contacto mais estreito entre os países da CPLP e as suas respetivas equipas técnicas, permitindo a execução de uma política linguística consensualizada.

Apesar de todas as dificuldades de financiamento, são de destacar duas áreas de atividade:

Um inventário das diferentes variantes do português, o VOC – Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa;

A oferta de cursos abertos *online* e de materiais de ensino da língua no PPPLE – Portal do Professor de Português Língua Estrangeira.

Atualmente, o VOC já possui uma vasta lista de informações que estão disponíveis e podem ser consultadas por qualquer pessoa, via *on line*, de forma totalmente gratuita.

Hoje em dia, a sua base de dados é composta por 300 mil entradas e mais de 2 milhões de formas ortográficas, estando disponíveis os vocábulos da língua portuguesa específicos do Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. Ainda falta acrescentar à mesma os vocábulos específicos provenientes de Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, algo que se prevê poder ser realizado em breve e que naturalmente a enriquecerá.

O PPPLE é, como o nome indica, um espaço *online* dedicado ao ensino e aprendizagem do português como língua estrangeira ou não materna. Este espaço dá especial destaque aos materiais didáticos a ser utilizados por professores de língua portuguesa no estrangeiro, ou por qualquer cidadão que tenha interesse em aceder a esses conteúdos. Dispõe de conteúdos digitais autênticos, oriundos de cada país da CPLP, iguais aos que já existem fisicamente nos materiais didáticos utilizados nos espaços dedicados ao ensino da língua, como aqueles que já mencionámos ao longo deste capítulo. As unidades didáticas disponibilizadas pelo portal têm três níveis de proficiência da língua, sendo o nível 1 mais apropriado para os alunos com um domínio operacional da língua mais limitado e o nível 3 o mais vocacionado para os alunos com um domínio operacional da língua mais amplo. Do nível mais



baixo, passando pelo nível intermédio e acabando no nível mais avançado, as unidades didáticas estão pensadas para o uso da língua portuguesa nas mais variadas situações de comunicação como ler, escrever, ouvir ou falar.

Podemos dizer que principalmente o VOC mas, também, o PPPE, são dois dos instrumentos mais importantes que o IILP e, por consequência, a CPLP dispõem de momento para ir ao encontro dos objetivos expressados no Acordo Ortográfico de 1990 de uma ortografia unificada entre todos os países que têm a língua portuguesa como a sua língua oficial.

#### **4. Notas finais**

No seguimento daquilo que tem sido o trabalho sistemático do Camões I. P., vale a pena realçar o importante trabalho realizado pelo Instituto e o seu relevante papel na promoção da língua portuguesa, bem claro ao longo deste capítulo. O ensino e promoção do português no estrangeiro assenta, fundamentalmente, nesta rede de cursos da responsabilidade do Governo Português destinada fundamentalmente às comunidades portuguesas, mas também a estrangeiros.

Atualmente com mais de 150 mil alunos, num conjunto de escolas portuguesas nos países lusófonos, e num sistema de integração do ensino do português nos currículos das escolas secundárias de vários países, além da rede de leitores e cátedras em universidades, esta rede representa um valor fundamental na afirmação da língua portuguesa como língua global.

Acompanhado do trabalho desenvolvido pela Rede Brasil Cultural, este esforço tem vindo a ser

compensado por um reforço significativo do papel da língua portuguesa no mundo, na cultura, na economia, nos negócios e na comunicação em geral.

Assim, estas três instituições, pelo seu desenvolvimento e articulação em «rede», têm vindo a desempenhar um papel incontornável na divulgação, promoção e principalmente no ensino e certificação da língua portuguesa no mundo (Mendes, 2018), papel que pode e deve ser reforçado, acompanhando a procura e a diversidade de usos, naquilo que a própria língua representa na cultura global.

## Capítulo VI

# **Perceção e uso do português pelos estudantes do Camões, I. P.**

### **1. Introdução**

O interesse pela aprendizagem e estudo da língua portuguesa tem vindo a aumentar nos últimos anos, de acordo com estudos na área, nomeadamente os dados disponibilizados pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, e também os testemunhos de especialistas na área.

Adelino Sousa, professor que se dedica ao ensino da língua portuguesa em oito escolas da região de Paris, em entrevista ao *DN online* de 27 de abril de 2018, nota que aumentou o interesse pelo ensino da língua portuguesa nos últimos anos. Segundo o seu testemunho, cada vez mais há alunos que não são de origem portuguesa e que se inscrevem para aprender português, o que o entrevistado relaciona, em grande parte, com a mudança do estatuto de ELO - Ensino de Língua de Origem. Assinado em 2017, o novo acordo entre Portugal e França determinou

que o estatuto do português passasse a ser EILE - Ensino Internacional de Língua Estrangeira<sup>1</sup>.

Em entrevista à LUSA *online*, a 30 de novembro de 2018, o embaixador Luís Faro Ramos, presidente do Camões, I. P., afirma: «Neste momento estamos em mais de 20 países com o português integrado nos currículos de escolas públicas ao nível do secundário, por isso chegaremos sem grande esforço, daqui por 4 ou 5 anos, aos 30. Assim, passamos dos 15 que tínhamos em 2017 para 30.» No mesmo artigo, refere-se ainda uma afirmação do ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, em setembro, de que o Governo queria «a breve prazo» duplicar o número de países com o português como língua internacional de opção no ensino básico e secundário, passando para 40.

Para melhor enquadrar esta evolução, é fundamental perceber as motivações dos estudantes para a aprendizagem do português como segunda língua. Na obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, coordenada por Luís Reto (2012), refere-se explicitamente que esse maior interesse tem sido atribuído à procura de quadros técnicos para trabalhar em países de língua oficial portuguesa, nomeadamente o Brasil e Angola. Contudo, não há evidência de que sejam essas as motivações para o estudo e o uso da língua portuguesa.

Nesse sentido, neste capítulo, apresentam-se os principais resultados e a análise de três

1 Dispositivo Enseignements Internationaux de Langues Étrangères/Ensino Internacional de Línguas Estrangeiras (EILE), em substituição de Enseignements de Langue et Culture d'Origine/Ensino de Língua e Cultura de Origem (ELCO)

inquéritos aplicados a estudantes do Camões, I. P., nomeadamente:

Inquérito de 2008, aplicado presencialmente a 1263 estudantes de língua portuguesa no estrangeiro (várias regiões do mundo, nomeadamente: Europa Ocidental, Europa de Leste, África, Ásia, América do Norte e Latina, CPLP) e cuja análise está disponível na obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa* (2012);

Inquérito de 2016/2017, aplicado *online* e presencialmente a 1186 estudantes de língua portuguesa no estrangeiro (várias regiões do mundo, nomeadamente: Europa Ocidental, Europa de Leste e Norte, África, Ásia, América do Norte e Latina, Médio Oriente), cuja análise não foi publicada;

Inquérito de 2018, questionário *online* aplicado a 190 estudantes língua portuguesa no estrangeiro (nomeadamente em 7 países africanos não-lusófonos: África do Sul, Costa do Marfim, Egito, Nigéria, Quênia, República Democrática do Congo e Tanzânia) e cuja análise está disponível no *Relatório Empregabilidade em África e Competências Linguísticas: O Caso da Língua Portuguesa* (2019).

Por serem inquéritos com naturezas, formas de aplicação e amostragem muito distintas, não podem ser analisados de forma comparativa, mas apenas descritiva. Porém, na ausência de dados mais sistemáticos, estes afiguram-se como muito relevantes para fornecer um retrato que nos permita tirar algumas conclusões sobre as razões, as motivações e os valores associados ao interesse pela língua portuguesa entre os estudantes estrangeiros, essencial para a compreensão do seu papel enquanto língua

global, nas suas diversas vertentes (cultural, didática, lúdica e pragmática).

## **2. O uso da língua portuguesa**

Os estudantes de português no estrangeiro usam quotidianamente o português em muitos contextos sociais. Numa das poucas questões transversais a cada um dos três inquéritos aplicados ao longo de 10 anos, foi-nos possível apurar em quais desses contextos essa utilização da língua pode ocorrer. Concluiu-se, com alguma naturalidade pelo facto de os inquiridos serem essencialmente de estudantes, que o principal uso quotidiano da língua portuguesa é o estudo. Este foi o contexto mais apontado, obtendo sempre respostas superiores a 70 % em cada um dos três inquéritos, como se pode constatar no quadro 11.

**Quadro 11 – Situações de uso da língua portuguesa nos três inquéritos**

Situações de uso da língua portuguesa	Inquérito de 2008	Inquérito de 2016/2017	Inquérito de 2018
Estudar	91,4 %	74,3 %	78,9 %
Comunicar com amigos/colegas	63,3 %	43,4 %	58,4 %
Viajar	50,8 %	57,3 %	40 %
Em casa	44,4 %	13,9 %	14,2 %
No trabalho	37,8 %	19,2 %	34,7 %
Outras	5,3 %	13,2 %	2,6 %

Depois do contexto do estudo, a utilização mais frequente do português varia entre dois tipos, ambos a alguma distância do uso mais frequente. Esta variação acontece entre a comunicação que é feita

com amigos/familiares e a utilização do português em contextos de viagem, consoante o inquérito considerado.

De seguida, e ainda mais distanciadas, aparecem as utilizações do português no espaço doméstico e no trabalho, também com pequenas diferenças consoante a amostra considerada.

Como visto no inquérito de 2008, a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC), tão característica das sociedades contemporâneas, já era uma prática bastante usual entre os estudantes estrangeiros de língua portuguesa. O acesso à internet era uma realidade da maioria dos estudantes e muitos diziam visitar sítios em língua portuguesa com alguma regularidade. A maioria fazia-o com objetivos instrumentais: estudar, fazer investigação, por razões profissionais ou de comércio *online*. No inquérito de 2016/2017 também se verificou a mesma tendência. Com as alterações ao inquérito, foi possível perguntar aos estudantes quais eram esses sítios. Pudemos verificar que, para além das razões enumeradas anteriormente, muitas das visitas eram de teor informativo (41,1 % responderam visitar «muitas vezes» sítios em língua portuguesa, para ler/ver notícias), sendo as páginas de noticiários e jornais portugueses e brasileiros a liderar a lista dos sítios mais visitados, assim como as enciclopédias e os dicionários *online*, mais consultadas no âmbito do estudo. O fator estudo continuou como razão mais apontada para estas visitas (53,3 % responderam visitar «muitas vezes» sítios em língua portuguesa, para estudar).

As redes sociais, que cresceram exponencialmente na última década, também demonstraram

ser um campo onde a comunicação em português tem lugar: 68,3 % dos utilizadores com acesso à internet admitiram utilizar a língua portuguesa em alguma rede social da qual sejam utilizadores. Por outro lado, a evolução da utilização do português em atividades culturais e lúdicas tradicionais, como o cinema ou televisão, é acompanhada pela própria evolução destes meios, cada vez mais preteridos em prol da internet. Se, no inquérito de 2008, a utilização do português nestes «velhos» *media* era regular (42 % admitiam uma utilização diária e 18 % uma utilização mensal), no inquérito de 2016/2017, mais de metade dos estudantes admitiu nunca usar o português para ver cinema (56,7 %) ou televisão (52 %). Por sua vez, os consumos culturais associados à leitura de livros, revistas e jornais em português mantiveram-se como atividades bastante apreciadas e regulares entre os estudantes. Em 2008, 34 % dos estudantes inquiridos admitiam leituras diárias em português e 22 % semanais. Em 2016/2017, apenas 14,4 % disseram nunca usar o português para ler, 59,7 % admitindo fazê-lo algumas vezes e 25,8 % muitas vezes. O inquérito de 2018, por se centrar mais em questões de empregabilidade da língua, não contemplou informações deste tipo.

Quer no meio *online*, quer fora dele, o uso do português faz-se num quadro bilinguístico e, não raras vezes, plurilinguístico. A diversidade da amostra demonstrou ser bastante grande em qualquer um dos inquéritos. No inquérito de 2008, foram mencionadas 87 línguas maternas diferentes, no de 2016/2017 foram mencionadas 39 e, por fim, no de 2018, 34 línguas maternas. O uso do português vai sendo acompanhado pela utilização destas línguas



maternas, das línguas de escolaridade dos inquiridos (onde se destacam o espanhol e o francês) e, sem surpresa, pelo uso do inglês, a única língua franca do nosso tempo. No inquérito de 2016/2017, apurou-se ainda que, para além da óbvia utilização da língua materna, o português era a segunda mais utilizada diariamente pelos estudantes, apenas atrás do inglês e à frente de outras línguas globais como o espanhol, o francês, o alemão, o árabe, o híndi ou o mandarim.

A utilização da língua portuguesa no futuro também é muito bem vista pelos estudantes. Questionados sobre se pensavam utilizar a língua portuguesa no futuro, 97 % responderam afirmativamente no inquérito de 2016/2017 e 98,9 % no inquérito de 2018. Nestes inquéritos, tal como já acontecia em 2008, as três situações de utilização mais frequentes em que os estudantes disseram pensar vir a utilizar o português foram as mesmas: viajar, comunicar e em situações de trabalho. Em todas elas, as percentagens de utilização futura ultrapassaram as percentagens de utilização presente. Isto é particularmente visível no quadro seguinte.

**Quadro 12 – Usos atuais e expectativas de uso futuro da língua portuguesa nos inquéritos de 2008 e 2016/2017**

	Trabalhar (%)		Viajar (%)		Comunicar (%)	
	Atual	Futuro	Atual	Futuro	Atual	Futuro
Inquérito 2008	37,8	63,1	50,8	78,8	63,3	68
Inquérito 2016/2017	19,2	89,2	57,3	98,5	43,4	98,4
Inquérito 2018	34,7	79,2	40	87,2	58,4	96,8

As percentagens do inquérito de 2008 referem-se às respostas «sim» a cada uma das atividades. As percentagens do inquérito de 2016/2017 e do inquérito de 2018 referem-se à soma das respostas «algumas vezes» e «muitas vezes» a cada uma das atividades.

Os resultados obtidos no que toca ao uso do português permitem-nos observar que os estrangeiros que estudam a língua portuguesa utilizam-na, sobretudo, no seu processo de aprendizagem, seja para estudar os conteúdos dos cursos que frequentam, seja no próprio processo comunicativo com amigos ou colegas.

A utilização da língua é muitas vezes feita de forma mediada. Neste campo, salienta-se a importância de um meio de enorme difusão como a internet, onde o português, enquanto língua supercentral<sup>2</sup>, coexiste com outras línguas globais e, também, com a língua materna e outras línguas de escolaridade dos estudantes. Também através da internet, assistimos ao uso do português nas redes sociais e à procura de páginas de língua portuguesa para fins informativos e lúdicos. Se, por um lado, o consumo de cinema e de televisão em língua portuguesa está a diminuir no seio dos estudantes estrangeiros, por outro, a leitura de livros, jornais e revistas continua a ser significativamente apreciada.

Uma outra vertente em que o português continua a ser apreciado por parte dos estudantes é para viajar. O uso do português em viagens já era uma realidade para mais de metade dos estudantes que

2 *Op. cit.*, capítulo I.

responderam ao inquérito em 2008 (50,8 %) e também para aqueles que o fizeram em 2016/2017 (57,3 %). Em ambos os inquéritos, eram ainda mais aqueles que esperavam vir a utilizar a língua em viagem no futuro. Apenas no último inquérito (estudantes africanos), a taxa de utilização do português em viagens se apresenta abaixo dos 50 % (com 40 %). No entanto, as expectativas de utilização futura da língua, para este caso, são muito elevadas (87,2 %).

Assim, deveremos entender a língua portuguesa como um importante veículo de comunicação em contextos de viagem, um fenómeno que ganha mais força com a crescente atratividade turística de países como o Brasil ou Portugal e com a presença da língua portuguesa, com estatuto de língua oficial, em países espalhados por quatro continentes distintos. Nunca é demais reforçar que o português é das poucas línguas maternas do mundo que desfruta deste estatuto.

Por fim, e dado que a generalidade das amostras dos três inquéritos não tem o português como língua materna, nem o teve como língua de escolaridade básica e secundária, é de presumir que a inscrição nos cursos de língua portuguesa ministrados pelo Instituto Camões I. P., seja entendida como um investimento pessoal com objetivos vários, nos quais se inclui a melhoria de oportunidades de emprego. Se é verdade que, no momento da aplicação dos inquéritos, a maioria dos indivíduos não tinha ainda ingressado no mercado de trabalho, também se pode afirmar que uma pequena parte daqueles que já exerciam uma profissão utilizavam o português em contextos profissionais. No inquérito de 2018, 69,8 % dos estudantes assumiram que possuem

conhecimentos de português tinha «muita utilidade» para encontrar um emprego ou progredir na carreira profissional. No mesmo inquérito, 63,3 % dos estudantes disseram ter, pelo menos, um amigo que encontrou emprego por ter estudado português.

Há uma clara noção, no seio dos estudantes, de que a posse de competências linguísticas de português pode contribuir para o aumento das suas oportunidades profissionais. Também por isto, o português pode começar a ser entendido como uma língua com crescente interesse no mercado de trabalho. A utilização da língua portuguesa em contextos de trabalho não é mencionada por tantos estudantes como aqueles que assumem a sua utilização para estudar, comunicar com colegas ou viajar, mas o facto de ser apontada tantas vezes em amostras cujo núcleo é composto por jovens que ainda não ingressaram no mercado de trabalho e por serem mencionados casos de alunos estrangeiros que conseguiram emprego devido à língua é um aspeto a considerar.

### **3. A Aprendizagem da língua portuguesa**

Tal como dissemos no início deste capítulo, a procura do estudo e aprendizagem da língua portuguesa está a aumentar. Esta procura é bastante diversificada e acontece um pouco por todas as regiões do globo onde o Instituto Camões, I. P., marca a sua presença. Isto é visível através das amostras indicadas anteriormente. Ao inquérito de 2008 responderam estudantes de 41 países do mundo. Ao de 2016/2017 responderam estudantes oriundos de 43 países e de 56 nacionalidades diferentes. Mais recentemente, em 2018, e para um estudo com um

cariz diferente dos demais, responderam pessoas de 7 países africanos não lusófonos. Nos dois primeiros abordámos os motivos que levam os estudantes a investir na aprendizagem do português. Estes são, como seria de esperar, de natureza bastante diversa. Existem igualmente diferenças se tivermos em conta as regiões de origem dos estudantes inquiridos. Nesta parte do capítulo, optámos por não atentar tanto nas diferenças regionais e focarmos-nos mais nas *nuances* gerais dos motivos apontados pelos estudantes para aprenderem português e qual a natureza dos mesmos.

No seio de tanta diversidade, o motivo mais apontado pelos estudantes para aprender português foi o mesmo nos dois inquéritos: ser importante saber mais línguas do que a materna. Tal como já fora mencionado na análise ao primeiro destes inquéritos, este é o motivo que representa um conteúdo mais transversal, remetendo a valorização da língua para vários domínios da sua utilização (profissional, cultural, convivial, etc.). A enumeração dos restantes motivos varia consoante o inquérito em questão. Ainda assim, salientam-se sempre mais os motivos de natureza cultural (a necessidade de conhecer mais sobre as culturas de países de língua portuguesa ou a de ter mais cultura geral), motivos de natureza comunicacional (comunicação com pessoas de outros países e com amigos) e motivos de natureza económica/profissional (ir trabalhar para um país de língua portuguesa ou obter/progredir no emprego), do que os motivos de natureza identitária (comunicar com a família ou aprender a língua dos país/avós), que só tinham mais peso no inquérito

de 2008, precisamente o único que contemplava estudantes oriundos da CPLP.

Com percentagens intermédias mas, ainda assim, significativas, aparecem quase sempre as motivações associadas às dimensões institucional, geográfica, política e estratégica do português, sendo vários os estudantes que mencionam o facto de a língua portuguesa ser oficial em muitos países e também língua oficial em várias organizações internacionais como um dos motivos para a aprenderem. No inquérito de 2016/2017, 38,9 % dos estudantes apontavam ainda o crescimento da língua portuguesa como um motivo «muito importante» para a aprender.

Nesse mesmo inquérito, quase metade dos indivíduos da amostra via com bons olhos a possibilidade de ir viver para um país de língua portuguesa. Aprender português com o objetivo de poder vir a estudar num país onde se fale português foi apontado como «muito importante» por 48,9 % dos estudantes e fazê-lo com o intuito de trabalhar nas mesmas condições foi referido por 46,9 % daqueles que responderam ao inquérito. Em 2008, eram 22,8 % os estudantes que respondiam que poder vir a estudar num país em que se falasse português tinha sido um dos motivos para aprendizagem da língua.

Ainda em relação às experiências de aprendizagem do português, questionaram-se, em 2008, os estudantes sobre se já tinham tido aulas de português antes de iniciarem o curso de português que frequentavam no momento da aplicação do inquérito. Com variações regionais interessantes, apurou-se que 42 % dos estudantes já tinham iniciado o seu contacto com a língua portuguesa e que era nos

países da CPLP que o fenómeno ocorria mais vezes. Este era motivado pelo facto de a língua oficial, e também de ensino, desses países ser, precisamente, o português. Mais de metade dos estudantes (55 %) revelou ainda que tivera conhecimento do curso que decidira frequentar através de publicidade realizada na sua escola ou universidade. Foram menores as referências a tomada de conhecimento através de publicidade na televisão, rádio, imprensa escrita ou internet.

Aos estudantes foi ainda perguntado qual o grau de satisfação com o curso que se encontravam a frequentar. Os resultados obtidos em 2008 revelaram-se tendencialmente positivos no grau de satisfação. Relativamente às facilidades e dificuldades encontradas no momento da aprendizagem do português, verificou-se uma grande variabilidade entre os estudantes. Esta variabilidade verificou-se tanto em 2008 como em 2016/2017. Utilizada uma escala entre 1 e 10, em que 1 significava «muito difícil» e 10 «muito fácil», a média de respostas no primeiro inquérito foi de 5,8 e no segundo foi de 6,1, situando-se ambas em valores intermédios.

#### **4. Avaliações e conhecimento – Um balanço**

Para além da necessidade de conhecer os usos quotidianos do português e de saber quais os motivos pelos quais se decide aprender a língua, houve também a necessidade de medir a valorização que os estudantes estrangeiros faziam dela e aferir os conhecimentos que possuíam sobre diversos aspectos relacionados com a mesma. Tal foi realizado no inquérito aplicado em 2008 e também no inquérito aplicado ao longo de 2016 e 2017. Apresentamos em

seguida um balanço dos resultados obtidos em ambos os casos.

O primeiro aspeto que podemos referir é a valorização muito positiva da língua portuguesa. Em 2008, a generalidade dos estudantes concordava com afirmações que indicavam o crescimento da língua (72 %) e com afirmações que indicavam o aumento da sua procura no ensino (65,2 %). Além disto, a grande maioria dos estudantes também reconhecia a importância do português no mercado de trabalho e nos negócios (93 %). Esta avaliação positiva era feita de forma geral, mas tinha ainda mais peso no seio dos estudantes lusófonos oriundos de países da CPLP. Os estudantes faziam também uma apreciação muito positiva dos benefícios que aprender português lhes trouxera no âmbito da sua formação, para comunicar, no trabalho ou em negócios e também em contextos de lazer ou turismo.

Em 2016/2017, a maioria antevia um crescimento do número de falantes de português (67,4 %), da sua importância no mercado de trabalho e nos negócios (57,1 %), uma expansão tanto da oferta como da procura do ensino (55,3 % e 52,3 %, respetivamente) e da sua importância para o turismo (63,1 %). Para pouco mais de metade dos inquiridos, o único aspeto em que o português se iria manter inalterável era no campo cultural, pensando 51,1 % dos inquiridos que a importância da língua portuguesa na cultura se iria manter idêntica à que percecionavam no momento da aplicação do inquérito.

O segundo aspeto que podemos mencionar é que nem sempre a avaliação dos conhecimentos ou aspetos relacionados com a língua portuguesa é tão positiva como a valorização que os estudantes



fazem dela. Em ambos os inquéritos, fica patente alguma falta de conhecimento sobre a demografia e a geografia dos países de língua oficial portuguesa, bem como de conhecimentos relacionados com instituições ou organizações internacionais. Nas duas amostras em consideração, a esmagadora maioria dos inquiridos encontrava-se no ensino superior, pelo que seria de esperar que o seu nível de conhecimento fosse mais elevado nestas matérias.

No inquérito de 2016/2017 foi perguntado aos estudantes em quantos países o português é língua oficial.

Das opções apresentadas aos estudantes, aquela que reuniu mais respostas foi a que se referia à língua portuguesa como sendo oficial em oito países, uma hipótese que, apesar de se aproximar da resposta correta, não corresponde à realidade. O português é língua oficial em nove países (a lembrar: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) e cerca de 31 % dos inquiridos souberam referir com exatidão essa resposta (nove), a segunda mais referida atrás dos oito países (31,4 %). Juntas as hipóteses, contabilizam-se 62,4 % dos inquiridos, ou seja, a maioria andou perto do valor real, mesmo que não tenha acertado. O facto de o português só se ter tornado língua oficial da Guiné Equatorial em 2010 e de usufruir deste estatuto juntamente com o francês e o espanhol, poderá ajudar a justificar que muitos estudantes se possam ter equivocado na resposta certa. Esta ideia que ganha mais força quando olhamos para as respostas à pergunta que pretendia a identificação dos países em que o português é língua oficial.

Em 2016/2017, a Guiné Equatorial só foi identificada por 18,5 % dos estudantes. Por sua vez, o Brasil e Portugal são os países que mais estudantes conseguem identificar, com taxas de respostas a rondar os 80 %. Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor-Leste foram identificados por mais de 50 % dos estudantes que responderam a esta questão. Juntamente com a Guiné Equatorial, há mais um país com taxas de resposta inferiores a 50 %: Angola. Não deixa de ser uma enorme surpresa que quase 60 % dos inquiridos não aponte um país com a dimensão, importância e potencial de crescimento de Angola. Aliás, quando foi expressamente pedido aos estudantes não apenas um número, mas também o nome concreto de todos os países, as taxas de identificação dos mesmos baixaram como se pode constatar no quadro seguinte:

**Quadro 13 – Nomes dos países onde o português é língua oficial**

Brasil	80,4 %
Portugal	78,2 %
Moçambique	68,5 %
Cabo Verde	67,5 %
São Tomé e Príncipe	57,8 %
Guiné-Bissau	55,5 %
Timor-Leste	55,3 %
Angola	39,2 %
Guiné Equatorial	18,5 %

Com estes resultados, reforçamos uma ideia já apontada no final do inquérito aplicado em 2008: nem sempre a aprendizagem da língua portuguesa é acompanhada pela aprendizagem da respetiva geografia.

Nas perguntas que nos permitiam aferir os conhecimentos dos estudantes no que diz respeito a instituições políticas e culturais ligadas à língua portuguesa existem também respostas aquém do esperado nos dois inquéritos.

**Quadro 14 – Conhecimento de instituições políticas e culturais de língua portuguesa - Inquérito de 2008**

	Sim	Não	Total
Instituto Camões	90 %	10 %	100 %
Comunidade de Países de Língua Portuguesa	64 %	36 %	100 %
Instituto Internacional da Língua Portuguesa	40,5 %	59,5%	100 %
Observatório da Língua Portuguesa	12,4 %	87,6%	100 %

No inquérito de 2008, 90 % dos estudantes diziam, sem surpresa da nossa parte, conhecer a entidade promotora dos cursos que se encontravam a frequentar: o Instituto Camões. Um pouco menos (64 %) dizia ter conhecimento da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e mais de metade não tinha conhecimento da existência do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e do Observatório da Língua Portuguesa. Quando colocada a pergunta «Conhece alguma associação internacional de países de língua que falam português?», no inquérito de 2016/2017, apenas

40 % dos estudantes responderam afirmativamente, sendo de sublinhar que 60 % diziam desconhecer alguma associação política ou cultural deste tipo. Considerando os que conheciam associações deste tipo, 81,1 % diziam saber o que significava a sigla CPLP e 18,4% desconhecia totalmente o seu significado. Mesmo para os estudantes que responderam afirmativamente ao conhecimento da sigla, pouco mais de metade (56,4 %) a indicou de forma correta quando levados a escrever o seu significado. Em termos gerais, seria eventualmente expectável que uma instituição com a abrangência, importância e mais de 20 anos de existência como é o caso da CPLP fosse mais reconhecida pelos alunos de língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Do ponto de vista da caracterização sociodemográfica, os conhecimentos demonstrados em 2016/2017 foram ligeiramente mais satisfatórios do que os de 2008. No primeiro inquérito, demos conta de que a maioria dos estudantes subestimava o número de falantes de português, considerando que este se encontrava abaixo dos 200 milhões. Por sua vez, no segundo inquérito, quando questionados sobre quantos milhões de pessoas falavam português no mundo, a resposta mais comum foi aquela que mais se aproxima da realidade: 250 milhões de falantes.

A parte da avaliação dos conhecimentos dos estudantes estrangeiros passou também por se lhes perguntar se já tinham visitado Portugal e outros países de língua portuguesa. Em 2008, 73,8 % dos inquiridos não tinham ainda visitado Portugal, embora 94,7 % dos que se encontravam nessa situação demonstrassem intenção de fazê-lo no futuro. Dos 26,2 % que já tinham visitado Portugal, 98,7 %

tencionavam voltar a fazê-lo e 97,8 % recomendariam que os seus amigos também visitassem o país. Em 2016/2017, os estudantes que já tinham visitado Portugal eram 65,5 % e, dos que ainda não o tinham feito, 94,6 % tinham intenções para tal.

A existência de visitas a outros países de língua portuguesa (que não Portugal) era uma realidade pouco comum para os estudantes abrangidos pelos dois inquéritos. No inquérito de 2008, 83,6 % dos estudantes não haviam visitado mais nenhum país de língua portuguesa e, em 2016/2017, 81,6 %. Ainda assim, em ambos os casos, o Brasil aparece, de forma expectável, como o país mais visitado.

Os estudantes que dizem já ter visitado Portugal ou outro país de língua portuguesa têm quase sempre origem em países com melhores condições socioeconómicas, o que lhes permite ter mais capacidade para viajar e visitar outros países. Para além dos fatores socioeconómicos, existe também o fator de proximidade geográfica. Este é claro quando grande parte das visitas feitas a Portugal é realizada por parte de estudantes europeus ou quando as visitas feitas ao Brasil são realizadas, sobretudo, por estudantes oriundos da América Latina.

A estes fatores junta-se ainda a atratividade turística de cada país. A capacidade de atração turística é menor em países como Timor-Leste, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, ou mesmo Angola e Moçambique, do que em países como Portugal ou Brasil.

Destes dois países são também a esmagadora maioria das personalidades, cidades, marcas ou empresas que os estudantes estrangeiros conseguem identificar.

No que toca a personalidades, os resultados mostram que, para os estudantes estrangeiros, é mais fácil identificar aquelas que se destacam em áreas como o desporto, a política, a literatura ou a música do que aquelas que o fazem em áreas menos mediáticas, como a ciência.

Em 2008, entre as dez personalidades mais conhecidas pelos estudantes, figuravam quatro de nacionalidade brasileira e seis de nacionalidade portuguesa. Lula da Silva, então presidente do Brasil e único político, liderava uma lista composta por quatro futebolistas, Ronaldinho Gaúcho (brasileiro), Cristiano Ronaldo (português), Ronaldo Nazário (brasileiro) e Figo (português), dois escritores, José Saramago (português) e Paulo Coelho (brasileiro), dois poetas, Fernando Pessoa e Luís de Camões (ambos portugueses), e uma fadista, Amália Rodrigues (portuguesa).

Em 2016/2017, o número de personalidades brasileiras e portuguesas nas dez mais referidas pelos estudantes era equivalente. Numa lista então encabeçada pelo futebolista português Cristiano Ronaldo, figuravam ainda mais dois jogadores de futebol brasileiros, Ronaldo Nazário e Neymar Jr., uma figura política e, também ela, presidente do Brasil no momento da aplicação do inquérito, Dilma Rousseff, as duas fadistas portuguesas Mariza e Amália Rodrigues, os escritores José Saramago (português) e Paulo Coelho (brasileiro) e os poetas Fernando Pessoa e Luís de Camões, ambos portugueses.

As listas das dez marcas de língua portuguesa mais referidas pelos estudantes também se constituíram integralmente por nomes brasileiros e portugueses nos dois questionários onde os estudantes foram «desafiados» a referir nomes. No lado brasileiro,

destacavam-se a petrolífera Petrobrás, as marcas de calçado *Havaianas* e *Azaléia* e as marca de bebidas *Guaraná Antártica* e de doces *Garoto*. No lado português, a transportadora aérea TAP, as marcas de bebidas *Sagres*, *Super Bock* e *Sumol* e os retalhistas Pingo Doce e Continente eram os principais destaques.

O número de estudantes que conseguia identificar nomes de marcas era bastante mais baixo do que o número de estudantes que conseguia identificar personalidades. Este era ainda mais baixo quando o desafio passava por mencionar empresas de língua portuguesa. As taxas de respostas obtidas ajudam-nos a reforçar a ideia de, que apesar de existirem personalidades de língua portuguesa em vários ramos de atividade que conseguem ter uma projeção global, ainda não existem marcas ou empresas de língua com tamanha abrangência e reconhecimento.

Por outro lado, no inquérito de 2016/2017, nomear clubes de futebol ou cidades de países de língua portuguesa revelou-se mais fácil para os estudantes. A lista de clubes de futebol era liderada por clubes portugueses, com o SL Benfica, o FC Porto e o Sporting CP nas três primeiras posições, mas tinha maior predominância de clubes brasileiros (CR Flamengo, Santos FC, SC Corinthians, São Paulo FC, SE Palmeiras e Fluminense FC). A lista de cidades tinha como principal diferença o facto de não se constituir apenas por nomes brasileiros ou portugueses. Maputo, a capital e maior cidade de Moçambique, foi a 10.<sup>a</sup> cidade mais mencionada pelos estudantes e Luanda, também ela maior cidade e capital de um país lusófono (desta feita, de Angola), foi a 6.<sup>a</sup> cidade mais mencionada pelos estudantes. Lisboa liderava

de forma destacada a lista onde ainda apareciam as cidades portuguesas do Porto (2.<sup>a</sup>), Coimbra (4.<sup>a</sup>), Braga (8.<sup>a</sup>) e Faro (9.<sup>a</sup>) e as cidades brasileiras Rio de Janeiro (3.<sup>a</sup>), São Paulo (5.<sup>a</sup>) e Brasília (7.<sup>a</sup>).

As indicações são relativamente fáceis de entender. Dos dez lugares cimeiros, quatro foram ocupados por capitais de países de língua portuguesa (Lisboa, Luanda, Brasília e Maputo), só por si importantes, muito conhecidas e atrativas de diferentes maneiras, os restantes por cidades que, embora não sendo capitais, se constituem em grandes polos populacionais (Rio de Janeiro, São Paulo) e por cidades mais pequenas marcadas pela sua capacidade de atracção turística, como Porto, Coimbra ou Faro.

## **5. Notas finais**

A análise dos resultados apresentados nesta síntese dos inquéritos permite-nos apresentar algumas notas de maior relevância para uma caracterização global do perfil do estudante de língua portuguesa:

- os estudantes de português no estrangeiro usam quotidianamente o português em muitos contextos sociais;
- o principal uso quotidiano da língua portuguesa é o contexto de estudo;
- o português é também frequente e crescentemente utilizado nas redes sociais, que cresceram exponencialmente na última década;
- quer no meio *online* quer fora dele, o uso do português faz-se num quadro bilinguístico e, não raras vezes, plurilinguístico;
- os estudantes referem como muito provável e bem vista a utilização da língua portuguesa no futuro, nomeadamente nas seguintes situações:



- viajar, comunicar e em situações de trabalho;
- para os estudantes, possuir competências linguísticas de português pode contribuir para o aumento das suas oportunidades profissionais.

Os dados permitem-nos afirmar que a procura pelo estudo e aprendizagem da língua portuguesa está a aumentar. Esta procura é bastante diversificada e acontece um pouco por todas as regiões do globo onde o Camões, I. P., marca a sua presença:

- o motivo mais apontado pelos estudantes para os levar a aprender português é: «ser importante saber mais línguas do que a materna»;
- as motivações associadas às dimensões institucional, geográfica, política e estratégica do português foram também apontadas por diversos estudantes, nomeadamente o facto de a língua portuguesa ser oficial em muitos países e também língua oficial em várias organizações internacionais;
- outra importante motivação é a possibilidade de ir viver para um país de língua portuguesa, para estudar ou trabalhar;
- genericamente, nos três inquéritos, é feita uma valorização muito positiva da língua portuguesa, nomeadamente no mercado de trabalho e nos negócios, com um peso particular para os estudantes lusófonos oriundos de países da CPLP;
- porém, é patente alguma falta de conhecimento sobre a demografia e a geografia dos países de língua oficial portuguesa, bem como de conhecimentos relacionados com instituições ou organizações internacionais onde a língua portuguesa seja dominante.

Assim, os dados permitem-nos concluir que o investimento no ensino do português no mundo tem condições para continuar a ser valorizado, nas suas diversas vertentes e em particular pelo seu valor prático para a integração em países de língua oficial portuguesa. Uma maior aposta nas vertentes da cultura e da economia revelaram-se os fatores mais relevantes para o ensino/aprendizagem, a partir, naturalmente, das perceções dos estudantes apreciadas nestes inquéritos.

## Considerações finais

A rápida visita que acabámos de efetuar à formação, apogeu, declínio e renascimento da língua portuguesa mostra-nos bem a fragilidade dos «reinados» linguísticos e as vicissitudes históricas a que estão sujeitos.

No caso da língua portuguesa podemos afirmar, com base em cerca de sete séculos de história, que estamos perante um caso ímpar no universo linguístico moderno.

A partir de uma afirmação difícil face ao galego, ao castelhano e ao latim e apesar dos percalços históricos dos últimos quinhentos anos (incluindo a perda da independência para Castela) a língua portuguesa conseguiu alcançar um lugar inquestionável entre as dez línguas mundiais mais importantes da atualidade, independentemente dos critérios utilizados para construir essa hierarquização.

É um caso único entre todas as comunidades linguísticas modernas, dado que a sua base de partida foi, de longe, a mais pequena, como demonstrámos nos capítulos iniciais. Quando a China já tinha mais de 100 milhões de habitantes ou a vizinha

Espanha 6,8 milhões, o pequeno Portugal rondava apenas 1 milhão de habitantes. Nenhuma projeção poderia supor que cinco séculos depois haveria mais de 260 milhões de falantes e que no fim deste século este número poderá ter duplicado.

Apesar da enorme expansão da nossa língua que acabámos de constatar, enfrentamos ainda enormes fragilidades na nossa comunidade linguística, mas também é necessário dizer que as suas potencialidades não são menores. Vejamos as maiores fragilidades.

A primeira grande fraqueza para a maior imposição do português a nível mundial prende-se com as fragilidades económicas dos países que integram a CPLP. Os dois grandes países africanos (Angola e Moçambique) enfrentam ainda níveis de desenvolvimento económico e humano muito abaixo do seu potencial e o Brasil, hoje a nona potência económica do mundo, não teve o crescimento económico previsto que apontava para que hoje fosse já a quinta economia mundial. Por seu lado, Portugal foi um dos países mais atingidos pela recente crise económica e só agora começou a alcançar os níveis de desenvolvimento pré-crise.

Esta fragilidade económica provoca três grandes efeitos. O mais imediato é a diminuição do «valor de mercado» da língua. Ou seja, quanto mais ricos e influentes forem os países que falam uma determinada língua, mais valor essa língua tem para os falantes segundos dessa língua e, portanto, maiores os investimentos que estarão disponíveis para fazer na sua aprendizagem.

Uma segunda consequência direta reside na falta de investimento em larga escala para aplicar

uma Política de Língua em toda a CPLP, seja a nível interno (língua primeira), seja a nível externo (língua segunda). A nível interno, os desafios são imensos na formação de professores e na produção de materiais didáticos nos PALOP e em Timor-Leste, face às projeções demográficas atrás referidas. A nível externo as debilidades económicas do conjunto dos países da CPLP serão um enorme obstáculo à definição de um Política de Língua Comum a nível mundial, com condições de presença global.

Finalmente, a fraqueza económica da nossa comunidade será um fator muito condicionante para a produção e divulgação de conhecimento científico e de todo o conjunto de produtos resultantes das várias componentes do setor das indústrias criativas, produtos essenciais para a projeção internacional da nossa comunidade de falantes.

Felizmente, a superação das debilidades encontradas depende mais das políticas de cada um dos países que integram a CPLP e do seu conjunto do que de estrangimentos demográficos ou da escassez de recursos naturais, tanto no presente como no futuro.

Na dimensão económica, embora dependendo da evolução da economia a nível mundial, é possível melhorar a governança dos vários países da CPLP, para se atingirem patamares de desenvolvimento económico e de bem-estar ajustados aos enormes recursos naturais disponíveis no conjunto da nossa comunidade linguística. Quanto ao alargamento substancial de falantes de português como segunda língua, este objetivo depende, antes de mais, de uma definição estratégica e de uma Política de Língua para a CPLP e do aumento substancial de recursos a investir para alcançar este desígnio.

De facto, as nossas forças são bastante superiores às nossas fraquezas:

Somos das comunidades com maiores projeções demográficas até ao fim do presente século;

O conjunto dos países da CPLP detém das maiores quantidades de recursos naturais do mundo face à população. Desde as plataformas marítimas, à terra arável, passando pelas reservas de água doce ou aos recursos minerais e energéticos mais diversificados, os países da CPLP estão entre os mais favorecidos do mundo;

Em termos geoestratégicos, os países falantes maternos do português estão presentes em quatro continentes e são uma comunidade linguística determinante em dois deles, América e África, o que permite tecer uma rede de influência e de diplomacia de enorme alcance.

Para começar a ultrapassar as debilidades e explorar intensamente as forças existentes, torna-se urgente que os diversos estados da CPLP, com particulares responsabilidades neste tempo histórico para Portugal e para o Brasil, disponibilizem recursos que permitam efetivar uma Política de Língua no exterior que vá muito para além do ensino de língua portuguesa como língua das diásporas, língua de herança ou língua de cultura. Uma língua que detém a 6.<sup>a</sup> ou 7.<sup>a</sup> posição mundial em falantes maternos e que duplicará o número atual até ao fim do século tem que investir os seus recursos com uma ambição maior. Sem perder de vista estas vertentes fundamentais, é necessário desenvolver um ensino massivo de português como língua segunda nas vertentes práticas de comunicação em comunidades muito mais alargadas do que aquelas que

são atualmente abrangidas pela rede do Instituto Camões ou dos centros culturais do Brasil. Maior investimento, articulação estratégica no conjunto da CPLP e cooperação internacional nestes domínios, sem medo de perda de protagonismos nacionais, são condições essenciais para ter êxito nesta tarefa de interesse comum a todos os países que integram a nossa comunidade linguística.

## Referências bibliográficas

- AHUMADA, I. (2011), «Scientific Spanish: identity in crisis?», in POWELL-DAVIES, P.; OTERO, J. (eds.), *Word for word: The social, economic and political impact of Spanish and English*. Madrid: Santillana Español, pp. 319-328.
- AMANO, T.; GONZÁLEZ-VARO, J. P.; SUTHERLAND, W. (2016), *Languages are still a major barrier to global science*. PLoS Biology 14: e2000933.
- AMORIM, R.; & BALTAZAR, R. (2016), «Línguas e culturas de expressão portuguesa», in SEBASTIÃO, S. (coord.) (2016), *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, Lisboa, ISCSP.
- BERARDO, S. (1982), *Livro do Desassossego*. Ed. Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 16-17.
- CAMÕES, I. P. (2017), Relatório de Atividades 2016. Disponível em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/sobre\\_nos/relat\\_ativ2016.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/sobre_nos/relat_ativ2016.pdf), acessado em 18 de julho de 2019.
- CARDOSO, A. (2018), «Situação linguística em Cabo Verde: em português e kabuverdianu», in PINTO, P. F.; MELO-PFEIFER, S. (org.) (2018), *Políticas Linguísticas em Português*. Lidel.
- CASTELEIRO, J. M. (2016), «A importância crescente da língua portuguesa no contexto mundial», *A Língua Portuguesa no Mundo. Passado, Presente e Futuro*. Edições Colibri, Lisboa, UBI.
- CHAN, K. (2016), *Power Language Index: Which are the World's most influential languages?* INSEAD.
- CHEN, M. (2013) «The effect of language on economic behavior: Evidence from savings rates, health behaviors, and retirement assets». *American Economic Review*, 103: 690-731.
- CHISWICK, B.; MILLER, P. (1995), «The endogeneity between language and earnings: International analyses». *Journal of Labor Economics*, 13: 246-288.
- COUTO, D. (2011), «O papel dos intérpretes ou línguas no império português do século XVI», *Revista HELB*, ano 5, Brasil.
- DELGADO, J.; ALONSO, J.; JIMÉNEZ, J. (2016), *Lengua, empresa y mercado. ¿Ha ayudado el español a la internacionalización?* Fundación Telefónica España.



- DULFANO, Isabel (2013), *Assessing the Economic Value of the Spanish Language*, Global Business Languages, vol. 18, article 2.
- FIDRMUC, J.; FIDRMUC, J. (2014), *Foreign language and trade: Evidence from Quantile Regression*, Munique: CESifo Conference on estimation of Gravity Models of Bilateral Trade.
- FITZGERALD, F. S. (1983), *Suave é a Noite*, Abril Cultural, São Paulo
- FRANKEL, J.; ROSE, A. (2002), «An estimate of the effect of common currencies on trade and income». *Quarterly Journal of Economics*, pp. 437-466.
- GARCÍA DELGADO, J. L.; ALONSO, A. A.; JIMÉNEZ, J. C. (2012), *Valor económico del español: Una empresa multinacional*, Madrid e Barcelona: Fundación Telefónica y Ariel.
- GHEMAWAT, P. (2001), «Distance still matters». *Harvard Business Review*, 79, 8: 137-147.
- GOLDIN, I.; KUTARNA, C. (2019), *A Idade das Descobertas: O Segundo Renascimento*, Lisboa, Temas e Debates.
- Governo de Angola (2016), *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014*. Luanda, Instituto Nacional de Estatística de Angola.
- GRADIM, A.; PIÑEIRO-NAVAL, V. (2019), «Políticas para português e espanhol: a segunda língua de publicação do mundo em teia da ciência», *Informação e Sociedade: Estudos*, vol. 29, n.º 2, pp. 145-160.
- GRIN, F. (2003), «Language Planning and Economics», *Current Issues in Language Planning*, vol. 4, N.1, pp. 1-66.
- GROSSO, M. J. (2018), «Política e ensino da língua portuguesa na Região Administrativa Especial de Macau (pós-1999)», in PINTO, P. F.; MELO-PFEIFER, S. (org.) (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lidel.
- GUTIÉRREZ, R. (2007), «Lengua, migraciones y mercado de trabajo», *El Valor Economico del Español*, n.º 5.
- HAGEMELJER, T.; et al (2018), «Língua e políticas linguísticas em São Tomé e Príncipe», in PINTO, P. F.; MELO-PFEIFER, S. (org.) (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lidel.

- HAMILTON, A. (1727), *A new account of the East Indies*, London, I, p. 12 cit. Lopes, D. (1936), *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Porto, Portucalense, 2.ª ed.
- HAYES, D. (2011), «Primary English language teaching: Another obstacle to educational achievement for the world's poor?», in POWELL-DAVIES, P.; OTERO, J. (eds.), *Word for word: The social, economic and political impact of Spanish and English*. Madrid: Santillana Español, pp. 337-344.
- IALC (2016), *Trends in the Demand for Foreign Languages*.
- ICHINOSE, A. (2018), «Angústias e esperanças espelhadas num pequeno país africano. Questões linguísticas da Guiné-Bissau», in PINTO, P. F.; MELO-PFEIFER, S. (org.) (2018). *Políticas Linguísticas em Português*. Lidel.
- IPBES (2019), *Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services*.
- LAWSON, M., et al. (2019), *Public good or private wealth? Oxfam Briefing Paper: Davos Report 2019*. Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/research/public-good-or-private-wealth>. DOI: <https://doi.org/10.21201/2019.3651>
- LAZEAR, E. (1999), «Culture and language». *Journal of Political Economy*, 107: S95-S126.
- LUÍS, A. A. C. (2016), «A língua e a formação do império português (séculos XV e XVI)», *A Língua Portuguesa no Mundo. Passado, Presente e Futuro*. Edições Colibri, Lisboa, UBI.
- MACHADO, J. B. (2016), «Os castelhanismos nas primeiras obras impressas em língua portuguesa», *A Língua Portuguesa no Mundo. Passado, Presente e Futuro*. Edições Colibri, Lisboa, UBI.
- MARSCHAN-PIEKKARI, R., WELCH, D.; WELCH, L. (1999), «In the shadow: the impact of language on structure, power and communication in the multinational». *International Business Review*, 8, pp. 421-440.
- MARSCHAK, J. (1965), «The Economics of Language». *Behavioural Science*, vol. 10, n. 2, pp. 135-40.
- MELITZ, J. (2008), «Language and foreign trade». *European Economic Review*, 52: 667-699.
- (2018), «English as a lingua franca: Facts, benefits and costs». *The World Economy*, 41: 1750-1774.

- MENDES, E. (2018), «Políticas linguísticas do Brasil no exterior: entre o isolamento e a cooperação», *Políticas Linguísticas em Português*, Lisboa, Lidel.
- Ministério da Relações Exteriores (MRE) (2019), disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/>, acessado a 20 de julho de 2019.
- NUNAN, D. (2003), «The impact of English as a global language on educational policies and practices in the Asia-Pacific Region». *TESOL Quarterly*, 37: 589-613.
- OSTLER, NICHOLAS (2005), *Empires of The World: A Language History of The World*, London, Harper Collins.
- PALAN, N.; SIMÕES, N.; CRESPO, N. (2019), *Measuring fifty years of trade globalization*. Mimeo.
- PINTO, P. F. (2010), *O Essencial sobre Política de Língua*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- PINTO, P. F.; MELO-PFEIFER, S. (coord.); (2018), *Políticas Linguísticas em Português*, Lisboa, Lidel.
- Rede Brasil Cultural (2016), *História dos Centros Culturais Brasileiros*. Disponível em: [http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br/images/Arquivos\\_PDF/Historia\\_dos\\_Centros\\_Culturais.pdf](http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br/images/Arquivos_PDF/Historia_dos_Centros_Culturais.pdf), acessado em 19 de julho de 2019.
- (2019), disponível em: <http://redebrasilcultural.itamaraty.gov.br/>, acessado em 19 de julho de 2019.
- REDONDO-CARRETERO, María; CAMARERO-IZQUIERDO, Carmen; GUTIÉRREZ-ARRANZ, Ana; RODRÍGUEZ-PINTO, Javier (2017), «Language tourism destinations: a case study of motivations, perceived value and tourists' expenditure», *Journal of Cultural Economics*, vol. 41, issue 2, pp. 155-172.
- RETO, Luís (coord.) (2012), *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Texto Editores.
- RETO, Luís; MACHADO, Fernando Luís; ESPERANÇA, José Paulo (2018), *Novo Atlas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.<sup>a</sup> ed.
- RETO, Luís; ESPERANÇA, José Paulo; MACHADO, Fernando Luís; VALENTIM, Fábio (2019), *Empregabilidade em África e Competências Linguísticas: O Caso da Língua Portuguesa*, Lisboa, Instituto Camões.
- SIMÕES, N., CRESPO, N. (2019), *To be there or not to be there: centrality as a measure of closeness to markets*. Mimeo.

- SIMONS, Gary F.; D. FENNIG, Charles (2018), *Ethnologue: Languages of the World*, Dallas, Twenty-first edition.
- SWAAN, Abram (2001), *Words of The World*, London, Blackwell Publishers.
- UIS (2019), *Global Flow of The Tertiary Level Students [base de dados]*.
- United Nations (2017), *World Population Prospects: The 2017 Revision*, Department of Economic and Social Affairs, Population Division.
- (2018), *Trends in International Migration Stock, The 2017 Revision*.
- (2019), *World Population Prospects*, Department of Economic and Social Affairs, Population Division.
- University of Groningen (2013), *Maddison Project Database 2013 [base de dados]*.
- WEBER, G. (1999), *The World's 10 most influential languages. AATF National Bulletin 24: 22–28.*
- World Economic Forum (2017), *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2017*.
- (2019), *The Global Risks Report 2019*, 14.<sup>a</sup> ed.
- ZANDER, L.; MOCKAITIS, A.; HARZING, A. (2011), «Standardization and contextualization: A study of language and leadership across 17 countries». *Journal of World Business*, 46, 296–304.

## **Fontes estatísticas, documentais e institucionais**

Academy of Television Arts & Sciences.  
Berlinale.  
Bibliothèque de la Pléiade.  
Camões, Instituto da Cooperação e da Língua.  
Ethnologue – Languages of The World (*website*).  
Festival de Cannes.  
Instituto Internacional da Língua Portuguesa.  
Instituto Nacional de Estatísticas de Angola.  
Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE).  
International Mathematical Union.  
Internet Movie Database (IMDB).  
Internet World Stats.  
La Biennale di Venezia.  
National Academy of Recording Arts & Sciences.  
Organização das Nações Unidas.  
Organização Mundial do Turismo.  
Pordata.  
Profile Rat.  
Rede Brasil Cultural.  
SCOPUS.  
Social Bakers.  
The Official Website of the Nobel Prize.  
The Pritzker Architecture Prize.  
The World Bank.  
The World Economic Forum.  
The World Factbook, CIA.  
UNESCO.  
UNESCO Index Translationum.  
Wikipédia.  
World Integrated Trade Solution (WITS.)

## Estimativa própria de falantes de português

**Nota:** Constatando, embora, que nem toda a população dos países da CPLP fala português, ou o utiliza como língua veicular, é possível, a partir dos resultados dos últimos censos e outras fontes assinaladas para cada país abaixo, estimar em 252 milhões o atual número de falantes de português na CPLP, consideravelmente acima dos 222 milhões apontados pelo Ethnologue e utilizados na elaboração das ordenações do capítulo IV deste livro. Neste anexo, fundamentamos as previsões que efetuámos.

**Angola.** – A percentagem de falantes de português em Angola (71 %) é retirada da fonte *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014*, do Instituto Nacional de Estatística de Angola, sendo referente à pergunta que visava saber quais «as línguas mais faladas em casa».

**Brasil.** – Foi considerada 98 % da população do Brasil como falante de português. Os 2 % que não foram contabilizados correspondem à imigração no país. A fonte para o total da população é o *World Population Prospects, The 2017 Revision* da ONU (2017).

**Cabo Verde.** – A percentagem de falantes de português em Cabo Verde é de 75 %. A fonte de onde foi retirada esta percentagem é Cardoso (2018).

**Guiné-Bissau.** – A percentagem de falantes de português em Guiné-Bissau é de 27 %. A fonte de onde foi retirada esta percentagem é Ichinose (2018).

**Moçambique.** – A percentagem de falantes de português em Moçambique considerada é 35,5 % da população total do país. A fonte para o total da população é o *World Population Prospects, The 2017 Revision* da ONU (2017). Já a percentagem de falantes considerada tem como base os resultados do Censo de 2017, do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, e foi calculada a partir dos 10 535 905 habitantes que, com 5 anos e mais, sabem falar português.

**Macau.** – A percentagem de falantes de português em Macau é de 2,4 %. A fonte utilizada é Grosso (2018).

**Portugal.** – Foi considerada 96 % da população de Portugal como sendo falante de português. Os 4 % que não foram contabilizados correspondem à imigração no país. A fonte para o total da população é o World Population Prospects, The 2017 Revision da ONU (2017).

**São Tomé e Príncipe.** – A percentagem de falantes de português em São Tomé e Príncipe é de 98,4 %. A fonte onde foi retirada esta percentagem é Hagemeyer *et al.* (2018).

**Timor-Leste.** – Segundo os Censos Nacionais de 2015, a população total de Timor-Leste era composta por 1 183 643 habitantes e apenas 1384 tinham o português como língua materna, o que corresponde apenas a 0,1 % da população.

**Nota final:** A estimativa apresentada é uma soma entre falantes de L1 e L2 nos países da CPLP e Macau à qual se somou a diáspora da CPLP com as mesmas percentagens consideradas para os falantes de cada um dos países. Apenas para o caso de Portugal e do Brasil foi considerada a totalidade da diáspora.

## Anexo 2

### **Países em que são faladas as 110 línguas analisadas no capítulo IV, «Em busca de um ranking de línguas globais»**

Língua e respetiva lista de países onde, pelo menos, 10 % da população são falantes da mesma

**Fontes:** Ethnologue (2019); ONU, World Population Prospects, The 2017 Revision (2017).

**Nota:** Para as línguas cuja totalidade da comunidade linguística não apresenta qualquer país com o mínimo de 10 % de falantes face à sua população total, foram indicadas as percentagens discriminadas em cada país.

**Akan:** Gana.

**Alemão:** Alemanha, Liechtenstein, Suíça.

**Amárico:** Etiópia.

**Árabe:** Argélia, Bahrein, Egito, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Estado da Palestina, Catar, Arábia Saudita, Somália, Sudão, Síria, Emirados Árabes Unidos, Tunísia, Turquia, Iémen, Saara Ocidental.

**Arménio:** Arménia.

**Assamês:** Índia (0,5 % da população).

**Awadhi:** Índia (0,19 % de população) e Nepal (1,7 % da população).

**Azerbaijano/Azeri:** Azerbaijão, Irão.

**Balúchi:** Afeganistão (0,56 % da população), Irão (4,5 % da população), Omã (4,2 % da população), Paquistão (3,4 % da população), Turquemenistão (0,62 % da população), Emirados Árabes Unidos (3,9 % da população).

**Bengali:** Bangladesh.

**Bielorrusso:** Bielorrússia.

**Birmanês:** Myanmar.

**Bhojpuri:** Índia (2,9 % da população), Maurícia (5,2 % da população), Nepal (5,4 % da população).

**Búlgaro:** Bulgária.

**Canarim:** Índia (2,8 % da população).

**Cantonês/Chinês Yue:** China, RAE Macau.



**Cazaque:** Cazaquistão.  
**Cebuano:** Filipinas.  
**Checo:** República Checa.  
**Chittagong/Bengali Chittagoniano:** Bangladesh (8 % da população).  
**Chhattisgarhi:** Índia (1 % da população)  
**Cingalês:** Sri Lanka.  
**Concani:** Índia (0,45 % da população), Quênia (0,007 % da população).  
**Coreano:** República da Coreia, República Popular Democrática da Coreia.  
**Crioulo Haitiano:** Haiti.  
**Curdo:** Iraque, Turquia.  
**Dakhini/Deccan:** Índia (1 % da população).  
**Dinamarquês:** Dinamarca, Gronelândia.  
**Dhundhari:** Índia (0,4 % da população).  
**Eslovaco:** Eslováquia.  
**Espanhol:** Andorra, Argentina, Belize, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Gibraltar, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, Espanha, EUA, Uruguai, Venezuela.  
**Finlandês:** Finlândia.  
**Francês:** Bélgica, Canadá, França, Guiana Francesa, Polinésia Francesa, Mónaco, Nova Caledónia, Reunião, São Pedro e Miquelão, Suíça, Wallis e Futuna.  
**Fula:** Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Senegal.  
**Gan:** China (1,5 % da população).  
**Grego:** Chipre, Grécia.  
**Gujarate:** Bahrein (1,36 % da população), Índia (3,4 % da população), Quênia (0,1% da população), Singapura (0,07 % da população), Tanzânia (0,4 % da população), Zâmbia (0,07 % da população).  
**Hacá:** Taiwan.  
**Hainanês:** China (2,6 % da população).  
**Hariani:** Índia (0,6 % da população).  
**Háúça:** Níger, Nigéria.  
**Hausa:** Ilhas Fíji, Índia.  
**Húngaro:** Hungria.  
**Hokkien/Hokkien Taiwanês:** Taiwan, Singapura.

**Igbo:** Nigéria.

**Ilocano:** Filipinas (6,07 % da população).

**Inglês:** Antígua e Barbuda, Austrália, Bahamas, Barbados, Belize, Bermudas, Ilhas Virgens Britânicas, Camboja, Camarões, Canadá, Caraíbas Neerlandesas, Ilhas Caimão, Ilhas Malvinas, Gibraltar, Guam, Guiana, República da Irlanda, Ilha do Homem, Ilhas Marshall, Nova Zelândia, Ilhas Marianas do Norte, Palau, Singapura, Sint Maarten/São Martinho, Toquelau, Trindade e Tobago, Reino Unido, EUA.

**Iorubá:** Nigéria.

**Italiano:** Itália, Mónaco, San Marino, Santa Sé (Vaticano).

**Japonês:** Japão.

**Javanês:** Indonésia.

**Jinyu:** China (3,3 % da população).

**Khmer/Cambojano:** Camboja.

**Kirundi/Rundi:** Burundi.

**Letão:** Letónia.

**Madurês:** Indonésia (2,56 % da população), Singapura (0,01% da população).

**Magádi:** Índia (1 % da população)

**Maithili:** Nepal.

**Malgaxe:** Madagáscar.

**Malaio:** Malásia, Singapura.

**Malaiala/Malabar:** Índia (2,46 % da população), Singapura (0,46 % da população).

**Mandarim:** China, Taiwan, Singapura.

**Marata:** Índia (5,35 % da população).

**Marvari:** Índia (1,45 % da população), Nepal (0,07 % da população), Paquistão (0,1 % da população).

**Min do Norte:** China (0,77 % da população), Singapura (0,26 % da população).

**Min Oriental/ Min Dong:** Brunei (1,4 % da população), China (0,6 % da população), Malásia (0,8 % da população), Singapura (0,6 % da população).

**Mong:** China (0,54 % da população), Laos (4 % da população), Myanmar (0,01 % da população), Tailândia (0,13 % da população), Vietname (1,11 % da população).

**Mongol:** Mongólia.

**More:** Burkina Faso.

**Neerlandês:** Bélgica, Holanda, Suriname.

**Nepalês:** Butão, Nepal.  
**Nianja:** Malawi, Zâmbia.  
**Norueguês:** Noruega.  
**Oriá:** Índia (2,39% da população)..  
**Oromo:** Etiópia.  
**Panayano:** Filipinas (5,9% da população).  
**Pastó:** Afeganistão, Paquistão.  
**Persa:** Afeganistão, Irão.  
**Polaco:** Polónia.  
**Português:** Andorra, Angola, Brasil, Luxemburgo,  
Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe.  
**Punjabi:** Paquistão.  
**Quéchua:** Bolívia, Peru.  
**Quiniaruanda/Ruanda:** Ruanda.  
**Romeno:** Moldávia, Roménia.  
**Russo:** Bielorrússia, Estónia, Geórgia, Israel, Cazaquistão,  
Letónia, Rússia, Turquemenistão, Ucrânia.  
**Seraiki:** Paquistão.  
**Servo-croata:** Bósnia Herzegovina, Croácia, Montenegro,  
Sérvia.  
**Sindi:** Paquistão.  
**Somali:** Djibuti, Somália.  
**Sundanês:** Indonésia.  
**Suaíli:** Tanzânia.  
**Sueco:** Suécia.  
**Sylheti:** Bangladesh (4,2 % da população) Índia (0,2 % da  
população).  
**Tagalo/Filipino:** Filipinas.  
**Tailandês:** Tailândia.  
**Tâmil:** Sri Lanka.  
**Telugo:** Índia (5,5 % da população), Singapura (0,009 % da  
população).  
**Tigrínia:** Eritreia.  
**Turco:** Chipre, Turquia.  
**Turcomano:** Turquemenistão.  
**Ucraniano:** Ucrânia.  
**Uigure:** China (0,7 % da população), Cazaquistão (1 % da  
população).  
**Urdu:** Bangladesh (0,15 % da população), Índia (3,8 % da  
população), Maurícia (0,06 % da população), Nepal (2,4 %

da população), Paquistão (7,6 % da população), África do Sul (0,02 % da população).

**Uzbeque:** Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão.

**Vietnamita:** Vietname.

**Wu/Xangainês:** China (5,7 % da população).

**Xona:** Zimbabué.

**Xossa:** África do Sul.

**Zhuang:** China (1 % da população), Vietname (0,4 % da população).

**Zulu:** África do Sul.



O livro **O ESSENCIAL SOBRE  
A LÍNGUA PORTUGUESA COMO VALOR GLOBAL**

é uma edição da

**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA**

tem como autores

**NUNO CRESPO, LUÍS RETO, JOSÉ ESPERANÇA, RITA ESPANHA E FÁBIO VALENTIM**

e como coordenador

**LUÍS RETO**

com design e capa do atelier

**SILVADESIGNERS**

paginação de

**UPPERCASE 2020**

revisão de

**INCM**

Edição digital gratuita em maio de 2020

CÓD. 1023986

Imprensa Nacional

é a marca editorial da **INCM**

**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.**

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)

[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional) [prelo.incm.pt](mailto:prelo.incm.pt)

[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)



O E S S E N C I A L S O B R E

# A Língua Portuguesa como Ativo Global

Luís Reto, Nuno Crespo, Rita Espanha,  
José Esperança e Fábio Valentim

Menos de uma dezena de línguas no mundo pode hoje reivindicar o estatuto de língua global, e a língua portuguesa encontra-se nesse restrito grupo. Esta é uma ordenação de línguas que não se reduz apenas ao número de falantes mas que integra várias outras dimensões, como indicadores económicos, de influência ou de dispersão geográfica de cada comunidade linguística. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa possui, assim, um património comum, pertencente por inteiro a todos os seus falantes, que a todos pode trazer vantagens, quer nas relações bilaterais, quer na cena mundial.